



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
CAMPUS MALÊS**

**PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO
CURSO DE BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM
HUMANIDADES**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE - BAHIA
OUTUBRO DE 2019**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

Abraham Weintraub
Ministro da Educação

Alexandre Cunha Costa
Reitor

Andreia Gomes Linard
Vice-Reitora

Edson Holanda Lima Barboza
Pró-Reitor de Ensino de Graduação

Pedro Acosta-Leyva
Diretor do Instituto de Humanidades e Letras do campus dos Malês

Elizia Cristina Ferreira
Coordenadora do Curso de Bacharelado interdisciplinar em Humanidades

Denominação do Curso: Bacharelado interdisciplinar em humanidades

Duração do Curso: 3 anos (mínima) – 4 anos (máxima)

Regime Letivo: Semestral

Turnos de Oferta: Integral com concentração no período noturno

Vagas Autorizadas: 320 vagas anuais

Carga Horária: 2.400 horas

Título Acadêmico: Bacharel em Humanidades

Quadro de professores efetivos vinculados ao curso

Alexandre Antonio Timbane
Ana Cláudia Gomes De Sousa
Ana Rita De Cássia Santos Barbosa
Andreia Cardoso Silveira
Andressa De Freitas Ribeiro
Basilele Malomalo
Bruno Amaral Andrade
Carla Craice Da Silva
Carla Verônica Albuquerque
Carlindo Fausto Antônio
Carlos Heric Silva Oliveira
Carlos Francisco Da Silva Junior
Carlos Maroto Guerola
Caterina Alessandra Rea
Cinthia Regina Campos Ricardo
Claudilene Maria Da Silva
Cláudio André De Souza
Clarisse Goulart Paradis
Cleber Daniel Lambert Da Silva
Cristiane Santos Souza
Cristina Teodoro
Daniel De Lucca Reis Costa
Denilson Lima Santos
Deolindo Nunes De Barros
Eduardo Antônio Estevam Santos
Eduardo Ferreira Dos Santos
Eliane Gonçalves Da Costa
Elizia Cristina Ferreira
Emanuel Alberto Cardoso Monteiro
Enzo Lenine Nunes Batista Oliveira
Ercilio Neves Brandão Langa
Erica Aparecida Kawakami Mattioli
Eric Brasil Nepomuceno
Fabia Barbosa Ribeiro
Fabio Baqueiro Figueiredo
Fernando Jorge Pina Tavares

Giana Targanski Steffen
Giselle Rodrigues Ribeiro
Idalina Maria Almeida De Freitas
Igor Fonseca Oliveira
Igor Ximenes Graciano
Ismael Tcham
Isis Aparecida Conceição
Ivette Tatiana Castilla Carrascal
Joyce Amâncio De Aquino Alves
Josyane Malta Nascimento
Jucelia Bispo Dos Santos
Juliana Barreto Farias
Juliana Dourado Bueno
Juliana Mercia Guilherme
Karl Gehard Seibert
Layla Danielle Pedreira De Carvalho
Lavinia Rodrigues De Jesus
Lia Dias Laranjeira
Lidia Lima Da Silva
Lilian Paula Serra E Deus
Luciana Schleder Almeida
Lucilene Rezende Alcanfor
Ludmylla Mendes Lima
Magno Klein Silva
Manuele Bandeira De Andrade Lima
Maria Andréa Dos Santos Soares
Marcio André De Oliveira Dos Santos
Marcos Carvalho Lopes
Marlon Marcos Vieira Passos
Maria Claudia Cardoso Ferreira
Mariana Da Costa Aguiar Petroni
Marivaldo Cruz Do Amaral
Marli Aparecida Rosa
Mighian Danae Ferreira Nunes
Miriam Sumica Carneiro Reis
Nuno Fernando de Pinho e Silva de Almeida Falcão
Paulo Alves Junior
Paulo Donizeti Siepierski
Paulo Gomes Vaz
Paulo Sérgio De Proença
Pedro Acosta Leyva
Rafael Palermo Buti
Ricardo Matheus Benedicto
Rutte Tavares Cardoso Andrade
Tacilla Da Costa E Sá Siqueira
Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre
Shirley Freitas Sousa
Vania Maria Ferreira Vasconcelos
Wânia Miranda Araújo Da Silva
Zelinda dos Santos Barros

Núcleo Docente Estruturante

Prof.^a Dr.^a Cristina Teodoro Trinidad

Prof.^a Dr.^a Caterina Alessandra Rea

Prof. Dr.^a Elizia Cristina Ferreira

Prof.^a Dr.^a Jucélia Sanos Bispo

Prof.^a Dr.^a Luciana Schleder Almeida

Prof. Dr. Marcio Andre De Oliveira Dos Santos

Prof. Dr. Paulo Donizeti Siepierski

Prof. Dr. Ramon Souza Capelle de Andrade

Prof.^a Dr.^a Zelinda dos Santos Barros

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 - São Francisco do Conde. Localização e ligações rodoviárias, 2016	17
Tabela 1 – População dos municípios dos territórios de identidade Metropolitano de Salvador e do entorno imediato do Campus dos Malês, 2010	18
Tabela 2 - Índices de pobreza e de desenvolvimento humano municipal dos municípios dos territórios de identidade Metropolitano de Salvador e do entorno imediato do Campus dos Malês, 1991-2010	20
Quadro 1 – Resumo da matriz curricular	45
Quadro 2 – Componentes curriculares por semestre ideal (ideal)	49
Quadro 3 - Componentes curriculares por semestre, área de Concentração Relações Internacionais (ideal)	51
Quadro 4 - Componentes curriculares por semestre, área de Concentração Ciências Sociais (ideal)	52
Quadro 5 - Componentes curriculares por semestre, área de Concentração História (ideal)	53
Quadro 6 - Componentes curriculares por semestre, área de Concentração Pedagogia (ideal)	53
Quadro 7 – Componentes curriculares por núcleos	55
Quadro 8 – Componentes curriculares relativos ao Trabalho de Conclusão de Curso	60
Quadro 9 - Atividades complementares por equivalência de carga horária integralizada e carga horária mínima e máxima por bloco	68
Quadro 10 - Atividades de extensão por equivalência de carga horária integralizada	72
Fotografia 1 – Prédio do campus dos Malês	89

SUMÁRIO

1. Apresentação	09
1.1 Contextualização da Instituição de Ensino Superior	13
1.1.1 Perfil e Missão da IES	13
2. Justificativa	22
3. Objetivos	31
3.1 Geral	32
3.2 Específicos	33
4. Base legal	34
5. Formas de ingresso no curso	35
6. Princípios curriculares	36
7. Metodologia	38
8. Processo de ensino-aprendizagem	39
8.1 Da Professora e do Professor	40
8.2 Da(o) Estudante	40
9. Expectativa da formação profissional	40
9.1 Perfil geral das(os) egressas(os)	40
9.2 Competências e habilidades das(os) egressas(os)	42
10. Estrutura e integralização curricular	44
10.1 Fluxograma	49
10.2 Componentes curriculares obrigatórios e optativos	55
10.3 Trabalho de conclusão de curso	59
10.3.1 Projeto de pesquisa	61
10.3.2 Relatório de intervenção social	62
10.3.3 Trabalho em linguagem artística	64
10.3.4 Monografia científica	64
10.3.5 Artigo científico	66
10.4 Atividades complementares e de extensão.....	66
10.4.1 Atividades complementares	67
10.4.2 Atividades de extensão	70
11. Avaliação	74
11.1 Do curso	74
11.2 Da aprendizagem	75
11.3 Do currículo	75
11.3.1 Metodologia de avaliação do currículo	76

12. Apoio ao discente	77
13. Recursos humanos, infraestrutura e acessibilidade	83
13.1 Funcionamento do Colegiado do curso	83
13.2 Atuação do Núcleo Docente Estruturante	85
13.3 Atuação e formação do(a) coordenador(a) do curso.....	87
14. Condições de oferta do curso	88
14.1 Acessibilidade	90
14.2 Comitê de ética em pesquisa	90
15 Ementário	91
16 Referências bibliográficas	153
Controle de revisões	155

APRESENTAÇÃO

Neste documento apresentamos o Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BI em Humanidades), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), do Instituto de Humanidades e Letras do *Campus* dos Malês – IHL - Malês. Trata-se da sua quarta revisão, que acontece depois de cinco anos de existência do nosso curso, às vésperas de formarmos nossas primeiras turmas de segundo ciclo. As atualizações do documento são baseadas em nossa experiência nesses anos, nas dificuldades e nos pontos fortes de nosso currículo tal como ele foi estruturado até aqui.

O curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades nasceu da compreensão sobre a necessária superação dos modelos conservadores da formação acadêmica brasileira, na perspectiva do que orienta a Portaria nº 383 da Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC):

Inspirada na organização da formação superior proposta por Anísio Teixeira para a concepção da Universidade de Brasília, no início da década de 1960, no Processo de Bolonha e nos colleges estadunidenses, mas incorporando um desenho inovador necessário para responder às nossas próprias e atuais demandas de formação acadêmica, a proposta de implantação dos Bacharelados Interdisciplinares constitui uma proposição alternativa aos modelos de formação das universidades europeias do século XIX, que ainda predominam no Brasil, apesar de superados em seus contextos de origem. Implantar o regime de ciclos no Ensino Superior brasileiro amplia as opções de formação no interior das nossas instituições universitárias (BRASIL, 2010, p.3).

Como acréscimo aos investimentos mencionados, apresentamos esta nova proposta, construída coletivamente entre as(os) professoras(es) do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do IHL - Malês, com o compromisso de fazer deste projeto um lugar de encontro, no território entendido como quadro de vida, das necessidades teóricas, sistêmicas e epistemológicas implicadas na necessidade de romper com a afonia no tocante à África, à Diáspora negra, à aplicação das Leis 10.639/2003, 11.645/2008 e 12.711/2012,

à leitura crítica da globalização, à interiorização e à superação de visões ideológicas colonialistas que delimitam as relações, além dos limites consensuais existentes no Brasil, no trânsito dos e entre os países que falam oficialmente a língua portuguesa.

Tais pressupostos são em tese e sublinhando a missão da UNILAB, a expectativa da comunidade interna e externa. Sendo assim, a UNILAB, na sua multiplicidade e, exatamente por causa desse projeto e processo histórico, segue na busca de construir, de forma cada vez mais sólida, uma universidade de qualidade que signifique o questionamento sistêmico do colonialismo, das suas heranças e permanências e do racismo, apontando para a descolonização epistemológica, para a necessidade de articular pesquisa, ensino e extensão em um currículo que seja, efetivamente, um instrumento de percurso e rigor intelectual capaz de assegurar aos nossos estudantes um profícuo e autônomo caminho na apropriação, produção e socialização dos saberes e fazeres no campo das Humanidades, e das muitas formas de intervenção social que eles possibilitam.

O Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades se constitui como o primeiro ciclo de uma formação universitária, generalista, vinculada a um segundo ciclo de formação profissional, nos moldes do que estabelece a Portaria nº 383 SESU/MEC:

Nesta conceptualização, o primeiro ciclo ou Bacharelado Interdisciplinar é o espaço de formação universitária onde um conjunto importante de competências, habilidades e atitudes, transversais às competências técnicas, aliada a uma formação geral com fortes bases conceituais, éticas e culturais assumiriam a centralidade nas preocupações acadêmicas dos programas. Por seu turno, o segundo ciclo de estudos, de caráter opcional, estará dedicado à formação profissional em áreas específicas do conhecimento (BRASIL, 2010, p.3).

Para concretizar este compromisso que é acadêmico e social reafirmamos, na proposta que aqui apresentamos, a convicção de conduzir este projeto de modo a garantir a articulação entre os dois ciclos, em especial proporcionando condições para que as(os) estudantes do BI em

HUMANIDADES possam escolher o caminho a seguir em sua formação profissional mais específica, optando pelos cursos de terminalidades que comporão a sua formação complementar, a saber: Bacharelado em Relações Internacionais, Licenciatura em Pedagogia, História ou Ciências Sociais (prevendo-se a criação futura de novas terminalidades, entre outras, a licenciatura em Filosofia).

Em acordo com o Parecer CNE/CES nº 776, de 3 de dezembro de 1997, que aponta as diretrizes curriculares para os cursos de graduação, é nossa intenção garantir aos bacharéis em Humanidades formados na UNILAB uma estrutura curricular compromissada com a proposta de integração e de cooperação entre o Brasil e os países de língua oficial portuguesa. Com a produção do conhecimento e igualmente com sua socialização, acreditamos que os lugares específicos de nossa atuação não funcionam como limites para o crescimento intelectual e profissional, mas, ao contrário, como lugares de encontro, troca e ampliação dos nossos saberes e práticas e, também, cumprindo aquele que é o maior desafio da UNILAB:

Formar profissionais e cidadãos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais estados membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos e Timor Leste, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional (UNILAB, 2013).

No interior deste projeto, destacam-se a entrada e a manutenção de estudantes estrangeiras(os), oriundas(os) dos países parceiros. Nesse sentido, acreditamos que a estrutura aqui apresentada será um esteio para reflexões e tomadas de atitudes de educadoras(es) e estudantes do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, no sentido de fortalecer Grupos e Linhas de Pesquisa, Núcleos de Estudos, Laboratórios de ensino e pesquisa e, num breve futuro, uma linha de editoração e publicação na qual as nossas habilidades específicas e suas práticas possam se associar, no esforço de intervir propositivamente no ensino, na pesquisa e da extensão no campo das Humanidades. Essas habilidades também passam pela sensibilidade de

aprender a trabalhar não apenas com a temática da diversidade e das relações Brasil-África, mas também pela busca de um currículo em consonância com os pilares e o diferencial da UNILAB em relação às demais Instituições de Ensino Superior (IES).

O que propomos aqui é um curso de graduação em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, que oferece a cada ano letivo, em duas entradas, 320 (trezentas e vinte) vagas anuais, com turmas que podem ser abertas nos três turnos, dando preferência ao turno noturno (que deverá sempre ter ao menos uma turma), a serem preenchidas segundo as normas e as regras de acesso ao ensino de graduação definidas pelos Conselhos Superiores da UNILAB. O curso, seguindo as orientações estabelecidas pela Resolução CNE/CES Nº. 2, de 18 de junho de 2007, que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, será oferecido na modalidade presencial, no espaço destinado à Universidade, localizado na Avenida Juvenal Eugênio Queiroz, s/n, Centro, São Francisco do Conde, Bahia.

O objetivo deste curso é formar bacharéis em Humanidades que possam desenvolver atividades vinculadas às tradicionais instituições da pesquisa social, sejam acadêmicas, sejam aquelas vinculadas ao Estado e às iniciativas privadas, como orienta o Parecer CNE/CES 492/2001¹ mas que também estejam preparados para atuar nas muitas e novas demandas que a contemporaneidade nos coloca: na assessoria à produção artística, na promoção de eventos culturais e na constituição e efetivação de políticas de preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural, que hoje são uma exigência social e política da qual não podemos e não queremos nos furtar. É ainda objetivo da formação aqui proposta, conforme mencionado anteriormente,

¹ O bacharel deverá estar credenciado para a pesquisa acadêmica e eventualmente para a reflexão transdisciplinar” (BRASIL, 2001a, p. 3).

preparar os estudantes para o ingresso nas terminalidades oferecidas no segundo ciclo da formação.

1.1 Contextualização da Instituição de Ensino Superior

Nome da IES: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Endereço: Av. Juvenal Eugênio Queiroz, s/n - Centro, São Francisco do Conde - BA, 43900-000

Documento de Criação da IES: Lei Federal nº 12.289, de 20 de julho de 2010.

1.1.1 Perfil e Missão da IES

A criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) se insere no contexto da expansão da educação superior no Brasil, a partir do aumento de investimentos em ciência, tecnologia e cultura e do número de instituições federais de educação superior (ampliação das existentes e criação de novas unidades). Nesse sentido, o Programa de Apoio a Planos de Restruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) constitui um dos mais importantes e inovadores programas voltados à recuperação do sentido público e do compromisso social da educação superior, dada sua orientação de expansão com qualidade e inclusão. A instalação da comissão de implantação da UNILAB, em outubro de 2008, pelo Ministério da Educação (MEC) e a sanção presidencial por meio da Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010, que dispõe sobre a criação da universidade, espelha concretamente essa política.

A UNILAB está inserida, ademais, no contexto de internacionalização da educação superior, atendendo à política do governo brasileiro de incentivar a criação de instituições federais capazes de promover a cooperação sul-sul com responsabilidade científica, cultural, social e ambiental. Atuando na perspectiva da cooperação solidária, ela valoriza e apoia o potencial de colaboração e aprendizagem entre países, como parte do crescente esforço brasileiro em assumir compromissos com a integração internacional no campo da educação superior. A UNILAB tem como missão produzir e disseminar o saber universal de modo a contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil e dos países de expressão em língua portuguesa – especialmente os africanos, estendendo-se progressivamente a outros países deste continente – por meio da formação de cidadãos com sólido conhecimento técnico, científico e cultural e comprometidos com a necessidade de superação das desigualdades sociais e a preservação do meio ambiente.

A UNILAB, criada pela Lei Nº 12.289, de 20 de julho de 2010, é uma instituição autárquica pública federal de ensino superior, vinculada ao Ministério da Educação. Está localizada em dois estados da federação brasileira. No estado do Ceará, nos municípios de Redenção (Campus da Liberdade e Campus dos Auroras) e município de Acarape (Unidade Acadêmica Palmares); e no estado da Bahia, no município de São Francisco do Conde (Campus dos Malês).

Uma das primeiras povoações coloniais da América portuguesa, São Francisco do Conde foi estabelecida na segunda metade do século XVI no âmbito dos esforços da Coroa de assegurar o controle do território no entorno da Baía de Todos os Santos, em cuja margem leste havia sido fundada a capital do Governo-Geral em 1549, tanto diante da resistência indígena quanto da concorrência de outros países europeus. Da mesma época datam as povoações de Cairu e Jaguaripe, que compartilham com São Francisco do Conde sua posição de força militar, a cavaleiro sobre o mar, na boca de estuários que controlavam o acesso, por barco, ao interior do território.

Ainda no século XVI, a região de São Francisco do Conde passou a integrar a nascente produção de açúcar com mão de obra escravizada, inicialmente indígena, mas logo africana, que conformaria pelos séculos subsequentes a paisagem humana, social, cultural, fundiária, política e econômica a que se refere historicamente como Recôncavo da Bahia – regionalmente diversificada, mas indissociavelmente vinculada a Salvador por meio de uma extensa rede de transportes fluviomarítimos. Já nas últimas décadas do século XIX, essa vinculação náutica que caracterizava historicamente o Recôncavo foi perdendo importância por conta das mudanças econômicas representadas pelo fim da escravidão e, mais tarde, pela industrialização no sudeste do país, até ser definitivamente rompida pelo advento das grandes rodovias de ligação com o novo centro econômico nacional. A Rio-Bahia (BR-116) na década de 1940 e a BR-101, na década de 1960, redesenharam a malha urbana regional, fazendo crescer cidades mais distantes do mar, como Cruz das Almas e Santo Antônio de Jesus, em detrimento das cidades históricas como São Francisco do Conde, Cachoeira e Jaguaripe (SANTOS, 1998).

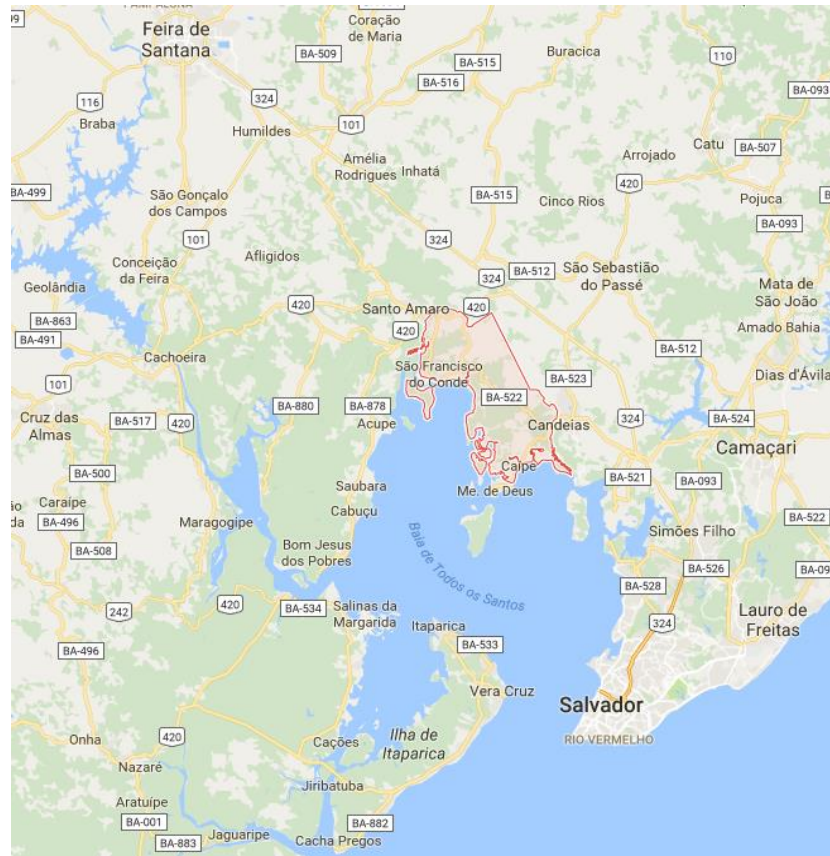
Por outro lado, a exploração comercial do petróleo na Baía de Todos os Santos e a implantação da Refinaria de Mataripe-Landulfo Alves no território de São Francisco do Conde inseriram o município em outras redes regionais, que apontavam tanto para a região de Feira de Santana e Alagoinhas (que tornaram-se entrepostos comerciais e de serviços, em virtude de suas posições estratégicas na nova malha rodoviária) quanto para todo o arco a norte de Salvador (onde projetos de industrialização impulsionados pelo petróleo tomaram corpo entre as décadas de 1960 e 1970, como o Porto de Aratu, o Centro Industrial de Aratu, o Polo Petroquímico de Camaçari e o Terminal Marítimo de Madre de Deus).

Ao mesmo tempo, todo o contorno da Baía de Todos os Santos vem, desde a década de 1970, sendo alvo de projetos de aproveitamento turístico, considerado como sucessor quase natural às atividades predominantemente

rurais de diversas regiões do estado. Na região, o planejamento governamental buscou, num primeiro momento, a constituição de um mercado de veraneio para atender à nova classe operária surgida da industrialização, especialmente na ilha de Itaparica. A partir da virada do milênio, passou-se à tentativa de articular o potencial náutico, paisagístico, ecológico e histórico, com vistas ao turismo internacional – o que se reflete em ações que buscam reforçar a característica paisagística da região, a exemplo da criação de Áreas de Proteção Ambiental, programas de saneamento básico, urbanização de praias e orlas fluviais e marítimas, bem como do incentivo à construção de marinas e equipamentos hoteleiros de alto padrão, estes concentrados em Salvador (SOUZA, 2013).

Esse percurso histórico ajuda a explicar a posição ambivalente de São Francisco do Conde nas divisões administrativas do estado da Bahia ao longo dos últimos cinquenta anos, quando o município foi alternativamente inserido nas regiões administrativas do Recôncavo e da Região Metropolitana de Salvador (RMS). Atualmente, vigoram simultaneamente no estado dois sistemas de regionalização: o das regiões administrativas, criado em 1966 e revisto pela última vez em 2006, e o dos territórios de identidade, criado em 2010, e que vem sendo privilegiado como enquadramento das políticas públicas estaduais, no âmbito de uma política de desenvolvimento territorial baseada no diálogo entre Estado e sociedade civil.

Mapa 1 – São Francisco do Conde. Localização e ligações rodoviárias, 2016



Fonte: Google Maps

Tanto numa como noutra classificação, São Francisco do Conde integra atualmente (2016) a RMS, sendo seu município mais setentrional. Enquanto região administrativa, São Francisco do Conde interliga a RMS às regiões de Cruz das Almas (através de Santo Amaro) e Alagoinhas (por via de São Sebastião do Passé), distando menos de vinte quilômetros da região de Feira de Santana (municípios de Amélia Rodrigues e Terra Nova). Enquanto território de identidade, São Francisco do Conde representa o vínculo terrestre entre a RMS e o Recôncavo (Santo Amaro), mantendo-se muito próximo ao Portal do Sertão (Amélia Rodrigues e Terra Nova).

Neste sentido, cabe considerar, para efeito da análise dos impactos de implantação de cursos superiores no Campus dos Malês da UNILAB, tanto a regionalização estatal do município de São Francisco do Conde na RMS, que

reflete determinadas ligações econômicas recentes, quanto sua inserção histórica numa região que ultrapassa em muito os limites das atuais divisões administrativas, que é o Recôncavo da Bahia, definido como *hinterland* de Salvador e variando em extensão conforme os diferentes séculos. Dessa forma, foram considerados na análise os municípios do território de identidade Metropolitano de Salvador, além dos municípios de Santo Amaro, Saubara, Governador Mangabeira, Cruz das Almas, Muritiba, São Félix e Cachoeira (em outras palavras, o Recôncavo mais diretamente vinculado a São Francisco do Conde).

Tabela 1 – População dos municípios dos territórios de identidade Metropolitano de Salvador e do entorno imediato do Campus dos Malês, 2010

Município	Território	População total	Urbanização (%)
Salvador	Metropolitano de Salvador	2.675.656	99,97%
Camaçari	Metropolitano de Salvador	242.970	95,46%
Candeias	Metropolitano de Salvador	83.158	91,39%
Dias d'Ávila	Metropolitano de Salvador	66.440	94,03%
Itaparica	Metropolitano de Salvador	20.725	100,00%
Lauro de Freitas	Metropolitano de Salvador	163.449	100,00%
Madre de Deus	Metropolitano de Salvador	17.376	97,00%
Mata de São João	Metropolitano de Salvador	40.183	74,22%
Pojuca	Metropolitano de Salvador	33.066	85,82%
São Francisco do Conde	Metropolitano de Salvador	33.183	82,55%
São Sebastião do Passé	Metropolitano de Salvador	42.153	78,55%
Simões Filho	Metropolitano de Salvador	118.047	89,63%
Vera Cruz	Metropolitano de Salvador	37.567	93,82%
Cachoeira	Recôncavo	32.026	51,17%
Cruz das Almas	Recôncavo	58.606	85,12%
Governador Mangabeira	Recôncavo	19.818	37,43%
Muritiba	Recôncavo	28.899	62,42%
Santo Amaro	Recôncavo	57.800	77,45%
São Félix	Recôncavo	14.098	65,72%
Saubara	Recôncavo	11.201	97,74%

FONTE: IBGE, *Cidades @*. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br>

Na tabela acima pode-se observar que os municípios do território de identidade Metropolitano de Salvador apresentam taxas de urbanização acima de 90%, consistentemente superiores aos do Recôncavo, ficando São Francisco do Conde (juntamente com São Sebastião do Passé, Mata de São João e

Pojuca) numa posição intermediária. Isso reflete a realidade do arco a norte de Salvador como espaço de expansão econômica recente, ligada a atividades industriais, bem como os efeitos de um vetor de desenvolvimento econômico que se projeta em direção ao Recôncavo.

Ao mesmo tempo, permanecem entre a cidade capital e seu Recôncavo, nos interstícios dos projetos de desenvolvimento industrial do último meio século, uma ampla gama de modos de vida, atividades econômicas, arranjos socioculturais, práticas culturais e saberes locais, para além de um significativo conjunto patrimonial. Isso porque a constituição histórica do Recôncavo como um espaço diversificado e articulado produziu em todo o território um rico patrimônio, material e imaterial, que se faz presente na memória da arquitetura colonial das fazendas, sobrados, engenhos e usinas, nas edificações das antigas fábricas de charutos, tecido e azeite de dendê, nas estruturas das antigas linhas férreas e, principalmente, na riqueza das práticas, manifestações e modos de vida de suas populações (FRAGA FILHO, 2009).

Essas populações são, majoritariamente, negras (pessoas autodeclaradas pretas e pardas). Para o conjunto do estado, os negros representavam, em 2010, pouco mais de 76% dos residentes (sendo 17% pretos e 59% pardos). Em Salvador, a percentagem de negros era igual à do conjunto do estado, mas havia mais pretos na composição do conjunto, em torno de 20%. No território de identidade do Recôncavo, o percentual de negros subia para cerca de 85%, com um significativo incremento na participação de pretos, que chegam a quase 28%. Por sua vez, São Francisco do Conde era o município baiano com o maior percentual de negros na população, ultrapassando os 90%, sendo aproximadamente 40% pretos (CENSO, 2010).

A região como um todo passou por um processo de diminuição relativa da pobreza e de aumento do índice de desenvolvimento humano a partir de 2000, como se pode ver na tabela abaixo. Em geral, a situação entre 2000 e 2003 refletia uma forte vulnerabilidade social, com índices de pobreza em torno dos 50%, e índices de desenvolvimento humano municipais caracterizados como

baixos, com exceção de Salvador e Lauro de Freitas, por um lado, com desenvolvimento humano médio, e São Félix, por outro, com um índice caracterizado como muito baixo. Em 2010, a maior parte dos municípios tinha índices caracterizados como de desenvolvimento médio, com Salvador, Lauro de Freitas e Madre de Deus com desenvolvimento humano alto.

Tabela 2 – Índices de pobreza e de desenvolvimento humano municipal dos municípios dos territórios de identidade Metropolitano de Salvador e do entorno imediato do Campus dos Malês, 1991-2010

<i>Município</i>	<i>Território</i>	<i>Índice de pobreza (2003)</i>	<i>IDHM (2000)</i>	<i>IDHM (2010)</i>
Salvador	Metropolitano de Salvador	35,8%	0,654	0,759
Camaçari	Metropolitano de Salvador	57,5%	0,551	0,694
Candeias	Metropolitano de Salvador	58,8%	0,548	0,691
Dias d'Ávila	Metropolitano de Salvador	59,3%	0,540	0,676
Itaparica	Metropolitano de Salvador	61,1%	0,522	0,670
Lauro de Freitas	Metropolitano de Salvador	42,7%	0,616	0,754
Madre de Deus	Metropolitano de Salvador	51,2%	0,565	0,708
Mata de São João	Metropolitano de Salvador	47,5%	0,506	0,668
Pojuca	Metropolitano de Salvador	46,2%	0,524	0,666
São Francisco do Conde	Metropolitano de Salvador	55,0%	0,518	0,674
São Sebastião do Passé	Metropolitano de Salvador	45,0%	0,508	0,657
Simões Filho	Metropolitano de Salvador	54,4%	0,545	0,675
Vera Cruz	Metropolitano de Salvador	64,9%	0,521	0,645
Cachoeira	Recôncavo	41,8%	0,516	0,647

Tabela 2 – Índices de pobreza e de desenvolvimento humano municipal dos municípios dos territórios de identidade Metropolitano de Salvador e do entorno imediato do Campus dos Malês, 1991-2010

(Continuação)

<i>Município</i>	<i>Território</i>	<i>Índice de pobreza (2003)</i>	<i>IDHM (2000)</i>	<i>IDHM (2010)</i>
Cruz das Almas	Recôncavo	39,6%	0,574	0,699
Governador Mangabeira	Recôncavo	23,6%	0,514	0,643
Muritiba	Recôncavo	42,4%	0,529	0,660
Santo Amaro	Recôncavo	42,5%	0,516	0,646
São Félix	Recôncavo	53,4%	0,489	0,639
Saubara	Recôncavo	45,5%	0,502	0,617

FONTE: IBGE, *Cidades @*. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br>

Ainda assim, persistem nestes municípios graves desigualdades internas de renda e acesso a serviços de modo geral. No caso específico de São

Francisco do Conde, verifica-se um poder público com grande capacidade de investimento, em virtude da arrecadação oriunda das atividades petrolíferas, em contraposição a uma população com baixa escolarização, o que se reflete em índices extremamente baixos de renda. Por exemplo, em 2010, mesmo após uma década de crescimento econômico e projetos estatais de redução da pobreza, 49,7% da população do município recebia menos de meio salário mínimo mensal per capita. O percentual da população que recebia até um salário mínimo por mês chegava a 79,1%. Rendas mensais maiores que dois salários mínimos por pessoa estavam restritas a apenas 15,7% da população, sendo esta fatia composta principalmente por servidores públicos e empregados nas atividades ligadas ao petróleo. Entretanto, não há oferta de produtos e serviços no município suficiente para satisfazer as necessidades de consumo dos assalariados das faixas de renda mais altas, o que resulta em uma situação de permanente escoamento de recursos em direção a Candeias, Madre de Deus, Santo Amaro e Salvador.

As instituições de ensino de nível superior podem e, de certa forma, já têm representado um passo importante na mudança de alguns aspectos neste quadro regional, considerando a formação de profissionais que poderão ser recrutados a atuar na área da educação e em outras áreas, bem como através de suas ações de extensão. Até 2004 o Recôncavo dispunha apenas de duas instituições públicas de ensino superior, o campus de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em Santo Antônio de Jesus, e o campus de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Cruz das Almas. A partir do processo de expansão e interiorização das instituições de ensino iniciado no país, neste período foi criada em 2005 a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com campi em Cruz das Almas (cedido pela UFBA), Santo Antônio de Jesus, Amargosa, Santo Amaro e Cachoeira, e oferecendo uma ampla gama de cursos nas diversas áreas do conhecimento. Entretanto, tanto o arco a norte da Região Metropolitana de Salvador quanto a orla ocidental da Baía de Todos os Santos permaneceram

carentes de investimento público em educação superior, uma situação agravada pela precariedade dos serviços de transporte público intermunicipais, que se constituem como fortes entraves à mobilidade e consequentemente ao acesso das populações dessas duas zonas à educação superior.

Nesse sentido, a implantação da UNILAB em São Francisco do Conde, em 2012, significou o primeiro passo para aproximar essas populações da possibilidade de acessar a formação universitária. Projetos recentes de mobilidade, como a integração do metrô de Salvador ao sistema rodoviário intermunicipal, e a perspectiva futura de um Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) integrando o metrô aos municípios do arco setentrional da RMS apontam também no sentido de uma forte expansão a médio prazo do acesso dessa população à oferta pública de ensino superior, em um contexto regional de forte demanda reprimida, que permite a projeção de intensos e abrangentes impactos positivos na capacitação da força de trabalho e na empregabilidade, resultando numa melhoria geral da renda e da qualidade de vida da RMS, em especial de seu arco norte.

2 JUSTIFICATIVA

A criação do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades justifica-se pelo reconhecimento da pertinência de inúmeros documentos produzidos pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) que buscam orientar e traçar diretrizes ao desenvolvimento e expansão do Ensino Superior no Brasil e, acreditamos, podem constituir importantes indicações à formação das(os) jovens brasileiras(os) e dos países parceiros da UNILAB.

Do mesmo modo, o Bacharelado de Humanidades deve ser pensado também a partir do contexto brasileiro, de interiorização das universidades, da aplicação das Leis 10.639/2003, 11.645/2008 e 12.711/2012; na relação das

diásporas africanas com a África, da globalização; e da própria UNILAB, quanto às terminalidades ofertadas na Instituição, de modo nuclear, de uma concepção de trabalho interdisciplinar fundada na renovação das disciplinas e, por sua vez, delimitada pelo entendimento da realidade histórica interna e externa da universidade.

Os documentos do MEC e do CNE apontam a fragilidade da formação e o desconhecimento dos candidatos à educação superior, principalmente com relação às complexidades do mundo do conhecimento. Assim, “meninos e meninas, de 17 anos, às vezes menos, precisam decidir se serão médicos, advogados, professores, economistas, cientistas, filósofos ou poetas, opção que lhes assombrará todo o percurso de estudos universitários” (BRASIL, 2004, p.21). Além disso, completa o documento, o “candidato à educação superior precisa saber que profissão terá, antes mesmo de claramente entender a complexidade do mundo do conhecimento. É candidato à profissão antes de ser candidato ao saber” (Idem).

Segundo os *Referenciais Orientadores para Bacharelados Interdisciplinares e Similares* (Portaria SESU/MEC n. 383), apresentado à Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, em sua reunião de 7 de julho de 2010:

A recente ampliação da oferta de vagas nas formações de graduação abriu oportunidades para uma mudança expressiva do perfil estudantil. De fato, as ampliações não apenas aumentaram quantitativamente o acesso à universidade em relação a épocas imediatamente anteriores. Resultante de vários fatores, como oferta de vagas em cursos presenciais noturnos, implantação de políticas de ações afirmativas, novas formas de ingresso e aumento da oferta de vagas na modalidade semipresencial ou à distância, o perfil estudantil sofreu uma mudança qualitativa que impactou sensivelmente as demandas de formações de graduação, a estrutura curricular, as práticas educativas e de avaliação, assim como os processos deliberativos no interior das universidades. Diante disso, o modelo tradicional de uma graduação longa, com itinerários de formação rigidamente pré-definidos, voltada para uma profissionalização precoce e dotada de uma estrutura curricular engessada começou a dar sinais de esgotamento progressivo (BRASIL, 2010, p.2).

As realidades educacionais, pedagógicas e sociais não se alteram nomeando-as; é imprescindível agir sobre elas. A partir desse lugar, concebemos o projeto pedagógico como a arte ou o dispositivo político capaz de revelar a sociedade, o mundo e, na mesma esteira, reorientar o ensino, a aprendizagem e os demais dispositivos necessários ao processo educativo. O Projeto Pedagógico do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da UNILAB é um instrumento curricular, isto é, artefato social, cultural e histórico a quem cabe, no plano da sistematização de conhecimento, a relevante tarefa de agir sobre as realidades dos países que falam oficialmente a língua portuguesa, com a ampliação dos horizontes de identificação ética, no contexto da interiorização das universidades no território brasileiro, das diásporas, do racismo à brasileira, do colonialismo e de pós-independência no continente africano, da globalização, da descolonização e da renovação das disciplinas históricas, das vias de (re)aproximação entre a África e o Brasil, numa relação dialógica com as realidades aqui expostas, efetivando uma noção de trabalho interdisciplinar que se ocupe dessas realidades no cotidiano da UNILAB e, profundamente, no ensino, na pesquisa e na extensão.

Sendo assim, o que se busca é realizar o que propõem as Diretrizes Gerais da UNILAB, na definição de sua missão:

Produzir e disseminar o saber universal de modo a contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil e dos países de expressão em língua portuguesa – especialmente os africanos, estendendo-se progressivamente a outros países deste continente – por meio da formação de cidadãos com sólido conhecimento técnico, científico e cultural e comprometidos com a necessidade de superação das desigualdades sociais e a preservação do meio ambiente (UNILAB, 2015, p.12).

Destacamos, na missão da UNILAB, a centralidade dos países de expressão oficial em língua portuguesa, mas também o projeto deve estender-se progressivamente a outros países do continente africano. A delimitação registrada pelo documento oficial da UNILAB é precisa, ou seja, a relação com a

África é a questão central e, por essa razão, deverá ocupar os esforços teóricos, epistemológicos e metodológicos no processo de ensino e aprendizagem.

Na construção de um projeto de formação intelectual e profissional como o que aqui se apresenta isso se traduz na proposição de garantir, através de uma estrutura curricular bem definida do ponto de vista do BI em Humanidades e das terminalidades, um percurso em que a interdisciplinaridade seja uma exigência cotidiana, assim como os cuidados para uma permanente atualização dos conteúdos, das teorias e dos métodos de ensino e pesquisa, tanto quanto dos recursos sociais, políticos e tecnológicos adequados para garantir nossas diferentes maneiras de compreensão da sociedade brasileira e das sociedades dos países parceiros.

A concepção de trabalho interdisciplinar que será orientadora das articulações ou das vias de aproximação, por exemplo, da relação entre a África e diáspora africana, da interiorização, da globalização e dos países que falam oficialmente a língua portuguesa, necessita de uma forte compreensão teórica fundada num sistema de conceitos. O Projeto Pedagógico do BI em Humanidades exige ou pede uma formulação precisa do trabalho interdisciplinar e do lugar da filosofia no processo de ensino, aprendizagem e, sobretudo, na aproximação do objeto “comum” de preocupação e estudo da comunidade UNILAB. Segundo o geógrafo e filósofo baiano Milton Santos:

Existem várias disciplinas, a geografia, a sociologia, a antropologia, a economia. Cada disciplina possui um módulo que a identifica e a distingue das demais. O que faz com que uma disciplina se relacione com as demais é o mundo, o mesmo mundo que, no seu movimento, faz com que a minha disciplina se transforme... Todas as disciplinas têm sua relação com o mundo. Quando no processo de informá-la, colocamos o mundo dentro de uma disciplina, e dele fazemos a inspiração mãe, temos a metadisciplina. Por isso, o mundo é que permite que se estabeleça um discurso inteligível, um canal de comunicação entre as disciplinas. (Milton Santos *apud* SEABRA, CARVALHO, LEITE, 2000, p. 50)

Nesta perspectiva, o Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pretende dar uma formação a(ao) futura(o) bacharel dentro de

uma orientação interdisciplinar, que lhe permita desenvolver aptidões voltadas para a prática da pesquisa social em todas as suas possibilidades, bem como prepará-la(lo) para o ingresso nas terminalidades específicas. O desenho curricular do BI em Humanidades deve refletir de modo teórico e prático o contexto diaspórico. Afinal, os currículos não são entidades preexistentes e autônomas. Consequentemente, propomos formar uma(um) bacharel em Humanidades apta(o) a lidar com a transformação do conhecimento e das reflexões sobre as múltiplas relações entre a África e o Brasil e o Timor Leste, e de pesquisa no contexto atual.

Tendo em vista a perspectiva interdisciplinar acima delineada por Milton Santos e considerando também a definição dos cursos de BI presente na portaria SESU/MEC No. 383, que diz que:

Os cursos de BIs proporcionam uma formação com foco na interdisciplinaridade e no diálogo entre áreas de conhecimento e entre componentes curriculares, estruturando as trajetórias formativas na perspectiva de uma alta flexibilização curricular. O caráter interdisciplinar dos projetos deve ser garantido pela articulação e interrelação entre disciplinas, dentro das grandes áreas, e entre as grandes áreas.

Propomos que a(o) estudante tenha acesso às várias linguagens das Humanidades. Assim, o curso será concebido em três momentos ou fases. Na primeira fase o estudante deverá fazer as disciplinas obrigatórias do núcleo comum da UNILAB e do núcleo de Humanidades. Já na segunda estão as disciplinas optativas do curso de Humanidades organizadas a partir de eixos temáticos, dentre os quais poderá optar (e que configuram as orientações teórico-pedagógicas de nosso PPC). Por fim, a terceira fase visa orientar a formação da(o) bacharelanda(o) para escolha do segundo ciclo a partir das áreas de concentração ligadas aos cursos de terminalidade ofertados pelo IHL – Malês (e eventualmente em intercâmbio com o IH - Ceará). Os eixos temáticos do BI em Humanidades se alinham com a Missão e Diretrizes da UNILAB e apresentam a seguinte subdivisão: Estudos Africanos, Estudos da Diáspora

Negra e Estudos de Interseccionalidade entre gênero, raça, sexualidades e classe.

Este documento se fundamenta em orientações gerais abaixo relacionadas:

- instituição do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, ofertado nos três períodos, preferencialmente em período noturno;
- instituição de estrutura curricular por eixos temáticos (incluindo a opção de uma formação generalista) e áreas de concentração, com disciplinas optativas e atividades complementares, que permita que a(o) estudante se matricule em todas as disciplinas oferecidas e que compõem os eixos e áreas, oferecendo condições concretas para a conclusão da graduação no seu tempo ideal de duração (considerando os cursos de segundo ciclo ou terminalidades).
- determinação de prazo mínimo de duração de 03 (três) anos e de prazo máximo de duração de 4 (quatro) anos para conclusão do curso;
- equilíbrio de carga horária das disciplinas curriculares, predominando aquelas de 60 horas-aula;
- definição de um conjunto de referências básicas para o curso, que expresse literatura fundamental a ser consultada durante a vida acadêmica, que represente referências teórico-metodológicas essenciais para uma formação profissional de qualidade;
- exigência de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo objetivo é consolidar os estudos investigativos, bem como estimular a(o) graduanda(o) prosseguir estudos no segundo ciclo de graduação e em nível de pós-graduação.

As estratégias propostas neste documento levam em consideração uma prática docente e de pesquisa capaz de lidar com os desafios impostos pela sociedade da informação.

O currículo deve trabalhar com as dimensões de ensino, pesquisa e extensão, teoria e prática; deve prever articulações entre os diferentes aspectos

da formação da(o) bacharel em Humanidades. Consideramos que uma política de formação profissional deve ser marcada pelo domínio de produção e divulgação dos conteúdos, requisitos básicos para formar bacharéis competentes, não perdendo de vista as necessidades da sociedade onde se insere e o desenvolvimento recente das Humanidades como ocorre nas demais plagas brasileiras e estrangeiras.

Apresentamos, portanto, um curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, presencial. O público-alvo é de estudantes egressos do ensino médio do Brasil e dos países parceiros da UNILAB. Defendemos para este Curso o princípio que orienta as Diretrizes Curriculares Nacionais, incluindo decisivamente a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e o ordenamento jurídico das Leis 10.639/2003, 11.645/2008 e 12.711/2012; ou seja, a compreensão do saber/fazer e a consequente renovação das Humanidades, prevendo entre elas a filosofia africana e as disciplinas históricas, como exercício de compreensão crítica das dinâmicas das sociedades e culturas brasileiras e africanas.

Ao longo do curso, pretendemos discutir as transformações que ocorrem no campo do conhecimento das Humanidades, a partir de uma ampla revisão de literatura e, neste escopo, das historiografias colonizadoras e reprodutoras do racismo e de práticas até então desenvolvidas sem articulação e respeito teórico e metodológico, entre outras, às questões raciais, de gênero, de sexualidades, de geração, de classe e de superação da afonia no que tange à África, as suas diásporas e o Timor Leste.

Partimos do pressuposto de que somos possuidoras(es) de saberes culturais, entendidos, aqui, como o acervo de conhecimentos, realizações, progressos, regressões, utopias, desencantamentos, que resultam da aventura que construímos nas inter-relações sociais e nos currículos dos lugares e expandidos pelos movimentos sociais e sistemas culturais negro-brasileiro e negro-africano e igualmente, destacando o Recôncavo Baiano e os países parceiros da UNILAB.

Negritando que o ensino e a aprendizagem são especificidades humanas e não se limitam aos espaços educativos formais, acreditamos em uma educação em que a(o) graduanda(o) seja sujeito capaz de propor, de questionar. Defendemos, então, uma educação, isso é, uma perspectiva curricular e de ensino e aprendizagem que aproveitem nas sistematizações do BI em Humanidades essa capacidade das(os) estudantes e dos processos educativos não formais. Consideramos que a proposta para se repensar a prática docente é a pesquisa, a reelaboração do conhecimento por estudantes e professoras(es) de forma dialética e cotidiana. Nesse cenário, a aula tradicional terá um papel coadjuvante, sendo que o indispensável será a orientação e o acompanhamento atento da(o) professora(o).

Não estamos sugerindo que as aulas expositivas sejam suprimidas, mas repensadas, para que sejamos capazes de fazer a transposição do monólogo ao diálogo permeado pelas discussões alusivas às novas tecnologias. Em um mundo que exige novas competências, habilidades e um amplo letramento não apenas no acesso aos sistemas técnicos em si, mas um rigoroso e sistemático entendimento do fenômeno técnico no bojo da compreensão de como se define e funciona a globalização atual.

Na qualidade de professoras(es), de educadoras(es), devemos compreender que as(os) estudantes têm conhecimentos e habilidades que devem ser considerados; são produtores de cultura, de um conjunto complexo de saberes que se acionados de forma competente, metódica, permitirá que estudantes e educadoras(es) enfrentem os desafios que circundam e angustiam o ensinar e o aprender, o saber fazer, a pesquisa. Daí a importância de considerar as falas, as propostas, as habilidades, as competências que existem em cada um de nós.

Neste sentido, se faz urgente a observação de algumas questões, tais como:

- a necessidade da formação teórica e metodológica que permita à(ao) graduanda(o) a compreensão dos níveis prático e teórico do conhecimento no campo das Humanidades;
- dinamizar a discussão de caráter científico do conhecimento, permitindo a religação de saberes entre teorias e conteúdos das diferentes disciplinas ministradas na academia;
- permitir à(ao) graduada(o) diminuir o fosso que separa a produção intelectual da academia das instituições de pesquisa, dos movimentos sociais, culturais e da sociedade como um todo;
- possibilitar maior consciência e clareza, por parte das(os) docentes e das(os) discentes em relação à pluralidade dos enfoques teóricos e metodológicos, a elaboração e operacionalização de conceitos e conhecimentos na área de humanidades;
- propiciar uma reflexão crítica sobre sociedade, economia, cultura, arte e política no Brasil, na África, nas diásporas e de uma maneira global, com ênfase nos países que falam oficialmente a língua portuguesa e em suas relações com o Brasil;
- propiciar uma formação que assegure a reflexão crítica sobre a dinâmica das relações étnico-raciais no Brasil, apontando caminhos para a superação de preconceitos e discriminações fundadas em questões raciais, de gênero, orientação sexual, de classe, geração e, mais do que a denúncia ao racismo antinegro, processar mudanças no sistema interno da UNILAB, no material didático, nas avaliações e na superação do epistemicídio;
- possibilitar, no transcurso da formação das(os) bacharelandas(os), a reflexão sobre o meio ambiente e suas ligações com o desenvolvimento social e político;
- firmar um Projeto Pedagógico que permita efetivamente a religação dos saberes, a divulgação do conhecimento e a aproximação da(o) graduanda(o) com os problemas da sociedade na qual vive;

- permitir a socialização dos saberes e das práticas de pesquisa;

A preocupação do Curso é a formação de bacharéis em humanidades conscientes e capazes do exercício futuro – na profissão e/ou na pesquisa – atentas(os) ao fato de que o saber histórico é resultado de um trabalho produzido historicamente.

Como mencionado, o curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades corresponde ao 1º ciclo formativo da área das ciências humanas, sendo que o 2º ciclo de formação será composto pelas chamadas “terminalidades” em diferentes cursos – visando a profissionalização – em que o(a) estudante escolhe a segunda formação entre as seguintes possibilidades: Bacharelado em Relações Internacionais, ou Licenciatura em Pedagogia, História ou Ciências Sociais (prevendo-se a criação futura de novas terminalidades tais como a licenciatura em Filosofia)

3 OBJETIVOS

Considerando os Referenciais Orientadores para Bis e Similares (portaria no. 383/SISU MEC) que prevê que

O primeiro ciclo ou Bacharelado Interdisciplinar é o espaço de formação universitária onde um conjunto importante de competências, habilidades e atitudes, transversais às competências técnicas, aliada a uma formação geral com fortes bases conceituais, éticas e culturais assumiriam a centralidade nas preocupações acadêmicas dos programas. (BRASIL, 2010)

Ao passo que o segundo ciclo deve se dedicar à formação profissional nas áreas específicas do conhecimento. O Curso de Bacharelado interdisciplinar em humanidades do IHL – Malês objetiva formar bacharéis para o exercício da pesquisa e demais atividades inerentes ao ofício; capazes de pensar e agir

frente aos problemas da sociedade e da produção e difusão do saber social, no contexto sociocultural no qual estão imersos.

O curso deve propiciar às (aos) graduandas(os) a alternativa de atuarem na continuidade dos estudos acadêmicos, nos estudos não formais e/ou estruturados pelos movimentos sociais e congêneres, no mercado de trabalho específico, bem como prepará-los para o ingresso qualificado nos cursos de terminalidades específicas ofertadas pela UNILAB no Campus dos Malês.

Humanidades é uma área do conhecimento ampla e complexa, que tem instrumentos capazes de sensibilizar as pessoas quanto ao seu papel nos contextos socioculturais nos quais se inserem. Levando-se em consideração que o currículo compreende um conjunto de experiências de vida dos(as) educadores(as), dos(as) educandos(as) e dos processos históricos da humanidade, que visam ao atendimento de objetivos, o que inclui os meios de avaliação, e, diante da constatação da necessidade dos currículos adaptarem-se às necessidades e aos anseios da sociedade, entendemos que deverão conter mais do que conteúdos a serem apreendidos, deverão desenvolver capacidades que melhorem a vida do indivíduo como cidadão e profissional comprometido(a) com a transformação social.

3.1 Geral

Ofertar uma formação acadêmica que vise proporcionar um conhecimento amplo dos vários campos referentes às humanidades, de maneira a construir uma base teórica sólida dentro das possibilidades diversas dessa grande área, constituindo assim um espaço-tempo para o amadurecimento das questões que envolvem a escolha crítica e qualificada do campo de formação específica.

3.2 Específicos

- Formar bacharéis em Humanidades capazes de atuar junto a Instituições de pesquisa, museus, arquivos, organizações não governamentais e demais instituições afins, públicas e privadas, de modo a promover a construção, preservação e disseminação do conhecimento social, bem como de incentivar a formulação de políticas públicas que desenvolvam um processo contínuo de aprimoramento democrático.
- localizar e estudar os campos das Humanidades e suas mudanças ao longo do tempo, de modo a compreender as possibilidades de construção e integração do conhecimento na perspectiva da cooperação Sul-Sul entre os países parceiros da UNILAB;
- localizar e estudar os campos das Ciências Humanas, aprofundando os estudos africanos, das diásporas, da filosofia africana e brasileira e suas mudanças ao longo do tempo, de modo a compreender as possibilidades de construção do conhecimento em suas múltiplas formas de interpretar e produzir saberes interdisciplinares em Humanidades;
- analisar e questionar os sistemas hegemônicos de pensamento herdados da história colonial e ainda presentes no discurso e nas referências das ciências humanas;
- discutir e resgatar as contribuições de produções de pensamento e modelos epistemológicos elaborados por grupos minoritários e subalternizados em termos de raça/etnia, nacionalidade, cultura, classe, geração, gênero e sexualidade;
- estudar e analisar no horizonte das Humanidades as transformações político-sociais, culturais, religiosas, linguísticas, ambientais e econômicas, que ocorreram e ocorrem no Brasil, nas diásporas, no continente africano, e nos demais países parceiros da UNILAB;
- proporcionar experiências de pesquisa e desenvolvimento de projetos que capacitem as(os) graduandas(os) para a produção do conhecimento

no campo das Humanidades e para sua socialização através de textos de sistematização e divulgação acadêmicos;

- formar bacharéis e encaminhar ao segundo ciclo futuros profissionais que valorizem e incrementem o estudo e a difusão das culturas do Brasil, dos países parceiros e das diásporas africanas, respeitando suas identidades e peculiaridades.

4 BASE LEGAL

Os Bacharelados Interdisciplinares são tematizados nos *Referenciais Orientadores para Bacharelados Interdisciplinares e similares* presentes na Portaria nº 383 SISU/MEC de 2010. Ademais, a base legal atual em que se apoia a sua criação, no plano da legislação federal, é o artigo 53, da Lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que assegura às instituições universitárias, no inciso I, a autonomia para criação de novos cursos e, no inciso II, a liberdade de fixação dos seus currículos.

Os documentos normativos consultados para subsidiar a proposta dos Bacharelados Interdisciplinares são:

- **Parecer CNE/CES nº. 776, 3/12/1997** - Orientação para diretrizes curriculares dos Cursos de Graduação.
- **Parecer CNE/CES nº. 67, 11/3/2003** - Aprova Referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais - DCN - dos Cursos de Graduação e propõe a revogação do ato homologatório do Parecer CNE/CES 146/2002.
- **Parecer CNE/CES nº. 108, 7/5/2003** - Duração de cursos presenciais de Bacharelado.
- **Parecer CNE/CES nº. 136, 4/6/2003** - Esclarecimentos sobre o Parecer CNE/CES 776/97, que trata da orientação para as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação.

- **Parecer CNE/CES nº. 210, 8/7/2004** - Aprecia a Indicação CNE/CES 1/04, referente à adequação técnica e revisão dos pareceres e resoluções das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação.
- **Parecer CNE/CES nº. 329, 11/11/2004** - Carga horária mínima dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.
- **Parecer CNE/CES nº. 184, 7/7/2006** - Retificação do Parecer CNE/CES nº. 329/2004, referente à carga horária mínima dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.
- **Portaria nº 383, 12/04/2010** - Referenciais orientadores para os bacharelados interdisciplinares e similares.
- **Resolução nº 2, 18/06/2007** - Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.
- **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018** - Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014.

São destacados nesses pareceres dispositivos pertinentes não somente à possibilidade de implantação dos Bacharelados Interdisciplinares, como também os aspectos característicos dessa modalidade de graduação tais como: formação generalista, flexibilidade e interdisciplinaridade e sua relação com os demais ciclos de formação.

5 FORMAS DE INGRESSO NO CURSO

O ingresso no curso de Bacharelado, para candidatos(as) brasileiros(as), será por meio do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM e do Sistema de Seleção Unificada (SISU). Para candidatos(as) estrangeiros(as), particularmente

aqueles(as) advindos de países falantes da língua portuguesa, em especial, residentes em países do continente africano, o ingresso se dará via seleção especial no país de origem. Ambas as formas de ingresso estão explicitadas na Resolução nº 22 do Conselho Superior Pro Tempore, de 11 de novembro de 2011. Atualmente, o processo de seleção de alunos estrangeiros acontece através do Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros (PSEE), vinculado à Pró-Reitoria de Relações Institucionais (PROINST).

Candidatos(as) brasileiros(as) graduados(as) poderão ingressar no curso de Bacharelado com o aproveitamento de carga horária da graduação cursada, desde que esta possua compatibilidade com disciplinas consideradas obrigatórias. Nesse caso, o ingresso poderá ser por meio de seleção local, sob a responsabilidade da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Também, poderão ingressar no curso, profissionais da educação básica que não possuem curso superior e que estejam vinculados às redes públicas de ensino das cidades do Recôncavo Baiano, cujos municípios firmarem convênio de cooperação técnica com a UNILAB. Nessas situações, o ingresso será por meio de seleção local, conforme descrito.

Por fim, o curso deve aderir às políticas de ocupação de vagas ociosas da Instituição por meio dos editais especiais propostos pela Pró-Reitoria de Graduação.

6 PRINCÍPIOS CURRICULARES

Por meio do Currículo, propomos um conjunto de atividades, de experiências, de situações de ensino-aprendizagem e de pesquisa, a serem vivenciadas pela(o) estudante ao longo da formação acadêmica. Pretendemos assegurar uma formação competente para a atuação profissional, daí porque as atividades a serem desenvolvidas buscam articular as dimensões humana,

técnica, político-social e ética. O currículo deve ser também um espaço produtivo, no qual são atribuídos significados e construídas identidades sociais.

Nesta perspectiva, consideramos os princípios:

- Formação para uma nova noção de cidadania, contemplando a necessária reflexão sobre questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade, geração, desenvolvimento sustentável, meio ambiente, combate à pobreza e cooperação internacional solidária. Uma vez que a universidade deve ter o compromisso de desenvolver o espírito crítico e a autonomia intelectual, para que a (o) bacharel, por meio do questionamento permanente dos fatos, possa contribuir para o atendimento das necessidades de transformação social.
- A Interdisciplinaridade como base teórica e metodológica para o trabalho conjunto, que respeite a multiplicidade, a pluriversalidade em oposição à universalidade de temas, abordagens, questões e interpretações, por meio da articulação de conteúdos e competências inerentes às Humanidades, que possibilitem o alargamento de suas questões e procedimentos, assim como das formas de intervenção social, qualificando os graduandos para a atuação intelectual, política e social.
- Indissociabilidade entre teoria e prática, necessária a todo conteúdo curricular, uma vez que o projeto pedagógico se sustenta nesta relação. Adotar este princípio é o pressuposto para desenvolver habilidades para lidar com o conhecimento de maneira crítica e criativa.
- Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e a articulação encruzilhada dos processos educativos formais e não formais.

7 METODOLOGIA

A implantação do currículo não deve se limitar à operacionalização de um arranjo de conteúdos em disciplinas, mas ir além das matrizes curriculares apresentadas; formalizar novos conteúdos, renovar as disciplinas históricas em face dos objetivos dos próprios cursos e da realidade brasileira e dos países parceiros da UNILAB. Para tanto, pressupomos uma política de atualização periódica, que possibilite a redescritção dos conteúdos, das práticas docentes e discentes, dos referenciais bibliográficos, construindo ações que ampliem os espaços do ensino, pesquisa e extensão.

Quanto aos aspectos teórico-metodológicos, baseamo-nos em perspectivas epistemológicas que consideram a produção de conhecimento como um processo histórico e social situado. A consciência do caráter parcial e limitado da produção de conhecimento e a crítica à pretensão universalizante de um sujeito supostamente neutro e de-situado, são pressupostos para o engajamento na reformulação das condições da produção de conhecimento científico – particularmente nas áreas de Humanidades – e do conceito de objetividade. Tal perspectiva metodológica caracteriza-se pelo seu compromisso com uma postura democrática, preocupada em promover valores sociais e políticos antirracistas e antissextistas.

Considerando a localização geográfica do campus dos Malês e o público por ele atendido, a matriz curricular do curso inclui conceitos direcionados à interiorização e internacionalização, com ênfase à abordagem da realidade de países lusófonos. O respeito e a promoção da diversidade cultural, assim como o reconhecimento e a necessidade do diálogo permanente com os saberes e as práticas populares orientam as práticas pedagógicas em todos os núcleos formativos, destacando-se a valorização de metodologia inovadoras que incluam o uso de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC).

Os componentes curriculares de Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Humanidades I e II, que integram o núcleo obrigatório comum aos dois

ciclos, visam apresentar e refletir sobre o surgimento e desenvolvimento das ciências humanas problematizando conceitos basilares deste campo de saber, identificar os nexos entre teoria e metodologia, bem como apresentar ao estudante a diversidade de conhecimentos e de possibilidades de pesquisa em Humanidades, com uma abordagem interdisciplinar.

8 PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Na formação do(a) bacharel(a) em Humanidades, aqui proposta, o processo ensino-aprendizagem deve constituir-se na perspectiva da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, de modo a garantir à(ao) bacharel(a) as habilidades, competências e capacidades técnica e crítica para o exercício profissional e intelectual nas áreas das Humanidades.

Em linhas gerais, o que rege essa proposta curricular é uma compreensão do processo de ensino-aprendizagem como exercício crítico e democrático sobre o saber/fazer do profissional habilitado na interface dos diversos saberes que compõem as Ciências Humanas, no qual estudantes e professoras(es) construam uma relação de cooperação e respeito mútuo.

Nesse espírito, o processo de ensino-aprendizagem será conduzido sob os auspícios do debate teórico-metodológico das Humanidades, de modo a orientar professoras(es) e estudantes para o necessário debate acerca da historicidade dos princípios, conceitos, categorias e teorias, possibilitando a construção de novas sistematizações e currículos descolonizados.

Para levar a bom termo essa proposta, é importante o emprego de novas metodologias de ensino, baseadas nas epistemologias africanas, afro-brasileiras e de outros grupos socialmente subalternizados, proporcionando o aprofundamento da compreensão da realidade brasileira e dos países parceiros da UNILAB. Outro aspecto relativo ao processo de ensino e aprendizagem diz respeito à necessidade de discussão do acesso e difusão desigual dos meios

técnicos e científicos e, de modo agudo, das relações de dominação Norte–Sul. Desse modo, se problematiza a incorporação de valores democráticos às novas tecnologias midiáticas, tornando o processo mais dinâmico, cativante e interativo.

8.1 Da professora e do professor

Neste processo, compete ao(à) professor(a) orientar a(o) estudante rumo a um aprendizado ativo e reflexivo, a utilizar as ferramentas teórico-conceituais e técnicas necessárias ao saber-fazer da(o) bacharel em Humanidades, a ensinar e aprender a identificar objetos de pesquisa, analisá-los e propor diferentes abordagens prático-teóricas, procurando transformar, em cada aula, temas históricos em problemáticas de pesquisa, ensino e extensão.

8.2 Da(o) estudante

No processo de ensino-aprendizagem aqui proposto a(o) estudante assume um papel ativo e decisivo em sua formação, sendo estimulada(o), desde o início, a constituir-se como uma(um) intérprete crítica(o) e autônoma(o) da área de Humanidades e do saber que sobre ela e a partir dela se produz. Além de ser responsável pelos caminhos formativos que irá cursar dentre os componentes ofertados no primeiro ciclo, em consonância com as terminalidades do segundo ciclo.

9 EXPECTATIVA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

9.1 Perfil geral das(os) egressas(os)

Da(o) aluna(o) egressa(o) do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades espera-se que possua formação básica na área de Humanidades, dominando, parcialmente, o processo de produção e difusão do conhecimento da área. Além disso, considerando os Referenciais Orientadores para BIs e

Similares (portaria no. 383/SISU MEC), as “[..] seguintes competências, habilidades, atitudes e valores deverão integrar o perfil dos egressos dos BIs e similares:

- ☐ capacidade de identificar e resolver problemas, enfrentar desafios e responder a novas demandas da sociedade contemporânea;
- ☐ capacidade de comunicação e argumentação em suas múltiplas formas;
- ☐ capacidade de atuar em áreas de fronteira e interfaces de diferentes disciplinas e campos de saber;
- ☐ atitude investigativa, de prospecção, de busca e produção do conhecimento;
- ☐ capacidade de trabalho em equipe e em redes;
- ☐ capacidade de reconhecer especificidades regionais ou locais, contextualizando e relacionando com a situação global;
- ☐ atitude ética nas esferas profissional, acadêmica e das relações interpessoais;
- ☐ comprometimento com a sustentabilidade nas relações entre ciência, tecnologia, economia, sociedade e ambiente;
- ☐ postura flexível e aberta em relação ao mundo do trabalho;
- ☐ capacidade de tomar decisões em cenários de imprecisões e incertezas;
- ☐ sensibilidade às desigualdades sociais e reconhecimento da diversidade dos saberes e das diferenças étnico-culturais;
- ☐ capacidade de utilizar novas tecnologias que formam a base das atividades profissionais;
- ☐ capacidade de empreendedorismo nos setores público, privado e terceiro setor.” (BRASIL, 2010)

Além dessas, do(a) bacharel em Humanidades formado(a) pelo nosso curso espera-se:

- conhecer os principais fundamentos teórico-metodológicos que orientam as análises da História, das Ciências Sociais, da Pedagogia e das Relações Internacionais;
- ter domínio das habilidades relativas à efetiva comunicação e expressão oral e escrita.

9.2 Competências e Habilidades das(os) egressas(os)

A(o) bacharel em Humanidades, além do domínio dos conhecimentos específicos que orientam sua abordagem teórica em consonância com sua escolha de eixo temático e área de concentração, espera-se habilidade na compreensão, identificação e resolução de outras questões inerentes à sua prática profissional futura, deve saber avaliar criticamente sua atuação e o contexto em que atua, interagindo cooperativamente com a sociedade. Ao final do Curso, as(os) graduadas(os) deverão dominar:

- os conceitos e métodos básicos da História, Ciências Sociais, Pedagogia e das Relações Internacionais;
- os conceitos filosóficos básicos;
- os métodos e técnicas de pesquisa que permitam a transformação do conhecimento científico;
- as tecnologias aplicadas à pesquisa social e a preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural.

Em termos mais específicos, as(os) egressas(os) deverão ser capazes de:

- exercer o trabalho de bacharel em Humanidades, em todas as suas dimensões, o que inclui o conhecimento de princípios básicos do conhecimento social e de práticas essenciais a sua produção e difusão;
- compreender o caráter interdisciplinar do conhecimento sobre sociedade e cultura;

- dominar as concepções teórico-metodológicas basilares que fundamentam as Humanidades;
- reconhecer e problematizar as múltiplas experiências dos sujeitos sociais;
- conhecer e compreender as relações de espaço-tempo;
- desenvolver pesquisas, produção de conhecimento e difusão no âmbito da academia, da sociedade civil e em outras instituições de ensino, pesquisa e órgãos de preservação de acervos e do patrimônio histórico, artístico e cultural em sentido amplo.

Considerando ainda as competências e habilidades específicas por eixo temático, daquela(e) que optar pelo eixo de **Estudos Africanos** pretende-se que ela(e):

- aprenda a abordar um conjunto de referenciais teóricos, conceituais e metodológicos sistematizados nas tradições europeias sobre a África; articulando-os criticamente com os pressupostos teóricos e metódicos Afrocentrados que engloba Pan-africanismo, Negritude, Afropolitanismo, entre outros.
- conhecer de forma sistemática os processos de reorganização das sociedades africanas contemporâneas, a partir dos saberes eruditos que ajudaram a fundar os pressupostos acadêmicos e científicos de sustentação ao que se denomina hoje de *pensamento social africano*.

Na escolha do eixo de **Estudos da Diáspora Negro-Africana** pretende-se que ela(e):

- Apreenda de forma crítica as dinâmicas das sociedades em que as diásporas negro-africanas contemporâneas estão inseridas e esteja apto(a) a realizar pesquisas sobre as mais diversas áreas de conhecimentos, que se articulam com a temática.

- Possa, considerando as dinâmicas descritas, desenvolver habilidades para analisar as diferentes realidades e, se possível, propor projetos de intervenção em diferentes campos, visando assegurar os direitos da cidadania e o desenvolvimento social, econômico e educacional de populações inseridas em contextos diaspóricos negro-africanos.
- Adquirir ferramentas teórico-metodológicas que possibilitem interpretar e reinterpretar criticamente os legados culturais, simbólicos, filosóficos e civilizacionais dos povos negro-africanos na formação das Américas e das sociedades ocidentais.

Na escolha do eixo de **Estudos da Interseccionalidade entre Gênero, Raça, Sexualidades e Classe** pretende-se que ela(e) seja capaz de:

- identificar espaços educativos – públicos e privados – formais e não formais, em que políticas e projetos que promovam a igualdade de gênero, raça e classe, possam ser desenvolvidos;
- realizar pesquisas sobre as principais categorias teóricas vinculadas à história do feminismo em suas diferentes correntes e periodização (raça, LGBT, gênero, identidade de gênero, classe, orientação sexual, escolha sexual).
- compreender aspectos da formulação e da gestão de políticas públicas que promovam a igualdade de gênero, raça e classe

10 ESTRUTURA E INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR

Em cumprimento ao que estabelece a Resolução CNE/CES nº 2, de 18 de junho de 2007, que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, no Brasil, e em conformidade com o que orienta o Parecer CNE/CES nº 136, de 4 de junho de 2003, que trata da orientação para

as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação, os estudantes do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades com ingresso a partir de 2015 terão que cumprir a carga horária mínima de 2.400 horas distribuídas da seguinte maneira:

Quadro 1 – Resumo da matriz curricular

EXIGÊNCIAS	CARGA HORÁRIA
Obrigatórias do Núcleo Comum	240
Obrigatórias do BI	540
Optativas dos eixos temáticos	1020 (distribuídas em diversas combinações possíveis de acordo com eixo e área escolhidos)
Optativas das áreas de concentração	
TCC	260
Atividades complementares	100
Atividades de extensão	240
TOTAL	2400

Tendo em vista: 1) os *Referenciais Orientadores para BI e similares* do MEC, que preveem que os cursos dessa modalidade se caracterizam pela “diversidade na organização curricular, com variações organicamente articuladas às práticas de ensino da instituição”, devendo eles garantir “uma formação geral, incluindo objetos, métodos cognitivos e recursos instrumentais da grande área, possibilitando o prosseguimento dos estudos em níveis profissionalizante (segundo ciclo) ou pós graduação” e 2) o que preveem nossos documentos institucionais sobre a necessidade de “promover avanços na produção e disseminação do conhecimento em atendimento à demanda de formação e de pesquisa de países de expressão em língua portuguesa, em um ambiente de respeito às distintas identidades, ao pluriculturalismo e à cooperação solidária” (UNILAB, DIRETRIZES GERAIS, 2010). O curso de BI em Humanidades do IHL – Malês, visando ao mesmo tempo “proporcionar ao estudante um conhecimento amplo dos vários campos referentes às Humanidades” e simultaneamente a isso prepara-la(o) para a escolha da área e formação específica e profissionalizante

das terminalidades ofertadas pelo IHL – Malês (e eventualmente pelo IH – Ceará), organiza sua estrutura curricular em três fases de formação:

Na primeira fase, se encontram os componentes obrigatórios que são do núcleo comum a todos os cursos de graduação da UNILAB e aqueles referentes ao núcleo obrigatório da grande área das Humanidades. Neste momento, a(o) estudante poderá acessar de maneira geral os conhecimentos dos campos das Humanidades para se familiarizar com discussões que interseccionam temas e áreas relativos às orientações teóricas deste PPC que, seguindo as diretrizes da UNILAB, orienta seu trabalho interdisciplinar a partir da reflexão sobre as relações Brasil-África e com os demais países parceiros, sobre a diáspora, sobre a colonização e colonialidade, sobre a produção epistemológica na perspectiva Sul-Sul, plural e intercultural. Também neste momento, o(a) estudante se aproxima das ferramentas teórico-conceituais desse campo de estudos mais abrangente tais como eles foram hegemonicamente consolidados na tradição acadêmica, visando lhe proporcionar as condições necessárias às suas próprias escolhas futuras relativas ao seu percurso formativo no restante de sua formação acadêmica.

Na segunda fase, estão localizados os componentes optativos da grande área das Humanidades organizados tematicamente pelos eixos abaixo descritos que propõem conteúdos humanísticos múltiplos e amplos, com ênfase no pensamento crítico e na capacidade de contribuir para a transformação da sociedade em que a(o) bacharel atua. A organização por temas está também alinhada às Missões e Diretrizes da UNILAB, de maneira mais direcionada que na fase anterior através das seguintes linhas: eixo temático estudos africanos; eixo temático estudos da diáspora negro-africana; eixo temático estudos da interseccionalidade entre gênero, raça, sexualidades e classe e eixo de estudos gerais.

Eixo temático Estudos Africanos: visa compreender e refletir, em linhas gerais, sobre o processo histórico, político, social e cultural da produção do conhecimento sobre as sociedades africanas, muito dos quais **expressos em vários paradigmas Afrocentricos** e, em paralelos com os caminhos percorridos por um quadro rico de autores, ideias, proposições analíticas realizadas nas Diásporas Africanas com propósito de imprimir novo direcionamento epistemológico nas relações entre Europa e África, propiciando a produção assim como a circulação do conhecimento acadêmico sobre África nas agendas políticas nacionais e internacionais, bem como a fundamentação histórica-teórica das lutas sociais antirracistas e na formalização das políticas das ações afirmativas na contemporaneidade.

Eixo temático Estudos da Diáspora Negro-africana: visa compreender e produzir conhecimentos sobre os processos histórico-sociais que ocasionaram as migrações de populações africanas dentro e fora do continente, e que resultaram no que se nomeia, hoje, de diáspora negro-africana contemporânea; compreender as dinâmicas sociais, políticas, econômicas, culturais e simbólicas produzidas no processo diaspórico negro-africano em todo o continente americano, a partir de perspectivas teóricas e críticas pertinentes às ciências humanas; interpretar criticamente as conexões, interações e transformações simbólicas, culturais, políticas e materiais dos legados dos povos africanos relativos à formação civilizacional das Américas.

Eixo temático Estudos de Interseccionalidade entre Gênero, Raça, Sexualidades e classe: visa a compreender as dinâmicas da dominação como fenômenos complexos, situados nos entrecruzamentos de diferentes marcadores sociais, como o de gênero, de raça, classe, sexualidade. O eixo também se propõe apresentar as identidades sociais como dinâmicas e plurais e como constituídas através de um processo de produção simultâneo de diferentes fatores, como gênero, raça, classe, sexualidade. Diferentemente caracterizada como uma noção, uma teoria e uma metodologia, a *interseccionalidade* se tornou, hoje, uma das principais ferramentas das Teorias feministas, dos Estudos críticos sobre raça, mas também, mais geralmente, das Ciências Humanas e Sociais. Este eixo propõe, assim, leituras interdisciplinares da problemática relacionada à igualdade de gênero, raça, classe e sexualidade – em seus aspectos sociais, políticos e econômicos – tanto em âmbito nacional quanto internacional.

Eixo Geral: além desses três eixos o currículo também ofertará componentes visando uma *formação geral* em que a(o) estudante poderá optar ainda por uma formação não vinculada a um tema específico mas respeitando o seu interesse pessoal, orientada pelos eixos temáticos em combinações diversas e particulares e/ou cursando disciplinas optativas do eixo geral que incluem disciplinas ofertadas pelo BI e pelo curso de Letras do IHL – Malês.

Ainda fazem parte dessa fase, as disciplinas obrigatórias de Metodologia da pesquisa Interdisciplinar em Humanidades (MPIH) I e II.

Na terceira fase, estão localizados os componentes de áreas de concentração, elas visam orientar a escolha do segundo ciclo de formação nas terminalidades. São disciplinas específicas ligadas aos cursos que o IHL – *campus* dos Malês ofertam no segundo ciclo de formação (terminalidade) e que poderão ser aproveitadas posteriormente na integralização da segunda formação. Por isso, é importante que nesse momento a(o) estudante que desejar as duas diplomações já se oriente de acordo com a profissionalização que pretende obter entre: bacharelado em Relações Internacionais ou as licenciaturas em Ciências Sociais, História ou Pedagogia (e outras previstas de serem criadas no futuro, tais como licenciatura em Filosofia). Também é nesse momento que deve cursar os componentes obrigatórios de Trabalho de Conclusão de Curso I e II.

Tendo em vista a legislação relacionada à Educação à Distância, especificamente o disposto na Portaria n. 1428, de 28 de dezembro de 2018, do Ministério da Educação, o curso poderá prever oferta de disciplinas à distância que, após o devido trâmite legal, serão identificadas na matriz curricular e no projeto pedagógico do curso, com indicação da(s) metodologia(s) a ser(em) utilizada(s).

Em cumprimento ao Decreto Federal n.º 5.626 de 22 de dezembro de 2005, destacamos que a disciplina “LIBRAS” pode ser cursada no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades como disciplina optativa, ofertada pelo curso de Letras. A oferta da disciplina “LIBRAS” alcança todas as licenciaturas do Instituto de Humanidades e Letras – IHL Malês.

Aspectos relacionados ao meio ambiente são abordados no componente optativo “Cultura e Meio Ambiente”, que integra o eixo geral do Núcleo Geral, consoante Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012.

Em conformidade com a Resolução CNE/CP n.º 01, de 17 de junho de 2004, as disciplinas que abordam temáticas relacionadas à história e à cultura

afro-brasileira encontram-se presentes no eixo temático “Estudos Africanos” e no eixo temático “Estudos da Diáspora Negro-Africana”.

Destaca-se, também, em conformidade com a Resolução CNE/CP n.º 01, de 30 de maio de 2012, a oferta da componente curricular “Sociedades, Diferenças e Direitos Humanos nos Espaços Lusófonos”, que aborda conteúdos pertinentes à temática dos Direitos Humanos, bem como atividades realizadas no âmbito do Comitê Gestor em Direitos Humanos da UNILAB, em funcionamento desde setembro de 2018.

10.1 Fluxograma

O fluxo de integração curricular do **Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades** será de 2.400 (duas mil e quatrocentas) horas². A carga horária de optativas se distribui em duas qualidades: às de eixo temático vinculadas à grande área de humanidades (e que se recomenda serem cursadas na segunda fase do curso entre o terceiro e quarto semestres) e às de área de concentração, vinculadas às áreas da futura terminalidade escolhida pelo(a) estudante (que devem ser cursadas preferencialmente no quinto e sexto semestre). Apesar dessas recomendações, importante ressaltar que as combinações são as mais diversas, levando em consideração a autonomia do bacharelado em organizar sua formação de acordo com os anseios de tema e de profissionalização ofertados pelos dois ciclos do IHL – Malês.

² Esta carga horária foi fixada de acordo com o que estabelece a Resolução nº 2 da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, de 18 de junho de 2007, que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, no Brasil.

Quadro 2 – Componentes curriculares por semestre (ideal)

1º SEMESTRE				
Componente Curricular	CH	Teor.	Prat.	Pré-requisito
Iniciação à vida universitária	15	15	-	
Iniciação ao pensamento científico: problematizações epistemológicas	45	45	-	
Leitura e produção de texto I (foco: habilidades de leitura)	60	60	-	
Sociedades, diferenças e direitos humanos nos espaços lusófonos	60	60	-	
Processos coloniais e a construção da modernidade	60	60	-	
Antropologia e colonização	60	60	-	
TOTAL	300	300	-	
2º SEMESTRE				
Componente Curricular	CH	Teor.	Prat.	Pré-requisito
Leitura e produção de texto II (foco: produção de textos acadêmicos)	60	60	-	
Educação, sociedade e cultura na perspectiva da descolonização do saber	60	60	-	
Filosofia como teoria e modo de vida	60	60	-	
Sociologia: desafios e perspectivas de intervenção social	60	60	-	
Introdução às relações internacionais	60	60	-	
TOTAL	300	300	-	
3º SEMESTRE				
Componente Curricular	CH	Teor.	Prat.	Pré-requisito
Metodologia da pesquisa interdisciplinar em Humanidades I	60	60	-	
Filosofia Africana	60	60	-	
Optativa do eixo temático	60	60	-	
Optativa do eixo temático	60	60	-	
Optativa do eixo temático	60	60	-	
TOTAL	300	300	-	
4º SEMESTRE				
Componente Curricular	CH	Teor.	Prat.	Pré-requisito
Metodologia da pesquisa interdisciplinar em Humanidades II	60	30	30	Metodologia da pesquisa interdisciplinar em Humanidades I
Optativa do eixo temático	60	60	-	

Optativa do eixo temático	60	60	-	
Optativa do eixo temático	60	60	-	
Optativa do eixo temático	60	60	-	
TOTAL	300	300	-	
5º SEMESTRE				
Componente Curricular	CH	Teor.	Prat.	Pré-requisito
Optativa	60	60	-	
Optativa	60	60	-	
Optativa	60	60	-	
Optativa	60	60	-	
Optativa	60	60	-	
TCC I	130	130	-	Metodologia da pesquisa interdisciplinar em Humanidades II
TOTAL	430	430	-	
6º SEMESTRE				
Componente Curricular	CH	Teor.	Prat.	Pré-requisito
Optativa	60	60	-	
Optativa	60	60	-	
Optativa	60	60	-	
Optativa	60	60	-	
Optativa	60	60	-	
TCC II	130	130	-	TCC I
TOTAL	430	430		
ATIVIDADES DESENVOLVIDAS AO LONGO DO CURSO				
Componente Curricular	CH	Teor.	Prat.	Pré-requisito
Atividades complementares	100		100-	
Atividades de extensão	240		240	
TOTAL	340		340	

Abaixo figuram as possibilidades sugeridas aos(às) estudantes de acordo com a escolha do segundo ciclo. Elas visam orientá-las(os) sobre como garantir o cumprimento dos dois ciclos de formação em 10 semestres, se assim desejarem. Para isso, a partir do quinto semestre, ela(e) deverá começar a cursar as disciplinas optativas de área de concentração conforme sugestão a seguir:

**Quadro 3 – Componentes curriculares por semestre, área de Concentração
Relações Internacionais (ideal)**

5º SEMESTRE				
Componente Curricular	CH	Teor.	Prat.	Pré-requisito
Optativa <i>Teorias das Relações Internacionais I (TRI I)</i>	60	60		Introdução às Relações Internacionais
Optativa <i>Direito Internacional Público I (DI 1)</i>	60	60	-	Introdução às Relações Internacionais
Optativa <i>Economia Política Internacional</i>	60	60	-	Introdução às Relações Internacionais
Optativa eixo temático ou de outra área de concentração	60	60	-	
Optativa eixo temático ou de outra área de concentração	60	60	-	
TCC I	130	130	-	Metodologia da pesquisa interdisciplinar em Humanidades II
TOTAL	430	430	-	
6º SEMESTRE				
Componente Curricular	CH	Teor.	Prat.	Pré-requisito
Optativa <i>Geografia Política e Geopolíticas do Sul Global</i>	60	60	-	Teorias das Relações Internacionais I (TRI I)
Optativa <i>Políticas de Gênero, Raça e Relações Internacionais</i>	60	60	-	Teorias das Relações Internacionais I (TRI I)
Optativa <i>Política Externa Africana Contemporânea</i>	60	60	-	Teorias das Relações Internacionais I (TRI I)
Optativa eixo temático ou de outra área de concentração	60	60	-	
Optativa eixo temático ou de outra área de concentração	60	60	-	
TCC II	130	130	-	TCC I
TOTAL	430	430		

**Quadro 4 – Componentes curriculares por semestre ideal de curso área de
concentração em Ciências Sociais**

5º SEMESTRE				
Componente Curricular	CH	Teor.	Prat.	Pré-requisito
Optativa <i>Antropologia I</i>	60	60	-	
Optativa <i>Ciência Política I</i>	60	60	-	
Optativa <i>Sociologia I</i>	60	60	-	
Optativa <i>Introdução ao Pensamento Social: África e Diásporas</i>	60	60	-	
Optativa <i>Epistemologia das</i>	60	60	-	

<i>Ciências Sociais</i>				
TCC I	130	130	-	Metodologia da pesquisa interdisciplinar em Humanidades II
TOTAL	430	430	-	
6º SEMESTRE				
Componente Curricular	CH	Teor.	Prat.	Pré-requisito
Optativa <i>Antropologia II</i>	60	60	-	Antropologia I
Optativa <i>Ciência Política II</i>	60	60	-	Ciência Política I
Optativa <i>Sociologia II</i>	60	60	-	Sociologia I
Optativa <i>Gênero, Raça e Sexualidade nas Ciências Sociais</i>	60	60	-	
Optativa <i>Pensamento Social Brasileiro</i>	60	60	-	
TCC II	130	130	-	TCC I
TOTAL	430	430		

Quadro 5 – Componentes curriculares por semestre ideal de curso área de concentração em História

5º SEMESTRE				
Componente Curricular	CH	Teor.	Prat.	Pré-requisito
Optativa <i>Filosofia da Ancestralidade e Educação</i>	60	30	30	
Optativa <i>Historiografia I</i>	60	60	15	
Optativa <i>História da América: colonização e resistência</i>	60	60	-	
Optativa eixo temático	60	60	-	
TCC I	130	130	-	Metodologia da pesquisa interdisciplinar em Humanidades II
TOTAL	370	325	45	
6º SEMESTRE				
Componente Curricular	CH	Teor.	Prat.	Pré-requisito
Optativa <i>Fundamentos Sócio-históricos e Psicológicos da Educação</i>	60	60	-	
Optativa <i>Historiografia II</i>	75	60	15	Historiografia I
Optativa <i>Antiguidade Africana e suas conexões</i>	75	60	15	
Optativa <i>Laboratório de ensino, fontes e métodos I</i>	100	30	70	Historiografia I
Optativa eixo temático	60	60	-	
TCC II	130	130	-	TCC I
TOTAL	500	400	100	

Quadro 6 – Componentes curriculares por semestre ideal de curso área de concentração Pedagogia

5º SEMESTRE				
Componente Curricular	CH	Teor.	Prat.	Pré-requisito
Optativa <i>Filosofia da Ancestralidade e Educação</i>	60	30	30	
Optativa <i>Antropologia da Educação nos Países da Integração</i>	30	15	15	
Optativa <i>Sociologia da Educação nos Países da Integração</i>	30	15	15	
Optativa <i>História da Educação nos Países da Integração</i>	60	30	30	
Optativa <i>Fundamentos Filosóficos e Práticos do Samba e Capoeira</i>	60	30	30	
Optativa <i>Psicologia Africana na Perspectiva da Educação</i>	60	30	30	
TCC I	130	130	-	Metodologia da pesquisa interdisciplinar em Humanidades II
6º SEMESTRE				
Componente Curricular	CH	Teor.	Prat.	Pré-requisito
Optativa <i>Política Educacional e Organização da Educação nos Países da Integração</i>	60	30	30	
Optativa <i>Políticas, Práticas Curriculares e Descolonização dos Currículos</i>	60	30	30	
Optativa <i>Fundamentos da Gestão Educacional nos Países da Integração</i>	60	30	30	
Optativa <i>Processos Educativos e Construção de Identidades: raça/etnia, classe, gênero e sexualidade</i>	60	30	30	
Optativa <i>Pensamento Social Brasileiro</i>	60	30	30	
TCC II	130	130	-	TCC I
TOTAL	430	430		

10.2 Componentes curriculares obrigatórios e optativos

Os componentes curriculares obrigatórios e optativos estão divididos em núcleos. São dois núcleos obrigatórios: o Núcleo Obrigatório Comum da UNILAB, do qual fazem parte disciplinas que devem compor os currículos de todos os cursos de graduação presencial ofertados pela instituição e o Núcleo Obrigatório de Conhecimento em Humanidades, que corresponde aos conteúdos particulares da formação generalista em Humanidades proposta. Já o Núcleo Optativo é composto pelos três eixos temáticos (Estudos Africanos, Estudos da Diáspora Negra, Estudos da Interseccionalidade entre gênero, raça e classe) e um eixo geral composto por componentes não vinculados a nenhuma área e no qual cabem as combinações entre componentes que mais interessarem à(ao) estudante, possibilitando uma ampla variedade de percursos formativos à sua escolha em combinação com as condições de oferta do colegiado.

Para concentrar sua formação de acordo com um eixo temático, o estudante precisa fazer pelo menos cinco optativas vinculadas ao eixo de sua escolha conforme tabela. Sendo que algumas disciplinas são válidas para um ou mais eixos e por isso se repetem. Em não fazendo essa escolha, o(a) estudante opta pela formação geral. Relativamente às áreas de concentração, também temos disciplinas que servem para uma ou mais áreas, motivo pelo qual, igualmente se repetem no quadro abaixo.

Quadro 7 – Componentes curriculares por núcleos

NÚCLEO OBRIGATÓRIO COMUM DA UNILAB				
Componente curricular	CH	Teór.	Prát.	Pré-requisito
<i>Inserção à Vida Universitária</i>	15	15	-	-
<i>Iniciação ao Pensamento Científico: Problematizações Epistemológicas</i>	45	45	-	-
<i>Leitura e Produção de Texto I</i>	60	60	-	-
<i>Leitura e Produção de Texto II</i>	60	60	-	-
<i>Sociedades, Diferenças e Direitos Humanos nos Espaços Lusófonos</i>	60	60	-	-
TOTAL	255	255	-	

NÚCLEO OBRIGATÓRIO DE CONHECIMENTO EM HUMANIDADES				
Componente curricular	CH	Teór.	Prát.	Pré-requisito
Antropologia e Colonização	60	60	-	-
Processos Coloniais e a Construção da Modernidade	60	60	-	-
Educação, Sociedade e Cultura na Perspectiva da Descolonização do Saber	60	60	-	-
Filosofia como Teoria e Modo de Vida	60	60	-	-
Sociologia: Desafios e Perspectivas de Intervenção Social	60	60	-	-
Introdução às Relações Internacionais	60	60	-	-
Filosofia Africana	60	60	-	-
Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Humanidades I	60	60	-	-
Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Humanidades II	60	30	30	Metodologia da pesquisa interdisciplinar em Humanidades I
TOTAL	540	510	30	
NÚCLEO OPTATIVO –Eixo Geral				
Componente curricular	CH	Teór.	Prát.	Pré-requisito
Estética e Filosofia da Arte	60			-
Educação em Direitos Humanos	60	60	-	-
Educação Intercultural	60	60	-	-
Inglês: Língua e Cultura I	60	60	-	-
Inglês: Língua e Cultura II	60	60	-	Inglês: língua e cultura I
Inglês: Língua e Cultura III	60	60	-	Inglês: língua e cultura II
Inglês: Língua e Cultura IV	60	60	-	Inglês: língua e cultura III
LIBRAS	60	60	-	-
Sistema ONU e os Desafios do Multilateralismo	60	60	-	-
Literaturas em Língua Portuguesa: Diálogos na Ficção e na Poesia da Primeira Metade do Século XX	60	50	10	
Literaturas em Língua Portuguesa: Nacionalismo Literário e Resistência	60	50	10	
Literaturas em Língua Portuguesa: Realismo Literário e Produção Finissecular	60	50	10	
Literaturas em Língua Portuguesa: o Modernismo	60	50	10	
Políticas e Planejamento Linguísticos	60	40	20	
Humanidades Digitais	60	40	20	
ESTUDOS AFRICANOS				
Componente curricular	CH	Teór.	Prát.	Pré-requisito
África Contemporânea e Relações	60	60	-	-

<i>Internacionais</i>				
<i>Antropologia de África</i>	60	60	-	-
<i>Arte e Sociedades Africanas</i>	60	60	-	-
<i>Educação e Relações Étnico-raciais</i>	60	60	-	-
<i>Filosofia Africana Pós-colonial</i>	60	60	-	-
<i>Gênero, Relações Internacionais e Desenvolvimento Africano</i>	60	60	-	-
<i>Imigração, Raça, Etnicidade e Relações Internacionais</i>	60	60	-	-
<i>Metodologia dos Estudos Africanos</i>	60	60	-	-
<i>Sociologia Africana, Agenda de Pesquisa e Perspectivas</i>	60	60	-	-
<i>Tópicos Especiais em Literatura Africana</i>	60	60	-	-
<i>Tópicos Avançados da Política Externa Brasileira na África</i>	60	60		
ESTUDOS DA DIÁSPORA NEGRA				
Componente curricular	CH	Teór.	Prát.	Pré-requisito
<i>Arte e Diáspora Negra</i>	60	60	-	-
<i>Branquitude, Políticas de Ação Afirmativa e Superação do Racismo nas Américas</i>	60	60	-	-
<i>Crítica e Contranarrativa Antropológica</i>	60	60	-	-
<i>Diáspora Negra e Relações Internacionais</i>	60	60	-	-
<i>Educação e Relações Étnico-raciais</i>	60	60	-	-
<i>Filosofia Afrodiaspórica</i>	60	60	-	-
<i>Imigração, Raça, Etnicidade e Relações Internacionais</i>	60	60	-	-
<i>Literatura Afro-brasileira</i>	60	60	-	-
<i>Metodologia dos Estudos da Diáspora</i>	60	60	-	-
<i>Pensamento Político Brasileiro</i>	60	60	-	-
<i>Processos Sociais e Culturais no Recôncavo da Bahia</i>	60	60	-	-
ESTUDOS DE INTERSECCIONALIDADE ENTRE GÊNERO, RAÇA, SEXUALIDADES E CLASSE				
Componente curricular	CH	Teór.	Prát.	Pré-requisito
<i>Cultura e Meio Ambiente</i>	60	60	-	-
<i>Crítica e Contranarrativa Antropológica</i>	60	60	-	-
<i>Dinâmicas de Raça, Gênero e Sexualidade no Contexto da Globalização</i>	60	60	-	-
<i>Filosofia em Afroperspectiva</i>	60	60	-	-
<i>Fundamentos Teóricos da Interseccionalidade</i>	60	60	-	-
<i>Gênero, Relações Internacionais e Desenvolvimento Africano</i>	60	60	-	-
<i>Imigração, Raça, Etnicidade e Relações Internacionais</i>	60	60	-	-
<i>Políticas das Minorias no Contexto Pós-colonial</i>	60	60	-	-
<i>Teorias Feministas e Epistemologia da</i>	60	60	-	-

Dominação				
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO RELAÇÕES INTERNACIONAIS				
Componente curricular	CH	Teór.	Prát.	Pré-requisito
Teorias das Relações Internacionais I (TRI I)				Introdução às Relações Internacionais
Direito Internacional Público I (DI 1)	60	60	-	Introdução às Relações Internacionais
Economia Política Internacional	60	60	-	Introdução às Relações Internacionais
Geografia Política e Geopolíticas do Sul Global	60	60	-	Teorias das Relações Internacionais I (TRI I)
Políticas de Gênero, Raça e Relações Internacionais	60	60	-	Teorias das Relações Internacionais I (TRI I)
Política Externa Africana Contemporânea	60	60	-	Teorias das Relações Internacionais I (TRI I)
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO CIÊNCIAS SOCIAIS				
Componente curricular	CH	Teór.	Prát.	Pré-requisito
Antropologia I	60	60	-	
Ciência Política I	60	60	-	
Sociologia I	60	60	-	
Introdução ao Pensamento Social: África e Diásporas	60	60	-	
Epistemologia das Ciências Sociais	60	60	-	
Antropologia II	60	60	-	Antropologia I
Ciência Política II	60	60	-	Ciência Política I
Sociologia II	60	60	-	Sociologia I
Gênero, Raça e Sexualidade nas Ciências Sociais	60	60	-	
Pensamento Social Brasileiro	60	60	-	
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO HISTÓRIA				
Componente curricular	CH	Teór.	Prát.	Pré-requisito
Filosofia da Ancestralidade e Educação	60	30	30	
Historiografia I	75	60	15	
História da América: colonização e resistência	60	60	-	
Fundamentos Sócio-históricos e Psicológicos da Educação	60	60	-	
Historiografia II	75	60	15	Historiografia I
Antiguidade Africana e suas Conexões	75	60	15	
Laboratório de Ensino, Fontes e Métodos I	100	30	70	Historiografia I
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PEDAGOGIA				
Componente curricular	CH	Teór.	Prát.	Pré-requisito
Filosofia da Ancestralidade e Educação	60	30	30	
Antropologia da Educação nos Países da Integração	30	15	15	
Sociologia da Educação nos Países da Integração	30	15	15	
História da Educação nos Países da	60	30	30	

<i>Integração</i>				
<i>Fundamentos Filosóficos e Práticos do Samba e Capoeira</i>	60	30	30	
<i>Psicologia Africana na Perspectiva da Educação</i>	60	30	30	
<i>Política Educacional e Organização da Educação nos Países da Integração</i>	60	30	30	
<i>Políticas, Práticas Curriculares e Descolonização dos Currículos</i>	60	30	30	
<i>Fundamentos da Gestão Educacional nos países da Integração</i>	60	30	30	
<i>Processos Educativos e Construção de Identidades: Raça/Etnia, Classe, Gênero e Sexualidade</i>	60	30	30	
<i>Pensamento Social Brasileiro</i>	60	30	30	

10.3 Trabalho de Conclusão de Curso

Como orienta a Resolução CONSUNI/UNILAB n.º 11/2017, em substituição à Resolução CONSUNI/UNILAB n.º 14/2016, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é obrigatório para a integralização do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, compreendendo seu desenvolvimento uma carga horária de 260 horas, dispostas em dois componentes curriculares, respectivamente TCC I (130 horas) e TCC II (130 horas, tendo o componente curricular TCC I como pré-requisito).

O TCC consiste na formalização de atividades de pesquisa orientada sobre problemas de natureza social, preferencialmente a partir de uma abordagem interdisciplinar, envolvendo os diversos campos temáticos e disciplinares das Humanidades. Seu objetivo geral é propiciar a oportunidade de demonstrar o grau de habilitação adquirido ao longo do curso, e em especial o aprofundamento temático, a capacidade de revisão de bibliografia especializada, bem como de análise e crítica nas áreas contempladas pelo curso. Embora as atividades de pesquisa conexas ao TCC possam ser conduzidas no âmbito de grupos de trabalho, pesquisa e extensão, o desenvolvimento, elaboração e defesa do TCC são obrigatoriamente individuais.

A relação de orientação pressupõe o acordo explícito entre orientador(a) e orientando(a), e deve ser formalizada junto à Secretaria da Unidade

Acadêmica pelo(a) estudante, observados os procedimentos e limites estabelecidos pela Resolução nº 14/2016 do Conselho Universitário. Será de responsabilidade do(a) orientador(a) definir, em conjunto com o(a) orientando(a), a programação das tarefas e etapas necessárias ao desenvolvimento da pesquisa ao longo de dois períodos letivos, respectivamente enquadrados nos componentes curriculares TCC I e TCC II.

Ao final do período letivo correspondente ao componente curricular TCC I, o(a) orientador(a) atribuirá uma nota ao(à) orientando(a), de acordo com o cumprimento das tarefas e etapas programadas e ao desempenho verificado em sua execução, consistindo a aprovação em uma nota superior ou igual a 7,0 (sete).

Quadro 8 – Componentes curriculares relativos ao Trabalho de Conclusão de Curso

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO				
Componente curricular	CH	Teór	Prát	Pré-requisito
<i>TCC I</i>	130	130	-	-
<i>TCC II</i>	130	130	-	<i>TCC I</i>
TOTAL	260	260	-	

Ao final do período letivo correspondente ao componente curricular TCC II, o trabalho deverá ser defendido pelo(a) estudante perante banca examinadora composta pelo(a) orientador(a), que a preside, e por outros dois membros, designados pelo(a) orientador(a), que atuarão como examinadores(as). As sessões de defesa de TCC serão públicas, vedada a manifestação da assistência. O(A) estudante apresentará seu trabalho de forma oral, e utilizando os meios audiovisuais ou cenográficos que julgar necessários, cabendo-lhe assegurar sua disponibilidade e funcionamento adequado. A apresentação será seguida de arguição pelos(as) examinadores(as). Em seguida a banca se reunirá em privado para deliberar sobre a aprovação ou reprovação do trabalho. O conceito final será conforme a média das notas atribuídas pelos(as) dois(duas) examinadores(as), que levarão em consideração

a avaliação qualitativa do(a) orientador(a) sobre o processo de desenvolvimento da pesquisa, consistindo a aprovação em uma nota superior ou igual a 7,0 (sete). O resultado será registrado em ata, que será lida publicamente pelo(a) presidente da banca, na presença do(a) orientando(a), imediatamente após a deliberação.

O Trabalho de Conclusão de Curso pode ser apresentado à banca nas modalidades estipuladas abaixo, de livre escolha do(a) estudante, desde que previamente acordada com o(a) orientador(a):

- ☐ projeto de pesquisa;
- ☐ relatório de projeto de intervenção social;
- ☐ trabalho em linguagem artística;
- ☐ monografia científica;
- ☐ artigo científico.

10.3.1. Projeto de pesquisa

O projeto de pesquisa deve revelar o momento de reflexão crítica e formulação investigativa posterior ao primeiro contato intensivo do(a) estudante com as realidades sociais, culturais ou políticas que pretende interrogar. Nesse sentido, o projeto deve demonstrar não apenas uma certa familiaridade do proponente com essas realidades, mas também com uma parcela significativa da bibliografia relevante disponível em língua portuguesa, que permita uma boa problematização e identificação do objeto, bem como a elaboração das estratégias metodológicas condizentes com as perguntas de partida ou hipóteses levantadas.

Embora não se proponha um modelo de organização do conteúdo previamente definido, cabendo ao(à) orientador(a) a indicação da estrutura textual mais adequada conforme o objeto e os campos disciplinares envolvidos, o projeto de pesquisa a ser submetido à banca deve incluir, necessariamente:

a) uma problematização que parta do tema mais geral de interesse do(a) estudante, envolvendo uma revisão crítica da bibliografia relevante, de modo a

construir a delimitação de um objeto de pesquisa, levando-se em conta as inquietações não respondidas pela bibliografia examinada, bem como a experiência prévia do(a) estudante com o tema – seja pessoal, bibliográfica ou de pesquisa exploratória;

b) a delimitação estrita do objeto de pesquisa, com a indicação dos devidos recortes cronológicos, espaciais e temáticos, incluindo sua explicitação na forma de um objetivo geral e de objetivos específicos em número condizente com uma pesquisa em nível de graduação;

c) uma reflexão metodológica que articule o nível teórico com os objetivos, buscando estabelecer os meios pelos quais se acredita poder responder às perguntas feitas na problematização e refletidas na delimitação do objeto, indicando os métodos de coleta de dados, instrumentos, se for o caso, ou acervos que conferirão materialidade ao objeto;

d) as referências bibliográficas dos materiais efetivamente citados e discutidos no projeto;

e) um levantamento bibliográfico mais extenso, refletindo o esforço de identificação de um conjunto mais amplo de bibliografia relevante para a definição dos campos empírico, metodológico e teórico nos quais o objeto se insere, não sendo exigida a leitura crítica do conjunto, mas tão somente a capacidade de identificá-la e circunscrevê-la.

Em termos puramente formais, aplicam-se as normas cabíveis vigentes no Brasil, em especial as de apresentação de trabalhos acadêmicos, citações e referência bibliográfica.

10.3.2 Relatório de projeto de intervenção social

O relatório de projeto de intervenção social deve revelar o momento de reflexão crítica sobre um projeto de intervenção formulado e/ou acompanhado pelo(a) estudante, desenvolvido no âmbito de uma organização da sociedade civil, de uma agência governamental ou de uma rede de instituições, com atuação no Brasil ou nos países africanos de língua oficial portuguesa. O

relatório deve demonstrar a familiaridade e, preferencialmente, a integração do proponente na execução do projeto ou em algumas de suas etapas, bem como o recurso a uma parcela significativa da bibliografia relevante disponível em língua portuguesa, de modo a possibilitar tanto uma avaliação do projeto de intervenção, seus objetivos e seus impactos, quanto dos aspectos metodológicos envolvidos em sua própria participação.

Não há restrições ou exigências prévias em relação ao grau de formalização tanto das organizações da sociedade civil envolvidas quanto do próprio projeto de intervenção. Em outras palavras, entende-se projeto de intervenção social como um conjunto articulado de iniciativas encampadas por um grupo mais ou menos organizado, com um ou mais objetivos conscientemente identificados, em um período dado de tempo. Entretanto, em não havendo um projeto formalmente estatuído, caberá ao(à) estudante sistematizá-lo, para fins do relatório.

Embora não se proponha um modelo de organização do conteúdo previamente definido, cabendo ao(à) orientador(a) a indicação da estrutura textual mais adequada conforme a natureza do projeto e as características de sua execução, o relatório de projeto de intervenção social a ser submetido à banca deve incluir, necessariamente:

- a) uma contextualização do tema e identificação do(s) problema(s) social(ais) de intervenção do projeto, em diálogo com a bibliografia relevante;
- b) a identificação explícita e uma contextualização dos proponentes, financiadores, executores e público-alvo do projeto, bem como das ações e etapas previstas, das metas e dos impactos esperados;
- c) uma apreciação do envolvimento do(a) estudante com o projeto, considerando seus interesses de investigação e reflexão, sua afinidade com o tema e sua entrada no campo;
- d) um relato circunstanciado das etapas do projeto acompanhados pelo(a) estudante;

e) uma reflexão metodológica acerca da participação no projeto ou em algumas de suas etapas;

f) uma reflexão crítica avaliativa, dialogando com bibliografia relevante;

g) as referências bibliográficas dos materiais efetivamente citados e discutidos no relatório.

Em termos puramente formais, aplicam-se as normas cabíveis vigentes no Brasil, em especial as de apresentação de trabalhos acadêmicos, citações e referência bibliográfica. A incorporação de registros não textuais produzidos e recolhidos durante a execução do projeto ao Trabalho de Conclusão de Curso é encorajada, na forma de anexos ou no formato considerado adequado pelo(a) estudante e pelo(a) orientador(a), devendo compor a sessão pública de defesa.

10.3.3 Trabalho em Linguagem Artística

O trabalho em linguagem artística (sonora, imagética, audiovisual, corporal, documental, teatral e/ou performática) deve exprimir a apreensão crítica, por parte do(a) estudante, de realidades sociais, culturais e políticas com as quais mantém ou manteve contato, não se dispensando a necessidade de problematização de um tema específico, de uma revisão crítica da bibliografia relevante e de uma reflexão metodológica que oriente a tomada de cenas, eventos e depoimentos, a escolha de material de arquivo a ser incorporado, bem como a montagem de uma narrativa.

O trabalho em linguagem artística deve ser necessariamente acompanhada pela apresentação de um relatório ou memorial, nos termos já acima explicitados.

10.3.4 Monografia científica

A monografia deve exprimir uma primeira experiência de pesquisa acabada, ainda que de curta duração, representando uma reflexão metodologicamente orientada sobre um objeto formalmente delimitado. Nesse sentido, a monografia deve demonstrar a completude do caminho entre a

problematização de um tema, o lançamento de hipóteses ou perguntas de partida, a construção dos dados e as reflexões críticas advindas da experiência da pesquisa, em diálogo com uma parcela significativa da bibliografia relevante disponível em língua portuguesa.

A monografia científica a ser submetido à banca deve incluir, necessariamente:

a) uma problematização que parta do tema mais geral de interesse do(a) estudante, envolvendo uma revisão crítica da bibliografia relevante, de modo a construir a delimitação de um objeto de pesquisa, levando-se em conta as inquietações não respondidas pela bibliografia examinada, bem como a experiência prévia do(a) estudante com o tema – seja pessoal, bibliográfica ou de pesquisa exploratória;

b) a delimitação estrita do objeto de pesquisa, com a indicação dos devidos recortes cronológicos, espaciais e temáticos;

c) uma reflexão metodológica que articule o nível teórico com os objetivos, explicitando os meios pelo quais se buscou responder às perguntas feitas na problematização, bem como indicando os métodos de coleta de dados, instrumentos, se for o caso, ou acervos utilizados;

d) a apresentação das fontes ou dados produzidos ou coletados, acompanhada de uma análise crítica, em diálogo com as hipóteses ou perguntas de partida, bem como com a bibliografia consultada;

e) as referências bibliográficas dos materiais efetivamente citados e discutidos no texto.

Considerando a maior complexidade deste formato de TCC, o(a) estudante e (a) orientador(a) devem examinar criteriosamente as condições de sua exequibilidade no prazo exigido antes de optar por ele.

O formato da monografia deve ser conforme as normas cabíveis vigentes no Brasil, em especial as de apresentação de trabalhos acadêmicos, citações e referência bibliográfica.

10.3.5 Artigo científico

O artigo deve representar uma primeira experiência de pesquisa bem acabada, sendo exigidos o mesmo grau de amadurecimento e a mesma completude do caminho de pesquisa descritos para a modalidade monografia. São os mesmos, de igual maneira, os elementos de conteúdo necessários.

O artigo deve ser submetido previamente a um periódico registrado no ISSN e indexado em bases de dados amplamente reconhecidas (Qualis, Scielo, Latindex, Redalyc e outras). O comprovante de submissão do artigo deve ser enviado à banca.

Considerando a maior complexidade deste formato de TCC, o(a) estudante e o(a) orientador(a) devem examinar criteriosamente as condições de sua exequibilidade no prazo exigido, antes de optar por ele.

O formato do artigo deve ser conforme as normas do periódico ao qual tenha sido submetido.

10.4 Atividades Complementares e de Extensão

A(o) estudante deverá obrigatoriamente desenvolver atividades complementares e de extensão como parte do processo de ensino-aprendizagem. Essas atividades perfazem um total de 340 horas-aula, sendo 100 horas-aula em atividades complementares e 240 em atividades de extensão que deverão ser cumpridas pelos estudantes preferencialmente a partir do primeiro semestre letivo até o penúltimo, conforme previsão para colação de grau.

Os comprovantes de participação em atividades complementares e de extensão serão aceitos até o penúltimo semestre e serão avaliados por comissão designada pela coordenação do curso. Havendo inconsistência na documentação apresentada, o estudante poderá avaliar a possibilidade de cumprir as horas que faltam no último semestre e reapresentar documentação.

10.4.1 Atividades Complementares

Conforme Resolução CONSUNI/UNILAB nº 20/2015, de 09 de novembro de 2015, as atividades complementares são “práticas acadêmicas têm por objetivo diversificar o processo de ensino-aprendizagem, propiciando vivências significativas por meio da participação do estudante em espaços de formação social, humana e cultural: articulando teoria e prática, contribuindo, assim, para sua formação profissional e cidadã ampla, bem como a compreensão ampla dos processos históricos culturais e sociais.

As atividades complementares previstas no presente documento visam atender aos seguintes princípios dos Bacharelados Interdisciplinares, são eles: prática integrada da pesquisa e extensão articuladas ao currículo, vivências nas áreas artísticas, humanística, científica e tecnológica, competências e habilidades adquiridas em outras formações e contextos, valorização do trabalho de equipe, entre outros (SESU/MEC Portaria nº. 383/2010).

Conforme o artigo 3 da Resolução CONSUNI/UNILAB nº 20/2015, são consideradas atividades complementares os seguintes grupos:

Bloco I: Atividades Complementares de formação social, humana e cultural, contemplando: a) atividades esportivas; b) participação em atividades artísticas e culturais; c) cursos de línguas estrangeiras; d) participação na organização e gestão de mostras e seminários de cunho artístico ou cultural; e) participação como expositor em exposição artística ou cultural; f) participação em Projetos e/ou Programas vinculados ao Programa Integrado de Bolsas da UNILAB (PIB) afins com as atividades pertencentes a esse grupo.

Bloco II: Atividades de iniciação, tecnológica e de formação profissional, contemplando: a) participação em palestras, congressos e seminários técnicos-científicos; b) participação como apresentador de trabalhos em palestras, congressos, seminários técnico-científicos e/ou correlatos; c) participação efetiva na organização de exposições e seminários de caráter acadêmico; d) participação na produção de publicações em jornais, revistas técnico-científicas, anais de eventos técnico-científicos; e) estágio não obrigatório na área de cursos; f) participação em Empresa Júnior, Incubadora Tecnológica, Economia Solidária e/ou correlata; g) participação em Projetos e/ou Programas registrados institucionalmente ou vinculados ao Programa Integrado de Bolsas da UNILAB (PIB) afins com as atividades pertencentes a esse grupo.

Bloco III: Participação em atividades associativas de cunho comunitário e de interesse coletivo, contemplando: a) atuação em Diretórios e/ou Centros Acadêmicos, Entidades de Classe, em Colegiados internos à Instituição; b) engajamento em trabalhos voluntários e atividades comunitárias, associações de bairros, assentamentos rurais; c) participação em atividades socioeducativas; envolvimento, como iniciação à docência não remunerada, em cursos preparatórios e de reforço escolar; d) participação em Projetos e/ou Programas vinculados ao Programa Integrado de Bolsas da UNILAB (PIB) afins com as atividades pertencentes a esse grupo; e) participação na organização e gestão de mostras e seminários de cunho comunitário e de interesse coletivo.

A integralização das atividades complementares apresentadas pelos discentes deve observar os seguintes aspectos e critérios para validação da documentação apresentada:

- comprovação, mediante a apresentação de documentos originais e de cópias que serão validadas pela Secretaria e Coordenação do Curso. (certificados, declarações, etc.);
- serem reconhecidas institucionalmente como compatíveis com o Projeto Pedagógico do Curso, bem como com o período cursado pelo discente ou o nível de conhecimento requerido para a aprendizagem; e
- a carga horária de Atividades Complementares não poderá ser substituída por outros componentes curriculares

Quadro 9 – Atividades complementares por equivalência de carga horária integralizada e carga horária mínima e máxima por bloco

ATIVIDADES COMPLEMENTARES			
Atividade	Equivalência	CH Mín.	CH Máx.
Atividades de formação social, humana e cultural		30	100
Participação em eventos artísticos e culturais — visitação a exposições museológicas, participação em festivais e mostras culturais e em grupos artísticos, participação em cursos de arte de curta duração (dança, música, teatro, cinema, quadrinhos etc.)	Direta	-	100
Apresentação ou organização de eventos artísticos e culturais — curadoria de exposições, organização de festivais e mostras culturais, organização e facilitação de	40h / temporada	-	100

cursos de arte de curta duração (dança, música, teatro, cinema, quadrinhos etc.), atuação ou direção de espetáculos teatrais ou musicais, exposição de trabalhos artísticos em mostra ou exposição individual ou coletiva (artes plásticas ou audiovisual)			
Participação em eventos desportivos, da UNILAB e outros de natureza pública como atleta ou técnico	Direta	-	100
Atividades de iniciação científica, tecnológica ou de formação profissional		30	100
Iniciação à docência — participação em programa oficial de monitoria (como bolsista ou voluntário)	100h / semestre	-	100
Iniciação à pesquisa — participação em programas PIBIC, PET ou PIBIT (como bolsista ou voluntário), participação em Grupos de Pesquisa sediados na UNILAB	100h / semestre	-	100
Participação em congressos, encontros e colóquios acadêmicos	Direta	-	100
Apresentação de trabalhos em congressos, encontros e colóquios	40h / trabalho	-	100
Publicação de resumos ou resumos expandidos em eventos acadêmicos	60h / trabalho	-	100
Publicação de trabalhos completos em anais de eventos acadêmicos, artigos de periódicos acadêmicos (constantes da base de dados Qualis da Capes), capítulos de livros em editora universitária ou com conselho editorial.	100h / trabalho	-	100
Participação em cursos de formação acadêmica, minicursos, oficinas e outras formas de formação acadêmica complementar	Direta	-	100
Facilitação de cursos de formação acadêmica, minicursos, oficinas e outras formas de formação acadêmica complementar	4h / hora	-	100
Participação em bancas de defesa de graduação ou pós-graduação (como ouvinte)	2h / evento	-	100
Participação em programas PBIDIN e PROBTI	100h / semestre	-	100
Participação em estágios não obrigatórios, remunerados ou não, devidamente supervisionados e registrados na UNILAB	100h / semestre	-	100
Participação em atividades associativas e de cunho comunitário		-	100
Participação em Órgãos Colegiados da UNILAB	90h / semestre	-	100
Participação em comissões de trabalho da UNILAB	30h / comissão	-	100
Participação em entidade estudantil	90h / semestre	-	100
Participação em organizações da sociedade civil — participação em associações, movimentos populares, sindicatos, partidos políticos e demais organizações da sociedade civil	90h / semestre	-	100
Voluntariado em governamentais e da sociedade civil	100h / semestre	-	100
TOTAL ATIVIDADES COMPLEMENTARES		100	100

10.4.2 Atividades de Extensão

Conforme a resolução CNE/CES n. 07, de 18 de dezembro de 2018, extensão universitária corresponde à “atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa.”

O artigo 4º da mesma resolução determina que as “atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos.”

O artigo 6º define a estrutura da concepção e das práticas das Diretrizes da Extensão na Educação Superior:

- I - a contribuição na formação integral do estudante, estimulando sua formação como cidadão crítico e responsável;
- II - o estabelecimento de diálogo construtivo e transformador com os demais setores da sociedade brasileira e internacional, respeitando e promovendo a interculturalidade;
- III - a promoção de iniciativas que expressem o compromisso social das instituições de ensino superior com todas as áreas, em especial, as de comunicação, cultura, direitos humanos e justiça, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e produção, e trabalho, em consonância com as políticas ligadas às diretrizes para a educação ambiental, educação étnico-racial, direitos humanos e educação indígena;
- IV - a promoção da reflexão ética quanto à dimensão social do ensino e da pesquisa;
- V - o incentivo à atuação da comunidade acadêmica e técnica na contribuição ao enfrentamento das questões da sociedade brasileira, inclusive por meio do desenvolvimento econômico, social e cultural;
- VI - o apoio em princípios éticos que expressem o compromisso social de cada estabelecimento superior de educação;
- VII - a atuação na produção e na construção de conhecimentos, atualizados e coerentes, voltados para o desenvolvimento social, equitativo, sustentável, com a realidade brasileira.

Observando o referido documento, foi publicada a Resolução n.8/2019/CONSEPE de 18 de junho de 2019 que contém diretrizes relacionadas à UNILAB. O artigo 2º enfatiza que a extensão deve também contribuir para o

“desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil e dos países parceiros e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade”.

Consta no parágrafo 3º do artigo 3º. : “As ações de extensão da UNILAB devem buscar promover o diálogo e a interação com a comunidade, de forma que o ensino e a pesquisa sejam fundamentados e integrados à realidade social, dentro de uma perspectiva intercultural, interdisciplinar e crítica, contribuindo para a capacidade de desenvolver tecnologia e inovação, além de fomentar ações indutoras de mudança e/ou transformações sociais.”

No capítulo VI - Da curricularização da Extensão, consta a indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão. No que tange ao eixo “Ensino-Pesquisa”, o objetivo é colocar o estudante como protagonista de sua formação técnica e cidadã. Em relação ao eixo Pesquisa-Extensão, o objetivo é geração de conhecimento sustentada por metodologias participativas, que priorizam métodos de análise inovadores e a participação de atores sociais e o diálogo.

O artigo 25º define que, para efeito de integralização curricular, a Extensão Universitária poderá constar nos Projetos Pedagógicos dos Cursos como atividades de extensão realizadas em Programas ou Projetos de extensão, devidamente cadastrados na Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura.

Nesse sentido, está prevista a criação de um programa de extensão específico do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades que será gerenciado e supervisionado pela coordenação do curso. A coordenação e a efetivação das ações de extensão ficarão a cargo de docentes indicados pela coordenação do curso a cada início de semestre letivo. A cada semestre, devem ser atendidos até 60 estudantes.

Conforme o artigo 5º, compreende-se como Programa de Extensão o conjunto articulado de projetos e outras Ações de Extensão (cursos, eventos, prestação de serviços), preferencialmente integrando extensão, pesquisa e ensino. Tem caráter orgânico-institucional, clareza de diretrizes e orientação para um objetivo comum, sendo executado a médio e longo prazo.

Conforme o parágrafo 2º., cada programa deverá:

- I – vincular, no mínimo, 02 (duas) Ações de Extensão, sendo pelo menos 01 (um) projeto;
- II – ter duração mínima de 12 (doze) meses e máxima de 60 (sessenta) meses;
- III – ter objetivos comuns, complementares e articulados para todas as atividades desenvolvidas dentro do programa.

Conforme o artigo 26º, as ações de extensão podem ser realizadas na forma de programas, projetos, cursos, eventos e prestação de serviços que poderão abranger:

- I - formação inicial e continuada para comunidade externa e interna à UNILAB: a) cursos nas modalidades presenciais ou a distância e nos níveis: iniciação, treinamento e qualificação profissional, atualização, aperfeiçoamento e especialização; b) oficinas e seminários, desde que vinculados a um programa/projeto;
- II - formação artística inicial e continuada para comunidade externa e interna à UNILAB: a) cursos de todas as modalidades e níveis que contemplem as linguagens artísticas (dança, música, teatro, literatura, fotografia, audiovisual, artes visuais, culturas tradicionais, artesanatos, moda, gastronomia, circo, novas mídias e outras);
- III - eventos idealizados ou não pelos institutos e/ou cursos;
- IV - prestação de consultoria ou assessoria a instituições públicas ou privadas;
- V - promoção de atividades artísticas, culturais, educacionais, ambientais e esportivas;
- VI - estímulo à criação literária, artística, científica, tecnológica e de inovação;
- VII - interiorização da Universidade;
- VIII - internacionalização da UNILAB

Quadro 10 – Atividades de extensão por equivalência de carga horária integralizada

ATIVIDADES DE EXTENSÃO			
Atividade	Equivalência	CH Mín.	CH Máx.
<i>Participação em projeto ou programa de extensão (bolsista, voluntário ou colaborador)</i>	<i>180h / semestre</i>	<i>2</i>	<i>240</i>
<i>Participação em curso de extensão</i>	<i>Direta</i>	<i>2</i>	<i>240</i>
<i>Participação em eventos</i>	<i>Direta</i>	<i>2</i>	<i>240</i>
<i>Prestação de Serviços</i>	<i>4h / hora</i>	<i>2</i>	<i>240</i>
TOTAL		-	240

No que tange ao registro, as atividades de extensão devem ser adequadamente cadastradas pelo(a) coordenador(a) na Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura.

A comprovação de cumprimento da carga horária pelo estudante em atividades de extensão se realizará por meio de certificações, declarações ou relatórios emitidos por Instituição de Ensino Superior conforme a Resolução CNE/CES nº 07, de 18 de dezembro de 2018:

Art. 17 As atividades de extensão podem ser realizadas com parceria entre instituições de ensino superior, de modo que estimule a mobilidade interinstitucional de estudantes e docentes.

Conforme o artigo 11º, a UNILAB conferirá certificado para participantes das atividades de extensão que estejam devidamente cadastradas e que possuam duração mínima de 20(vinte) horas. O discente que participar de Ações de Extensão com carga horária inferior a 20(vinte) horas receberá o atestado de participação diretamente da coordenação da ação.

No que tange ao acompanhamento, o artigo 19º define que cada ação deverá ser acompanhada, no que couber, pelo órgão de lotação do seu

coordenador e pela Proex com a observância do cumprimento dos objetivos, metas e cronograma estabelecidos na proposta de atividades.

Em relação à avaliação, no artigo 20º consta que a avaliação da extensão na UNILAB ocorrerá de forma contínua e crítica, voltada para o aperfeiçoamento da articulação com o ensino, a pesquisa, a formação do estudante, a qualificação do docente, a relação com a sociedade, a participação dos parceiros e a outras dimensões acadêmicas de institucionais. O artigo 21º define que o processo avaliativo deverá conter informações provenientes da execução das ações, a partir, principalmente, de relatórios dos coordenadores das ações de extensão.

11 AVALIAÇÃO

11.1 Do curso

A avaliação do curso, cuja participação é voluntária, integra a Avaliação Institucional da UNILAB, o que nos permite identificar as condições de funcionamento do mesmo, conferir a organização didático-pedagógica do ensino e, assim, contribuir para a melhoria da qualidade da educação ministrada e favorecer a cumprimento dos objetivos da UNILAB.

A *Comissão Própria de Avaliação – CPA*, instaurada por meio da Portarias GR nº 446 de 05 de novembro de 2012 e nº 91, de 11 de março de 2013, e composta por representantes de todos os segmentos da comunidade acadêmica (professores, estudantes, funcionários e representantes da comunidade), é responsável por implementar os processos de autoavaliação na instituição. Instituída pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), que estabelece os mecanismos de avaliação das Instituições de Ensino Superior, concebe a autoavaliação como um processo de diagnóstico acerca do desempenho da Instituição com o propósito de reconhecer e identificar suas fragilidades e potencialidades e analisar os serviços prestados visando à melhoria contínua da instituição, sendo implementada por meio de

metodologias e instrumentos de pesquisas que contam com a participação de toda a comunidade acadêmica.

11.2 Da aprendizagem

A sistemática de avaliação da aprendizagem será feita com base nas normas estabelecidas pela Resolução CONSUNI/UNILAB nº 27/2014, sendo que a professora e o professor devem adotar um sistema de avaliação acadêmica de caráter diagnóstico, baseado nos tipos de avaliação formativa, contínua e somativa.

Para alcançar aprovação final em cada um dos componentes curriculares do Curso de Bacharelado interdisciplinar em humanidades, a(o) estudante deverá obter média parcial igual ou superior a 7,0 (sete). Caso a (o) estudante obtenha média parcial inferior a 7,0 (sete), mas igual ou superior a 4,0 (quatro), lhe será facultada a realização de um Exame Final. No Exame Final, a(o) estudante, para a aprovação, deverá obter um conceito que, somado à média parcial e dividido por 2, resulte em uma nota igual ou superior a 5,0 (cinco).

As(os) estudantes também avaliarão, ao fim de cada semestre, os componentes curriculares por que passaram. Essa avaliação deverá indicar para a direção do Instituto, coordenação, NDE e colegiado do curso o desempenho da professora e do professor e situação da oferta do componente, de modo que estes sejam capazes de detectar problemas a serem corrigidos no planejamento da disciplina, contribuindo para a melhoria da qualidade do profissional que se pretende formar.

11.3 Do currículo

O Currículo para o Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades foi implantado em 2012 e revisto em 2013 e 2014. Ele está sujeito:

- ao acompanhamento permanente, por parte da Coordenação de Curso de Bacharelado interdisciplinar em humanidades e do

Colegiado do Curso, com a supervisão do Núcleo Docente Estruturante;

- ao debate por parte de um fórum de discussão do Curso, bem como a realização de encontros com estudantes, professoras(es) e egressas(os) para a verificação dos resultados alcançados;
- a uma periódica avaliação formal para detectar se há necessidade de alterações pontuais.

11.4 Metodologia de avaliação do currículo

A avaliação do currículo do Curso de Bacharelado interdisciplinar em humanidades acontece com base nos seguintes procedimentos:

- reunião periódica do Núcleo Docente Estruturante com o objetivo de avaliar a dinâmica de integração curricular, a correspondência da prática com o projeto e necessidade de revisão do projeto para o aperfeiçoamento da prática;
- avaliação da elaboração e execução dos planos de componentes curriculares de acordo com o que estabelecem as ementas definidas neste projeto pedagógico;
- aplicação, ao final de cada período letivo, de um questionário de avaliação do desenvolvimento de cada componente curricular ofertado;
- realização de pesquisas periódicas para detectar o grau de satisfação das(dos) egressas(os) com a formação recebida e sua relação com o mundo do trabalho.

12 APOIO AO DISCENTE

Os estudantes do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da UNILAB, campus Malês, serão atendidos pelo Programa de Assistência Estudantil, regulamentado pela Resolução nº 001-B, de 09 de fevereiro de 2015, administrado e fiscalizado pela Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (PROPAE), e que tem o objetivo de garantir o acesso a direitos de assistência estudantil para estudantes matriculados em cursos de graduação presencial da UNILAB, cujas condições socioeconômicas são insuficientes para permanência no espaço universitário. O PAES é financiado com recurso do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), do Ministério da Educação.

O PAES oferece ao estudante que se enquadra dentro do perfil de vulnerabilidade socioeconômica, cinco diferentes modalidades de auxílio. São elas:

- auxílio-moradia: concedido com o objetivo de garantir condições de residência ao estudante cujo grupo familiar resida distante da sede do curso presencial no qual o estudante se encontre regularmente matriculado. O auxílio é concedido para o estudante que resida fora da Zona Urbana dos municípios dos campi, ou ao estudante cujo acesso aos campi, seja dificultado pela ausência de transporte regular, pela distância, ou por outros fatores devidamente justificados, com documentação pertinente;
- auxílio-instalação: concedido com o objetivo de apoiar os estudantes beneficiários do Auxílio Moradia a proverem condições de fixar residência no que se refere à aquisição de mobília, eletrodomésticos e utensílios domésticos, que sejam essenciais ao funcionamento de uma residência.
- auxílio-transporte: concedido com o objetivo de complementar despesa com transporte para o deslocamento do estudante da sua residência até a sede do campus onde estuda;

- auxílio-alimentação: concedido com o objetivo de complementar a alimentação dos estudantes;
- auxílio social: concedido com o objetivo de apoiar estudantes em situação de elevado grau de vulnerabilidade socioeconômica na permanência na universidade, para casos em que não se aplique os auxílios moradia e instalação.

O acesso a este programa é franqueado a todos os estudantes dos cursos de graduação presencial da UNILAB que comprovem, na forma da legislação brasileira, condição de vulnerabilidade socioeconômica e é regido por edital próprio administrado pela PROPAE.

Os alunos do curso contam ainda com um conjunto de serviços de apoio, tais como o Restaurante Universitário (RU), unidade de distribuição de refeições que atende à comunidade universitária (estudantes, professores e técnicos administrativos), fornecendo refeições a preços subsidiados, administrado pela Coordenação de Saúde e Bem-Estar (COSBEM) da Pró-Reitoria de Administração (PROAD). Para ter acesso ao RU o estudante precisa estar regularmente matriculado em seu curso de graduação presencial. O RU no campus dos Malês, espaço onde se realizarão as atividades didáticas do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, funciona nos seguintes horários: segunda a sexta-feira, das 11h às 13h30, e das 17h30 às 19h, e aos sábados, das 11h às 13h30.

A Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis, por meio do Núcleo de Atenção às Subjetividades (NIAS), disponibiliza ainda o Serviço de Atendimento Psicológico (SATEPSI). Este serviço é destinado a receber os estudantes que desejem ser atendidos por profissionais da Psicologia, estando alinhado com as diretrizes da Política Nacional da Assistência Estudantil (PNAES). A diversidade de formação dos profissionais do SATEPSI permite oferecer ao estudante variadas modalidades de atendimento conforme as necessidades terapêuticas.

Paralelamente ao PAES a UNILAB executa o Programa de Acolhimento e Integração de Estudantes Estrangeiros (PAIE). O processo de acolhida dos estudantes estrangeiros é uma ação conjunta entre as Pró-Reitorias acadêmicas da instituição, tendo à frente a Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (PROPAE), através do Programa de Acolhimento e Integração de Estudantes Estrangeiros (PAIE), criado a partir da Resolução Nº 28, de 18 de novembro de 2014. O estudante é acompanhado, orientado e apoiado no que diz respeito a sua integração à vida acadêmica, acomodação, regularização junto aos órgãos competentes, registros acadêmicos, procedimentos de saúde e inserção no Programa de Assistência Estudantil (PAES). Inicia-se logo após a sua confirmação de interesse de matrícula, ainda no seu país de origem, através de meios virtuais e redes sociais. A Comissão Coordenadora do PAIE seleciona tutores, que são estudantes regularmente matriculados na UNILAB. Uma vez selecionados, os tutores são treinados para desenvolverem atividades de acompanhamento aos seus tutorandos, visando a permanência, a integração e o pleno desempenho acadêmico do estudante estrangeiro recém-ingresso. Após a sua chegada na UNILAB o estudante fica hospedado em hotel e/ou pousada e é acompanhado por aproximadamente três meses ou até que esteja integrado ao ambiente universitário. Nesse período, são realizadas reuniões sistemáticas para o monitoramento dos procedimentos, o que oportuniza correções e aperfeiçoamento do processo seletivo de estudantes estrangeiros nessa instituição acadêmica de alto nível acadêmico.

Em termos de ações de acolhimento e permanência os discentes do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades são atendidos principalmente pelo programa Pulsar, pelo Samba e pelo Observatório da Vida Estudantil – OBSERVE/UNILAB.

O **Programa PULSAR** foi criado e regulamentado por meio da Resolução nº 29, de 25 de novembro de 2014, a qual vincula o Programa à Pró-Reitoria de Graduação da UNILAB e o constitui como instrumento institucional permanente de acompanhamento e orientação acadêmica dos estudantes dos cursos de

graduação na modalidade presencial, na forma de ações de tutoria. O PULSAR tem como objetivos promover a adaptação do estudante à UNILAB mediante a apresentação e a difusão da missão e dos paradigmas estatutários e normativos que orientam a instituição; contribuir para a permanência qualificada do estudante nos cursos de graduação da UNILAB; orientar o estudante para uma transição tranquila da Educação Básica para a Superior; promover ações que auxiliem o fortalecimento do desempenho acadêmico dos estudantes com vistas à construção de uma experiência acadêmica de excelência; fazer reconhecer, vivenciar e refletir sobre a interdisciplinaridade dos conhecimentos científicos e tecnológicos, assim como as relações entre ensino, pesquisa e extensão e o ambiente universitário em geral; incentivar a independência e autonomia, tornando o estudante empreendedor da sua própria formação e reflexivo sobre o próprio processo de aprendizagem; contribuir para a integração sociocultural do estudante no ambiente acadêmico; habilitá-lo ou dar-lhe instrumentos para que faça escolhas curriculares e formativas condizentes com seus interesses e com as normas da graduação.

O **Seminário de Ambientação Acadêmica – (SAMBA)** é uma ação realizada pela COEST/PROPAC em colaboração com as demais pró reitorias da UNILAB. O seminário ocorre nos períodos de entrada de estudantes ingressantes e tem como objetivos promover o acolhimento e a ambientação à vida acadêmica; facilitar a integração intercultural ao ambiente acadêmico e à rotina universitária, contribuindo para a permanência estudantil no ensino superior; fomentar a socialização de informações sobre às questões de raça/etnia, gênero; prestar esclarecimentos sobre as legislações brasileiras aos estudantes internacionais e repassar informações sobre as ações desenvolvidas pela universidade no âmbito da permanência estudantil.

O **Observatório da Vida Estudantil (OBSERVE/UNILAB)** é vinculado à COEST/PROPAC e tem por objetivo geral conhecer, compreender e acompanhar a vida do estudante da UNILAB, com vistas a viabilizar sua permanência exitosa na Universidade. Seus objetivos específicos são criar

instâncias que favoreçam a democratização, a participação e o controle social dos estudantes da UNILAB na política de assistência estudantil, nos níveis do planejamento, gestão e avaliação, através da criação de espaços de diálogo, como conselhos e fóruns permanentes; articular e fortalecer a interlocução entre Universidades nordestinas, nacionais e internacionais, através de promoção de seminários, encontros e fóruns; constituição de parcerias; criação de uma revista temática; institucionalização de uma rede abrangente de informações como dispositivo de troca de experiências; subsidiar a PROPAE/UNILAB com informações úteis ao aprimoramento dos processos de planejamento, gestão, execução e avaliação da política de assistência estudantil.; e levantar elementos para o aperfeiçoamento do instrumental adequado para análise e seleção dos casos elegíveis para o atendimento nos programas da PROPAE, especialmente dos estudantes internacionais.

Ainda entre as ações de acolhimento e permanência dos discentes é importante mencionar a regulamentação pela UNILAB por meio da Resolução N° 31, de 02 de Dezembro de 2014, o uso do nome social. O nome social é aquele pelo qual travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais se autodenominam e escolhem ser identificadas em seu meio social.

A UNILAB através da PROGRAD executa muitos outros programas e ações que embora não sejam idealizados especificamente para a permanência dos discentes na Universidade contribuem substancialmente para esse objetivo. Nesse sentido pode-se nomear Mobilidade Acadêmica e O Programa Idiomas sem Fronteiras. A Mobilidade Acadêmica possibilita que discentes matriculados em Instituições de Ensino Superior possam fazer intercâmbio em outras Instituições de Ensino, com o objetivo de trocar experiências acadêmicas, conviver com outras culturas e comunidades e conhecer outros professores e grupos de pesquisa.

A Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) possui programa que possibilita aos alunos regularmente matriculados em cursos de graduação de IFES brasileiras, a realização de

intercâmbio em outras universidades federais brasileiras: o Programa ANDIFES de Mobilidade Acadêmica. A UNILAB é uma das 57 universidades participantes desse Programa. A Pró-Reitoria de Graduação é a Coordenadora Institucional responsável pelos procedimentos gerais relativos ao Convênio de Mobilidade Estudantil – ANDIFES na UNILAB.

O Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) da Secretaria de Educação Superior (SESu) do Ministério da Educação (MEC), instituído pela Portaria nº 30, de 26 de janeiro de 2016, tem a finalidade de propiciar a formação inicial e continuada e a capacitação em idiomas de estudantes, professores e corpo técnico-administrativo das instituições de ensino superior (IES), de professores de idiomas da rede pública de Educação Básica, bem como a formação e a capacitação de estrangeiros em língua portuguesa, contribuindo para o desenvolvimento de uma política linguística para o país. Dentre as ações do Programa IsF está a oferta de cursos presenciais de idiomas a alunos com perfil para participar do processo de internacionalização do ensino superior nas IES credenciadas para atuarem como NuLi-IsF, visando prepará-los para os exames de proficiência exigidos pelas universidades estrangeiras e para a experiência sócio- linguística-cultural no processo de internacionalização. O Programa Idiomas sem Fronteiras no âmbito da UNILAB está vinculado à Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD).

A UNILAB oferece ainda várias bolsas visando o apoio à permanência e desenvolvimento de seus alunos. Merecem destaque a bolsa do Setor de acessibilidade (SEACE/UNILAB) que visa engajar o/a discente selecionado/a nas atividades de pesquisa, ensino e extensão do Setor de acessibilidade, contribuir para sua vivência e formação acadêmica em pesquisa na temática, proporcionar colaboração do/a discente no desenvolvimento de atividades que se destinam a sensibilizar a comunidade acadêmica em relação a temática da Pessoa com Deficiência e estimular a criação de Tecnologias Assistivas. A bolsa do Programa de Tutoria para apoio ao estudante pai/mãe do Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento Infantil - ProCIADI está vinculada à Pró-Reitoria

de Políticas Afirmativas e Estudantis (PROPAE), via Programa de Bolsa de Monitoria (PBM), e visa contribuir com a permanência da(o) estudante-mãe/pai na Universidade mediante oferta de assistência-creche a seus filhos; formar estudantes como tutores para o trabalho com crianças numa perspectiva intercultural e de cooperação internacional sul-sul e fazer reconhecer e vivenciar os desafios da construção da parentalidade em meio aos desafios da formação universitária. Já o programa de Bolsa de Desenvolvimento Institucional (PIBDIN) objetiva desenvolver ações e projetos que conferem suporte às atividades acadêmicas, técnicas e administrativas da UNILAB, ao mesmo tempo em que amplia o escopo da formação do discente por meio do seu engajamento em atividades promotoras de competências vinculadas ao seu campo de estudo e a sua vivência universitária.

Por fim, cabe ressaltar que a UNILAB possui um Núcleo de Assistência à Saúde do Estudante (NUASE/COASE), vinculado à Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (PROPAE), e também um Setor de Acessibilidade responsável entre outras ações pela interpretação de Libras. O NUASE presta apoio psicopedagógico e busca cumprir determinações legais nessa área, como o cumprimento no âmbito da UNILAB da lei 12. 764, de 27 de dezembro de 2012, que protege os direitos das pessoas portadoras de TEA – Transtorno do Espectro Autista.

13 RECURSOS HUMANOS, INFRAESTRUTURA E ACESSIBILIDADE

13.1 Funcionamento do Colegiado do Curso

Com o intuito de conduzir os eixos de ensino, pesquisa e extensão referentes ao curso, o colegiado do curso de Bacharelado representa uma instância decisória fundamental para os processos de formação e

desenvolvimento da área de humanidades na UNILAB. Assim, o colegiado é composto:

- pelo coordenador do curso de Bacharelado interdisciplinar em humanidades, como presidente;
- pelo vice-coordenador do curso de Bacharelado interdisciplinar em humanidades, como vice-presidente;
- pelos demais professores da área de Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras do campus dos Malês.
- pela representação discente do curso, livremente eleita por seus pares, na proporção de até 15% do total de membros do colegiado;
- pela representação de servidores técnico-administrativos em educação ligados ao curso, livremente eleita por seus pares, na proporção de até 15% do total de membros do colegiado.

As atribuições deste colegiado incluem:

- eleição das instâncias de coordenação pedagógica e de outras instâncias referentes ao curso – como Coordenador, Representante docente do curso em atividades que o requeiram e membros do Núcleo Docente Estruturante (NDE);
- eleição de comissões permanentes ou temporárias para execução de atividades ligadas a Humanidades ou que representem o curso no âmbito do Instituto de Humanidades e Letras do campus dos Malês e da UNILAB como um todo;
- planejamento e decisão sobre atividades curriculares e extracurriculares, tais como ementários, mudanças curriculares, alterações na estrutura prática do curso, encontros, semanas temáticas e afins;
- participação e decisão na elaboração de editais e demais instrumentos de construção do quadro docente (tais como comissões

de análise de redistribuição de professores de outros institutos ou outras IES para o curso);

- deliberação sobre recursos materiais e humanos voltados ao curso;
- deliberação e avaliação sobre pedidos de afastamento ou redistribuição de docentes, segundo normas da UNILAB.

O Colegiado do Bacharelado em Humanidades do Campus dos Malês reúne-se ordinariamente, por convocação do(a) coordenador(a) do curso, de acordo com calendário estabelecido no início do período letivo e/ou, extraordinariamente, sempre que convocado pelo(a) coordenador ou por solicitação de seus membros titulares. As convocações para as reuniões são feitas com antecedência mínima de 48 (quarenta e oito) horas e delas constará a ordem do dia (pauta). Em caso de urgência, o prazo de convocação pode ser reduzido a critério do coordenador (a) do curso, que desempenha a função de presidente do Colegiado que pode ser substituído por outros membros de acordo com a ordem do decanato. Normalmente, uma reunião ordinária por mês. As reuniões funcionam com 2/3 (dois terços) dos seus membros. Constatada a falta de quórum, o início da sessão fica transferido para uma nova data de convocação. O Colegiado do curso leva em consideração a maioria simples de votos. Tem direito a voto apenas os membros titulares do Colegiado, ou seja, os professores do BI (Bacharelado Interdisciplinar) do primeiro e do segundo ciclo. Não são admitidos votos por procuração. Após cada reunião, lavrar-se a ata, que será discutida e votada na reunião seguinte. Após a aprovação, a ata é subscrita pelo(a) presidente e pelo(a) secretário(a) e, em seguida, divulgada.

13.2 Atuação do Núcleo Docente Estruturante

Instituído pela Resolução CONAES n. 01/2010, e regulamentado na UNILAB pela Resolução do Conselho Universitário nº 15/2011, sua função precípua é qualificar o envolvimento docente no processo de concepção,

consolidação e avaliação do curso. Compete ao Núcleo Docente Estruturante – NDE:

- fazer o acompanhamento da formulação do PPC do curso, bem como de sua implementação e desenvolvimento. Cabe-lhe, ainda, o papel de instância de aconselhamento e orientação junto à Coordenação do Curso, com vista à melhoria do processo formativo do corpo discente, bem como para um melhor desenvolvimento do trabalho docente, articulando ensino, pesquisa e extensão e, ainda:
- contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso;
- zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;
- indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas às áreas de conhecimento do curso;
- zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação.

O Núcleo Docente Estruturante é presidido pelo(a) coordenador(a) do curso e conta com oito membros, sendo que pelo menos cinco dentre eles são docentes do curso detentores de titulação acadêmica obtida em programa de pós-graduação *strictu sensu* e, destes, pelo menos 60% possui título de doutor, de acordo com critérios do INEP. Preferencialmente, 100% dos docentes do NDE atua em regime de tempo parcial ou integral e, destes, pelo menos 20% em tempo integral, de acordo com critérios do INEP. A UNILAB se compromete com a permanência dos docentes do NDE até, pelo menos, a renovação de reconhecimento do curso, de acordo com critérios do INEP.

O NDE do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades é um órgão consultivo, formado por um conjunto de professores designados pelo Colegiado

de Curso e que têm responsabilidade de promover a implantação do Projeto Pedagógico. O NDE é constituído pelo (a) coordenador (a) de curso, que o preside, e por docentes que ministram aulas no curso. O NDE reúne-se, ordinariamente, uma vez por mês e, extraordinariamente, sempre que convocado pelo(a) coordenador(a) do curso. A convocação dos membros do NDE é feita pelo(a) presidente, por escrito, mediante protocolo, pelo menos quarenta e oito (48) horas antes da hora marcada para o início da reunião e com informação da pauta. A reunião do NDE acontece com a presença mínima de metade mais um dos membros.

13.3 Atuação e formação do(a) coordenador(a) do Curso

Cabe ao coordenador de curso zelar para que o Projeto Pedagógico seja executado da melhor maneira, buscando o bom andamento do Curso. Segundo o Estatuto da UNILAB (seção IV- art. 50, dos parágrafos 1º ao 3º), as Coordenações de Cursos de Graduação são responsáveis pelas atividades de formação acadêmica e gestão administrativa, em sua esfera de responsabilidade. As coordenações de cursos e programas têm a responsabilidade de gerenciar os cursos e os programas com atribuições de natureza administrativa, acadêmica, institucional e política, em consonância com as definições do Regimento Geral da UNILAB e das regulamentações específicas da Unidade Acadêmica (Instituto ou Campus).

O Coordenador do Curso deverá apresentar efetiva dedicação à administração e à condução do Curso. A coordenação do Curso deverá estar à disposição dos docentes e discentes, sempre que necessário, para auxiliá-los nas questões didático-pedagógicas.

O perfil desejável do(a) Coordenador(a) do Colegiado do Curso implica em titulação acadêmica obtida em programa de pós-graduação *strictu sensu* e experiência profissional, no magistério superior, na educação profissional e na gestão acadêmica, somadas, com pelo menos 05 anos de experiência, sempre que viável. A gestão acadêmica na coordenação do curso será de 02 anos. O

regime de trabalho do Coordenador do Curso será de tempo integral (DE) e sua dedicação à gestão e condução do Curso será de, pelo menos, 20 horas semanais. A Coordenação do Curso funcionará em espaço de trabalho próprio em sala disponível no campus dos Malês.

14 CONDIÇÕES DE OFERTA DO CURSO

O Campus dos Malês está localizado na cidade de São Francisco do Conde, Estado da Bahia, a 67 km de Salvador. As atividades acadêmicas da UNILAB no município iniciaram em 16 de fevereiro de 2013 com o Polo de Apoio Presencial de Ensino a Distância (EAD) que oferece cursos de graduação (Bacharelado em Administração Pública) e de pós-graduação (Gestão Pública, Gestão Pública Municipal, Gestão Pública em Saúde). Através do PARFOR oferece, também, o curso UNIAFRO/EAD (aperfeiçoamento). Os cursos presenciais do Campus dos Malês, Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades e Licenciatura em Letras, iniciaram suas atividades em 26 de maio de 2014.

A estrutura do campus universitário funciona em imóvel cedido pela Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde em área de 2.710m². Possui dois pavimentos interligados por escada e rampa de acessibilidade, 8 (oito) salas administrativas, 10 (dez) salas de aula climatizadas e equipadas com projetor, computador e quadro branco; laboratório de informática com 33 (trinta e três) computadores, conexão à internet sem fio, auditório com 132 (cento e trinta e dois) lugares, banheiros com acessibilidade, enfermaria, restaurante universitário, funcionando em dois períodos (11h30 às 14h00 e das 17h30 às 19h:00) e biblioteca com 3.000 (três mil) títulos. No espaço externo a unidade possui uma quadra poliesportiva coberta, estacionamento e banheiros.

Fotografia 1 - Prédio do campus dos Malês



Todos os estudantes têm acesso ao apoio social, econômico, psicológico, questões alimentares e primeiros socorros que são disponibilizados no campus por técnicos profissionais nestas áreas, nomeadamente duas assistentes sociais, uma psicóloga, uma nutricionista e uma enfermeira. Casos de problemas médicos mais graves têm acesso ao hospital em São Francisco do Conde que se encontra numa distância de dez minutos do campus. Uma percentagem elevada dos estudantes recebe auxílios financeiros. Existe um programa especial para a recepção dos estudantes brasileiros e estrangeiros, organizado por uma equipe de técnicos. Além disso, nas primeiras quatro semanas, os estudantes estrangeiros são hospedados em residenciais em Santo Amaro, para facilitar a sua adaptação no novo ambiente. Depois deste período, os estudantes estrangeiros são encaminhados para quartos de aluguel no município.

Buscando meios para melhorar o atendimento dos estudantes, em agosto de 2015 foram iniciadas, em terreno cedido pela prefeitura municipal de São Francisco do Conde, as obras de construção de dois primeiros blocos do campus, definitivos.

14.1 Acessibilidade

No quesito acessibilidade, conforme estabelecido pelo artigo 11º do Decreto nº 5.296/2004, a estrutura física do primeiro prédio do Campus dos Malês corresponde às necessidades de acessibilidade das pessoas com deficiência e com mobilidade reduzida. No prédio existe uma rampa que dá acesso do andar térreo ao primeiro andar. As entradas do prédio, as portas da biblioteca e das salas de aula permitem o acesso com cadeiras de roda. Os banheiros também têm condições para o uso por pessoas em cadeiras de roda. Além disso, as pessoas com deficiência têm à sua disposição o apoio de assistentes sociais, enfermeiras e da médica do campus. Para a necessidade de tratamento médico, a UNILAB tem convênio com o hospital municipal local e com o Complexo Hospitalar Universitário, Professor Edgard Santos da UFBA em Salvador. A Coordenação de Assistência ao Estudante (COASE)/PROPAI do campus dos Malês ainda não dispõe de um Setor de Acessibilidade.

14.2 Comitê de ética em pesquisa

As pesquisas desenvolvidas nos TCC devem obedecer às normas éticas da pesquisa. Estudante e orientador/a são responsáveis pelo cumprimento de tais normas. Conforme estabelecido pelo Regimento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, os procedimentos a serem seguidos para submissão de projetos ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) para as pesquisas envolvendo seres humanos seguem o protocolo definido pelo Sistema CEP/ Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP, sendo necessária a apresentação da documentação solicitada via Plataforma Brasil. “A Plataforma Brasil é o sistema oficial de lançamento de pesquisa e monitoramento do Sistema CEP/CONEP. Portanto, a submissão, a tramitação, a revisão ética e o acompanhamento dos projetos de pesquisa, ocorrem inteiramente de forma online” (REGIMENTO INTERNO, art. 13, § 3).

O quadro das pesquisas do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades não comporta pesquisas que envolvem animais e, portanto, não haverá submissão de projetos ao Comitê de Ética na Utilização de Animais (CEUA).

15 EMENTÁRIO

ÁFRICA CONTEMPORÂNEA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Ementa: Estudo das trajetórias e conexões internacionais do continente africano, na época moderna e contemporânea. Inserção na economia mundial desde o tráfico de escravos, a colonização e a descolonização até a globalização. Desafios políticos da descolonização e do pós-colonial. Aspectos econômicos e políticos do atual período de globalização. Debate sobre temas da atualidade, destacando seus aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais, estratégicos do continente africano numa perspectiva das Relações Internacionais.

Bibliografia básica:

LOPES, Carlos (org.). **Desafios contemporâneos da África:** o legado de Amílcar Cabral. São Paulo: UNESP, 2011.
MAZRUI, A. A. & WONDJI, C. (eds.). **A África desde 1935.** 2ª. Ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.
MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** Paris: La Découverte, 2014.
MONGA, Célestin. **Niilismo e negritude.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.
KI-ZERBO, Joseph. Para quando a África - Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro; Pallas, 2006.
VIZENTINI, Paulo F. **A África na política internacional:** o sistema interafricano e sua inserção mundial. Curitiba: Juruá, 2010.

Bibliografia complementar:

MBOKOLO, Elikia. **África Negra:** História e Civilizações (*Tomo II*). Salvador: EDUFBA/Casa das Áfricas, 2011.
HERNANDEZ, Leila L. **A África na sala de aula:** visita à história contemporânea. Selo Negro: São Paulo, 2008.
MAMDANI, Mahmood. **Citizen and subject:** contemporary Africa and the legacy of late colonialism. New Jersey: Princeton University Press, 1996.
MAZRUI, Ali & WONDJI, Christophe (Eds.). **História geral da África**, VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010.
SARAIVA, José F. **África parceira do Brasil atlântico:** relações internacionais do Brasil e da África no início do século XXI. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

ANTIGUIDADE AFRICANA E SUAS CONEXÕES

Ementa: Hominização e migrações. O problema historiográfico da emergência da civilização: o Saara, o Egito e o Oriente Médio. Formações sociais e políticas no vale do Nilo e na Mesopotâmia. Grécia clássica e suas relações com o Egito e a Ásia. Povoamento e colonização do Mediterrâneo ocidental: Cartago e Roma. Comércio, escravismo e militarismo no mundo antigo. O ensino dos temas da Antiguidade na escola básica.

Bibliografia básica:

BOWMAN, Alan Keir; WOOLF, Greg. **Cultura, escrita e poder no mundo antigo**. São Paulo: Ática, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **O trabalho compulsório na Antiguidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FAGE, J. D. **História da África**. Lisboa: 70, 2002.

LEICK, G. **Mesopotâmia: a invenção da cidade**. São Paulo: Imago, 2003.

M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. Vol.1. Salvador: Edufba; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.

Bibliografia complementar:

AUSTIN, Michael; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Economia e sociedade na Grécia antiga**. Lisboa: 70, 1986.

BERNAL, Martin. **Black Athena: the Afroasiatic roots of classical civilization**. New York: Rutgers, 1991.

CONNAH, Graham. **África desconhecida: uma introdução à sua arqueologia**. São Paulo: EDUSP, 2013.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2001.

LEAKEY, Richard. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO NOS PAÍSES DA INTEGRAÇÃO

Ementa: Antropologia, educação e descolonização do saber nos países da integração. Cultura e educação com ênfase nas sociedades contemporâneas. Alteridade, etnicidade e diferenças sociais no campo das relações raciais. Populações afro-brasileiras e religiosidades. Políticas públicas, direitos, patrimônios das heranças africanas no Brasil. Laboratório de práticas em antropologia da educação na perspectiva descolonizadora do saber.

Bibliografia básica:

ACHEBE, Chinua. *O mundo se despedaça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DURAND, Gilbert. *Ciência do Homem e Tradição: o novo espírito antropológico*. São Paulo: Triom, 2008.

SANTOS, Rafael J. *Antropologia para quem não vai ser antropólogo*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

Bibliografia complementar:

DAUSTER, Tania (Org.). *Antropologia e educação: Um saber de fronteira*. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2007.

GUSMÃO, Neusa M. Mendes de. *Antropologia e educação: um campo e muitos caminhos*. Linhas Críticas, Brasília, DF, v.21, n.44, p. 19-37, jan./abr. 2015.

MUNANGA, K. Administrações coloniais francesa, portuguesa e belga e a política de assimilação cultural e as suas consequências no processo de conscientização anticolonial. In: SANTOS, Maria Emília Madeira (Org.). *A África e a instalação do sistema colonial* (c.1885-c.1930). III Reunião Internacional de História da África. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 2000, p. 367-375.

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra de Fatima Pereira. *Antropologia e Educação*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

SANTOS, Rafael J. *Antropologia para quem não vai ser antropólogo*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

ANTROPOLOGIA DE ÁFRICA

Ementa: Dinâmicas das sociedades e culturas da África subsaariana contemporânea. Representações e realidades de África no contexto histórico e global. Urbanização, migrações, poder, etnicidade, religião e cultura popular.

Bibliografia básica:

AMSELLE, Jean-Loup & M'BOKOLO, Elikia (coord). **Pelos Meandros da Etnia:** Etnias, Tribalismo e Estado em África. Lisboa: Edições Pedagogo 2014.

BALANDIER, Georges. **Sociologia da África Negra.** Dinâmica das mudanças sociais na África Central. Lisboa: Edições Pedagogo, 2014

LOFORTE, Ana Maria. **Gênero e Poder entre os Tsonga de Moçambique.** Lisboa: Ela por Ela 2003.

MBEMBE, Achille. **África Insubmissa.** Cristianismo, Poder e Estado na Sociedade Pós-Colonial. Lisboa: Edições Pedagogo, 2013.

MUDIMBE, V.Y. **A Invenção de África.** Gnose, Filosofia e Ordem do Conhecimento. Lisboa: Edições Pedagogo, 2013.

WEST, Harry. **O Poder e o Invisível em Moeda.** Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

Bibliografia complementar:

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Vou lá visitar Pastores.** Lisboa: Cotovia 2015

COPANS, Jean. **A Longa Marcha da Modernidade Africana.** Saberes, intelectuais, democracia. Lisboa: Edições Pedagogo, 2014.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2005 [1937].

FLORENCIO, Fernando. **Ao Encontro dos Mambos.** Autoridades Tradicionais e vaNdau e Estado em Moçambique. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005.

HONWANA, Alcinda Manuel. **Espíritos Vivos, Tradições Modernas.** Possessão de Espíritos e Reintegração Social Pós-Guerra no Sul de Moçambique. Lisboa: Ela por Ela, 2003.

TRAJANO FILHO, Wilson (org.). **Travessias antropológicas.** Estudos em Contextos Africanos. Brasília, ABA Publicações, 2012.

WEBSTER, David J. & CABRA, João Pina. **A Sociedade Chope.** Indivíduo e Aliança no Sul de Moçambique 1969-1979. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

ANTROPOLOGIA E COLONIZAÇÃO

Ementa: A construção do Europocentrismo. Imagens de África e América. A formação da Antropologia enquanto disciplina acadêmica. Construção da nação e dos impérios. Narrativas do Descobrimento e da Colonização. Etnografia, deslocamento e alteridade. Antropologias e ideologias nacionais. Os saberes coloniais em África. Antropologia e formação do Brasil.

Bibliografia básica:

SEVCENKO, Nicolau. "As alegorias da experiência marítima e a construção do europocentrismo". In: Schwarcz, Lília; Queiroz, Renato (orgs.) **Raça e Diversidade**. São Paulo: Edusp. 1996

L'ESTOILE, B; NEIBURG, Federico; SIGAULT, Lygia. (Orgs) **Antropologias, Impérios e Estados Nacionais**. Rio de Janeiro, Relume Dumará Faperj, 2002.

PEIRANO, Mariza. **Antropologia no plural: três experiências contemporâneas**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

KUPER, Adam. "Antropologia e Colonialismo". In: **Antropólogos e Antropologia**. Rio de Janeiro: Editora: Francisco Alves, 1978.

THOMAZ, Omar Ribeiro. "**O bom povo português**": usos e costumes d'aquém e d'além-mar. *Mana*, 7(1), 55-87. 2001.

Bibliografia complementar:

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Introdução a uma história indígena**. In. Índios no Brasil: história, direitos e cidadania. São Paulo: Selo Enigma, 2013, p. 7-25.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **Ecos do Atlântico Sul**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. São Paulo: Ática, 1983.

LEIRIS, Michel. 2007 [1934]. **A África Fantasma**. São Paulo: Cosac Naify.

PEPETELA. **As aventuras de Ngunga**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1983.

COPANS, Jean. **A longa marcha da modernidade africana: saberes, intelectuais, democracia**. Luanda: Pedago; Mulemba, 2014.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SCHWARCZ, Lília. **As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX**. In SCHWARCZ, Lília; QUEIROZ, Renato (orgs.) **Raça e Diversidade**. São Paulo: Edusp. 1996.

ANTROPOLOGIA I

Ementa: A proposta da disciplina é apresentar aspectos da constituição da Antropologia enquanto disciplina acadêmica a partir de suas principais escolas e vertentes. A partir delas pretende-se trabalhar em torno dos conceitos e noções fundantes e fundamentais da disciplina, como o etnocentrismo, o relativismo, e diferença, a alteridade e a cultura.

Bibliografia básica

BOAS, Franz. **Raça e Cultura**. In. BOAS, Franz. Antropologia Cultural. Tradução: Celso Castro. 6º ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LÉVI-STRAUSS. **Raça e História**. In. Antropologia Estrutural II. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

Bibliografia complementar

CUCHE, Denis. **O conceito científico de cultura das ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DURKHEIM, Émile, E. **As formas elementares da vida religiosa**. SP: Martins Fontes, 2000.

PEIRANO, Mariza. **Antropologia no plural: três experiências contemporâneas**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução a Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

KUPER, Adam. 2008. **A Reinvenção da Sociedade Primitiva: transformações de um mito**. Recife: UFPE.

ANTROPOLOGIA II

Ementa: A proposta da disciplina é apresentar as críticas que fundamentaram as principais transformações no âmbito da antropologia a partir dos anos 1960, geradas quer no campo reflexivo inerente a prática antropológica, quer no campo das reivindicações políticas e sociais. Seus eixos principais de discussão recaem sobre as áreas da antropologia reflexiva, pós-colonialidade, estudos culturais e decolonialidade.

Bibliografia básica:

BORGES, Antonádia et alii. **Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa**. Sociedade e Estado, v. 30, n. 2, 2015.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

MBEMBE, Achile. **Formas africanas de autoinscrição**. Rio de Janeiro: Estudos Afro-Asiáticos, Ano 23, no 1, 2001.

SAID, Edward. **Fora do Lugar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

L'ESTOILE, Benoît de, NEIBURG, Federico e SIGAUD, Lygia (orgs.). **Antropologia, Impérios e Estados nacionais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ FAPERJ, 2002.

Bibliografia complementar:

BASTOS, Cristiana et alii. **Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos Pagu. Campinas/SP, n.26, p. 329-376, 2006.

DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidad y eurocentrismo**. In: LANDER, Edgardo (Ed.). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: 34; Rio de Janeiro: CEEA, 2001, cap. 2, esp. p. 109-131.

ARTE E DIÁSPORA NEGRA

Ementa: Tradição e modernidade na arte africana e afro-descendente na diáspora. Inserção das artes africanas e afro-descendentes no cenário contemporâneo das artes plásticas e visuais. Arte afro-brasileira e suas performances corporais. Cultura e identidade na expressão artística afro-brasileira, processos criativos e pertencimentos identitários. Aspectos históricos, filosóficos/estéticos, antropológicos e sociais das artes de matrizes africanas.

Bibliografia básica:

CUNHA, Mariano Carneiro da. "Arte afro-brasileira". In: ZANINI, Walter (organizador). **História geral da arte no Brasil**. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983, p. 972-1033.

BASBAUM, Ricardo, COIMBRA, Eduardo (organizadores). **Afro-américas**. Item: Revista de Arte, Rio de Janeiro, Espaço Agora/Capacete, n. 5, 2002.

PEDROSA, Mário. "O novo MAM terá cinco museus. É a proposta de Mário Pedrosa". In: ARANTES, Otília (organizadora). **Mário Pedrosa: Política das Artes**. São Paulo: Edusp, 1995, p. 309-312.

ACEVEDO, Cláudia Rosa; JORDAN NOHARA, Jouliana. Interpretações sobre os retratos dos afrodescendentes na mídia de massa. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, v. 12, n. Esp., 2008.

ARAUJO, Emanuel. **Catálogo Museu Afro Brasil: Um conceito em perspectiva**. Secretaria Municipal da Cultura. São Paulo, 2006.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. **Teatros de Memórias, Palcos de Esquecimentos: Culturas africanas e das diásporas negras em exposições museológicas**. Tese de Doutorado em História, PUC, 2006.

CUNHA, Mariano Carneiro, "Arte afro-brasileira" In: **História Geral da Arte no Brasil** (Org.) Walter Zanini, módulo 13, vol II, - São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 198.

Bibliografia complementar:

HALL, Stuart. **Da diáspora, identidades e mediações**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LODY. **O negro no museu brasileiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

CHRISTOFOLETTI, Rogério, BASSO, K. J. Marjorie. **O preto no branco: democracia midiática no Brasil e presença de negros nas fotos dos jornais**. Em: <http://www.labcom.ubi.pt/ec/02/pdf/Christofoletti-Basso-negros-democracia.pdf>.

FONTELES, Bené; BARJA, Wagner (Org). **Rubem Valentim: artista da luz**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MOORE, Carlos. **Felá Esta puta vida**. Belo Horizonte: Editora: Nandyala, 2011.

SILVA, Nelson Fernando Inocencio. **Museu afro brasil no contexto da Diáspora:** dimensões contra-hegemônicas das artes e culturas negras. Tese de Doutorado em Artes, UNB, 2012.

ARAÚJO, E. (Org.), **A mão afro-brasileira:** significado da contribuição artística e histórica, Editora: TENENGE, 1988

GLÓRIA, Ferreira. **Crítica da arte no Brasil:** temáticas contemporâneas. Rio de Janeiro: Funarte, 2005.

MALYSSE, Stéphane Rémy. Um olhar na mão: imagens e representações de Salvador nas fotografias de Pierre Verger. **Afro-Ásia**, Salvador, UFBA, n. 24, 2000. p. 325-364.

ARTE E SOCIEDADES AFRICANAS

Ementa: História, princípios estéticos e filosóficos para o entendimento da arte africana. Tradição oral: relação entre imagem palavra e imagem. Arte escultórica, objetos, utensílios e máscaras; arte sacra e objetos rituais; arte africana como referência para arte moderna européia. Arte africana contemporânea.

Bibliografia básica:

THOMPSON, Robert Farris. **Flesh of Spirit.** Arte e filosofia africana e afro-americana. São Paulo: Museu Afro-brasileiro, 2011.

VANSINA, Jan. “As artes e a sociedade após 1935”. In: MAZRUI, Ali (ed.). **História Geral da África, VIII:** África desde 1935. 2ª. ed. Revisada. Brasília: UNESCO, 2010, p. 697-760.

KI-ZERBO, Joseph. “A arte pré-histórica africana”. In: _____.(ed.). **História Geral da África, I:** Metodologia e pré-história da África. 2ª. ed. Revisada. Brasília: UNESCO, 2010, p. 743-780.

SOYINKA, Wole. “**As artes na África durante a dominação colonial**”. In: In: BOHEN, Albert Adu (ed.). **História Geral da África, VII:** África sob dominação colonial: 1880-1935. 2ª. ed. Revisada. Brasília: UNESCO, 2010, p. 625-655.

ELA, Jean-Marc. **Culturas Africanas no âmbito da racionalidade científica.** Livro II. Lisboa: edições Pedagogo, 2013.

Bibliografia complementar:

JUNGE, Peter. **Arte da África.** Obras do Museu Etnológico de Berlim. Rio de Janeiro; Brasília; São Paulo: **Catálogo de exposição promovida pelo Centro Cultural Banco do Brasil**, 2004, p. 24-39.

SILVA, Dilma de Neto; CALAÇA, Maria Cecília F. **Arte africana e afro-brasileira.** São Paulo: Terceira Margem, 2006.

DOMINO, Christophe e André Magnin. **L’Art africain contemporain.** Paris, Sacala, 2005.

SYLLA, Abdou. Criação e imitação na arte africana tradicional. In: **ÁFRICA e africanidade de José Guimarães:** Espíritos e universos cruzados. São Paulo: Museu Afro-Brasil, s.d, p. 21-84.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. **Teatros de Memórias, Palcos de Esquecimentos:** Culturas africanas e das diásporas negras em exposições museológicas. Tese de Doutorado em História, PUC, 2006.

BRANQUITUDE, POLÍTICAS DE AÇÃO AFIRMATIVA E SUPERAÇÃO DO RACISMO NAS AMÉRICAS

Ementa: Branquitude e reprodução de privilégios raciais. O papel das políticas de ação afirmativa em prol da igualdade racial. Racismo institucional e desigualdades raciais. Igualdade racial e o papel do Estado. Relação Movimentos Negros e Estado.

Bibliografia básica:

BENTO, M. A. & CARONE, I. (Orgs.). (2002). **Psicologia Social do Racismo** (2a. ed.). São Paulo: Vozes.

WARE, V. (Org.). **Branquidade, identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond.

CARONE, I. & M. A. Bento (Orgs.). **Psicologia Social do Racismo**. Petrópolis: Vozes.

MEDEIROS, C. **Na lei e na raça: legislação e relações raciais, Brasil-Estados Unidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

RAMOS, Artur Guerreiro. A Patologia do Branco Brasileiro. In: RAMOS, A. G. **Introdução Crítica a Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1995 [1957].

Bibliografia complementar:

BENTO, M. A. S. **Branquitude e poder: a questão das cotas para negros**. In: Simpósio Internacional do Adolescente, 1, 2005, São Paulo.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: UNESP, 2006

PIZA, E. Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu. In A. S. A. Guimarães & L. Huntley (Orgs.). **Tirando a máscara: ensaios sobre racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 97-126.

SOVIK, L. (2009). **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora. TWINE, Frances W. **Racism in a Racial Democracy: The Maintenance of White Supremacy in Brazil**. New Brunswick-NJ, Rutgers University Press, 1998.

RIBEIRO, Matilde. **Políticas de promoção da igualdade racial no Brasil (1986-2010)**. Garamond Universitária, 2014.

CIÊNCIA POLÍTICA I

Ementa: Objetos e temas da Ciência Política. Teoria Política Moderna e Contemporânea. Estado, Instituições Sociais e Políticas. Conceitos fundamentais: sociedade civil, Estado, democracia, cidadania, colonialismo, imperialismo, partidos políticos.

Bibliografia básica:

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos impérios - (1875-1914)**: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBBS, Thomas. **Leviatã, ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

Bibliografia complementar:

ALVES, José Augusto Lindgren. **A arquitetura internacional dos direitos humanos**. São Paulo: FTD, 1997.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu Pai**. A África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BOBBIO, Norberto & BOVERO, Michelangelo (orgs.). **Teoria Geral da Política: a filosofia política e as lições dos clássicos**. Rio de Janeiro: Campus, 2000. FAORO, Raymundo. Os donos do poder. São Paulo: Globo, 2001.

FERREIRA, L; GUANABARA, R; JORGE, V. **Curso de ciência política: grandes autores do pensamento político moderno e contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

QUIRINO Célia; SADEK, Maria (Orgs.) **O pensamento político clássico: Maquiavel, Hobbes, Montesquieu**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CIÊNCIA POLÍTICA II

Ementa: Teoria Política Contemporânea. Ação Coletiva. Teoria dos Movimentos Sociais. Pan-africanismo e resistências políticas diaspóricas. Participação e representação política.

Bibliografia básica:

ANDRADE, de Mário Pinto. **A Origens do Nacionalismo Africano**: Portugal. Editor: Dom Quixote, 1998.

GUIMARÃES, Antônio S. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Editora. 34, 1999.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**, São Paulo, Edições Loyola, 1997.

JUNIOR, J. F.; POGREBISNCHI, T. **Teoria política contemporânea: uma introdução**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

TARROW, Sidney. **O Poder em Movimento: Movimentos Sociais e confronto político**, Petrópolis, Editora Vozes, 2009.

Bibliografia complementar:

AVRITZER, Leonardo José, DOMINGUES, Maurício (Orgs.). **Teoria Social e Modernidade no Brasil**. Belo horizonte: Ed.UFMG, 2000, p. 123-135.

COELHO, V NOBRE, M. **Participação e deliberação: teoria democrática e experiências institucionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Ed. 34, 2004.

DAGNINO, Evelina, OLIVEIRA, Alberto J. & PANFICHI, Aldo (orgs.). **A disputa pela construção democrática na América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FERREIRA, L; GUANABARA, R; JORGE, V. **Curso de ciência política: grandes autores do pensamento político moderno e contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

MELO, Rúion (org.). **A teoria crítica de Axel Honneth: reconhecimento, liberdade e justiça**. São Paulo: Saraiva, 2013.

CRÍTICA E CONTRANARRATIVA ANTROPOLÓGICA

Ementa: A disciplina propõe uma reflexão sobre os efeitos do colonialismo a partir da produção de intelectuais afro-brasileiros, africanos e indígenas, destacando o processo de resistência e autodeterminação. Antropologia em África. Antropologia indígena e afro-brasileira.

Bibliografia básica:

BANIWA, Gersem. **Os indígenas Antropólogos**. Novos Debates, vol 2. n. 1. 2015

BOAHEN, Albert Adu. **História geral da África**: v. VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

GONZALEZ, Lelia. **A Categoria Político-Cultural de Amefricanidade**. Revista TB, Rio de Janeiro, 1988.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MAFEJE, Archie. **The Ideology of Tribalism**. The Journal of Modern African Studies, Vol. 9, n. 2, 1971, pp.253-261.

MBEMBE, Achille. **As Formas Africanas de Auto-Inscrição**. Rio de Janeiro: Estudos Afro-Asiáticos, Ano 23, nº 1, 2001, p. 171-209.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NASCIMENTO, Beatriz. **É Tempo de Falarmos de Nós Mesmos**. In: RATTI, Alex. **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento, São Paulo, Imprensa Oficial, 2007.

Bibliografia complementar:

BANIWA, Gersem. **Antropologia Indígena**: o caminho da descolonização e da Autonomia Indígena. 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, junho de 2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

BENITES, Tonico. **Os Antropólogos Indígenas**. Novos Debates, vol 2. n. 1. 2015

BORGES, Antonádia (*et al*). **Pós-Antropologia**: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa. Revista Sociedade e Estado, Vol. 30, n. 2, 2015.

COUTO, Mia: "À porta da modernidade, há sete sapatos sujos que precisamos descalçar". **Por dentro da África**, 28 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/mia-couto-a-porta-da-modernidade-ha-setesapatos-sujos-que-necessitamos-descalçar>>, acessado em 01 de junho de 2014.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Para uma história indígena e do Indigenismo. In: **Cultura com aspas e outros ensaios**. Cosac Naify, 2010.

PEIRANO, Mariza. Debates e Embates na Antropologia: o diálogo Índia-Europa. In Dados: **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 33/1, 1990.

CULTURA E MEIO AMBIENTE

Ementa: O meio ambiente como objeto de reflexão antropológica. Natureza, Cultura e Sociedade. Teorias antropológicas sobre a relação do humano com o ambiente. Antropologia das paisagens e dos lugares. Ambientalismo, ecologia política e populações tradicionais. Sustentabilidade, gestão ambiental e políticas da natureza.

Bibliografia básica:

ACSELRAD, H. Ambientalização das lutas sociais. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 103-119, 2010.

ALMEIDA, Mauro Wagner Berno de. Sociedade e Meio Ambiente. **Anais do Ceru**, 2008.

CARNEIRO DA CUNHA, Manoela. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo, Cosac Naify, 2009.

KOPENAWA, D. & ALBERT, B. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização. **Quilombos**: modos e significações. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia. Universidade de Brasília, 2015.

Bibliografia complementar:

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto**: terras tradicionalmente ocupadas. 2. ed. Manaus: PGSCA–UFAM, 2008.

ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. Direitos à floresta e ambientalismo: seringueiros e suas lutas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.19, n. 55, 2004.

BALÉE, William. Sobre a indigeneidade das paisagens. **Revista de Arqueologia**, Rio de Janeiro, v.21, n.2, p. 09-23. 2008.

DANOWSKI, D. & VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie/Instituto Socioambiental. 2014.

DIEGUES, A. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 2001.

INGOLD, Tim. 1994. Humanidade e animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 10, n. 28, p. 39-54.

SILVEIRA, Flávio L. A. da; CANCELA, Cristina D. **Paisagem e cultura**: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade. Belém: Edufpa, 2009.

OLIVEIRA, João Pacheco de; COHN, Clarice (Orgs.). **Belo Monte e a questão indígena**. Brasília: ABA, 2014.

RICARDO, Fany (Org.). **Terras Indígenas e Unidades de Conservação da Natureza**: o desafio das sobreposições. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**: resistir à barbárie que vem. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

DIÁSPORA NEGRA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Ementa: Impactos do escravismo na formação das Américas. Diáspora negra como questão epistemológica e política. Dimensões do genocídio negro na Diáspora. Racismos e antirracismos comparados. Conferência de Durban contra o Racismo e a Discriminação Racial.

Bibliografia básica:

ALVAREZ, Sonia E., DAGNINO, Evelina, ESBÓBAR, Arturo (orgs.) **Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos: novas leituras**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na Casa de Meu Pai**. A África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BLACKWELL, Maylei; NABER, Nadine. Interseccionalidade em uma era de globalização: as implicações da conferência mundial contra o racismo para práticas feministas transnacionais. In.: **Revista de Estudos Feministas**, n. 1, 2002.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: Modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Editora 34/UCAM, 2002.

VARGAS, João Costa. A Diáspora Negra como Genocídio: Brasil, Estados Unidos ou uma geografia supranacional da morte e suas alternativas. In.: **Revista da ABPN**, n. 2, 2010.

Bibliografia complementar:

MAZRUI, A. A. & WONDJI, C. (eds.). **A África desde 1935**. 2ª. Ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

MOORE, Carlos. (2007). **Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza.

M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. Tomo II - Do século XIX até nossos dias. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

PIOVESAN, Flávia; GUIMARÃES, Luis C. Rosa. **Convenção internacional sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial**. [s.d.] Disponível em: Acesso em: 7 ago. 2011.

VISENTINI, Paulo F. **A relação Brasil-África**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016.

DINÂMICAS DE RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

Ementa: Globalização: teorias críticas; Racismo e poder na ordem internacional; sexismo, LGBTTT fobias e os mecanismos de vulnerabilização da vida; Resistência política e avanços legais na proteção de direitos.

Bibliografia básica:

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 12a ed. Rio de Janeiro: Record, 2005, 174p.

RAGO, Margareth. **Globalização e Imaginário sexual, ou Denise está chamando**.

Entretextos Entresexos, Campinas, n. 2, p. 81-96, out. 1998.

RUBIO, David Sánchez; FLORES, Joaquín Herrera, CARVALHO, Salo de (org).

Direitos Humanos e Globalização: Fundamentos e possibilidades desde a teoria crítica. Porto Alegre: Editora PucRS, 2010.

DAVIS, Angela; DENT, Gina. **A prisão como fronteira: uma conversa sobre gênero, globalização e punição**. Rev. Estud. Fem. vol.11 no.2 Florianópolis July/Dec. 2003.

FERNANDES, José Antônio da Costa. Globalização e racismo. Revista Espaço Acadêmico, n.66, Novembro/2006, mensal, ano VI.

Bibliografia complementar:

HOBSBAWM, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BAKARE-YUSUF, Bibi. **Além do determinismo: A fenomenologia da existência feminina Africana**. Tradução para uso didático de BAKARE-YUSUF, Bibi. *Beyond Determinism: The Phenomenology of African Female Existence*. **Feminist Africa**, Issue 2, 2003, por Aline Matos da Rocha e Emival Ramos.

BLACKWELL, Maylei; NABER, Nadine. **Interseccionalidade em uma era de globalização: as implicações da conferência mundial contra o racismo para as práticas feministas transnacionais**. *Revista Estudos Feministas*, n.1, 189-198, v.10, 2002.

SENOTIER, Daniele; HIRATA, Helena, LE DOARE, Helene. **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009.

DIREITO INTERNACIONAL PÚBLICO I

Ementa: Introdução ao Direito Internacional. Definição do Direito Internacional Público: objeto, taxonomia e conteúdo de normas. Sujeitos de Direito Internacional (Estados, Organizações Internacionais e Indivíduos). Personalidade em Direito Internacional Público: os Estados, as organizações intergovernamentais, a pessoa humana, situações particulares. Fontes do DIP: tratados, o costume, a jurisprudência, os princípios gerais de direito, a doutrina, atos unilaterais dos Estados e resoluções de organizações intergovernamentais. Reconhecimento de Estado e de Governo e Sucessão de Estados. Imunidades no Direito Internacional. Imunidade Estatal, Diplomática e Consular. Responsabilidade Internacional de Estados. Fontes do Direito Internacional. Tratados Internacionais e prática brasileira. Conflito de Fontes do Direito Internacional.

Bibliografia básica:

ARIOSI, M. **Conflitos entre tratados internacionais e leis internas: o Judiciário e a Nova Ordem Internacional**. Rio de Janeiro: Renovar, 2000.

LEITE, J.; AYALA, P. **Direito Internacional na Sociedade de Risco**. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

MELLO, C. D. de A. **Curso de Direito Internacional Público**. vol. 1. 15. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Renovar, 2004.

NASSER, S. **Fontes e Normas do Direito Internacional**. São Paulo: Atlas, 2005.

REZEK, J. F. **Direito Internacional Público: Curso Elementar**. São Paulo: Saraiva, 2011.

Bibliografia complementar:

CANÇADO, A. **O Direito Internacional em um Mundo em Transformação**. Rio de Janeiro: Renovar, 2002.

DINH, N.; DAILLIER, P.; PELLET, A. **Direito Internacional Público**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 72

MEDEIROS, A. P. **Desafios do Direito Internacional Contemporâneo**. Brasília: FUNAG, 2007.

PIOVESAN, F. Valor jurídico dos tratados: impacto na ordem interna e internacional. **Boletim da Procuradoria Geral do Estado de São Paulo**, São Paulo, v. 22, mar./abr. 1998.

SILVA, G.; ACCIOLY, H.; CASELLA, P. **Manual de Direito Internacional Público**. São Paulo: Saraiva, 2009.

ECONOMIA POLÍTICA INTERNACIONAL

Ementa: A evolução da Economia Política Internacional, aspectos teóricos e conceituais. Teorias econômicas sobre hegemonia, ordem mundial e mudança histórica. Interpretações sobre a evolução e dinâmica do sistema interestatal capitalista. Sistema financeiro internacional e o mercado internacional de moedas. Economia Política Internacional e Desenvolvimento desigual. Impactos econômicos de conflitos e crises no continente africano. África contemporânea: inserção internacional do continente na economia global, fontes endógenas e exógenas de crescimento, desafios para o desenvolvimento sustentável.

Bibliografia básica:

AMIN, S. **Os desafios da mundialização**. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.
CHANG, H-J. **Chutando a escada**: estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
GILPIN, R. **Political Economy of International Relations**. New Jersey: Princeton University Press, 1987.
ROSSETTI, J. P. **Introdução à Economia**. São Paulo: Atlas, 2003.
SEVERINO, J-M.; RAY, O. **Le Temps de l'Afrique**. Paris: Odile Jacob, 2010.

Bibliografia complementar:

CHANG, H-J. **Maus Samaritanos**: O mito do livre comércio e a história secreta do capitalismo. Rio de Janeiro: Campus, 2009.
GODDARD, R. et al. **International Political Economy**: State-Market Relations in a changing Global Order. London: Lynne Rienner, 2003.
SCHECHTER, M. G.; COX, R. **The Political Economy of a Plural World**: Critical Reflections on Power, Morals and Civilization. London: Routledge, 2012.
VIDAL, G.; GUILLÉN, A. (coord.). **Repensar la Teoría del Desarrollo en un Contexto de Globalización**. Homenaje a Celso Furtado. Buenos Aires: Clacso, 2008.

EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Ementa: Racismo, discriminação e perspectiva didático-pedagógica de educação antirracismo. História e cultura africana e afro-brasileira no contexto da educação. Movimentos Sociais e educação. Pesquisas em educação no campo da educação e relações étnico-raciais. Políticas públicas para a promoção da igualdade racial. Dinâmica das relações étnico-raciais nos diferentes ambientes educacionais. Orientações normativas e filosóficas para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

Bibliografia básica:

ABRAMOWICZ, A.; SILVÉRIO, V.R. (Orgs). **Afirmando diferenças**: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola, Campinas: Papirus, 2005.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura**: política social e racial no Brasil. Editora UNESP, 2006.

GUIMARÃES, A. S. **Classes, raça e democracia**. Editora 34: São Paulo, 2002.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula**: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Editora Vozes, 1999.

SILVÉRIO, V. R.; MATTIOLI, E.A.K.; MADEIRA, T.F. **Relações étnico-raciais**: um percurso para educadores, EDUFSCar, 2013.

Bibliografia complementar:

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Educação das Relações Étnico -raciais**: pensando os referenciais para a organização da prática pedagógica. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo o racismo no livro didático**. Salvador: EDUFBA, CEAQ, 2001.

ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino (org.). **Educação e raça**: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

LIMA, Maria Nazaré Mota de. (Org.). **Escola plural**: a diversidade está na sala - formação de professores/as em história e cultura afro-brasileira e africana. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

OLIVEIRA, Iolanda de (org.). **Cor e magistério**. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói: EDUFF, 2006.

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Ementa: Compreensão das bases conceituais e históricas dos Direitos Humanos. Análise crítica da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Papel e importância dos movimentos sociais e da sociedade civil para a reivindicação e a garantia dos direitos humanos. Sujeito de Direito. Responsabilidade individual e coletiva sobre os Direitos Humanos. Educação, como eixo dos Direitos Humanos. O Direito à Educação como potencializador de outros direitos.

Bibliografia básica:

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra et. al. **Educação em Direitos Humanos**: fundamentos histórico-filosóficos e político-jurídicos. João Pessoa: Editora Universitária, 2016.

Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma concepção multicultural de direitos humanos. In: **A gramática do tempo**. São Paulo: Cortez, 2006.

Bibliografia complementar:

Andrade, Jose H. Dischel. **O Sistema Africano de Proteção dos Direitos Humanos e dos Povos**. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/lenardo_nemer_caldeira_brant>. Acesso em: 10 jul. 2016.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: SEDH, 2007.

BRASIL. **Lei nº 8069/1990. Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo: Saraiva, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma pedagogia do conflito. In: FREITAS, Ana Lúcia; MORAES, Salete Campos (Orgs.). **Contra o desperdício da experiência: a pedagogia do conflito revisitada**. Porto Alegre: Redes, 2009.

SILVEIRA Rosa Maria Godoy et al. **Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Universitária, 2007.

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Ementa: Pan-africanismo e pan-americanismo na educação. Pensamento pedagógico intercultural. Cosmogonia (a formação do universo) e o desenvolvimento do ser humano. Interculturalidade, plurinacionalidade e descolonização do saber.

Bibliografia básica:

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista**. São Paulo: Cortez, 1984.

KRAWCZYK, Nora; CAMPOS, Maria Malta; HADDAD, Sérgio (Orgs.) **O cenário educacional latino-americano no limiar do século XXI: reformas em debates**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SANFELICE, José Luis. **Histórias da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

Bibliografia complementar:

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo. **Histórias do movimento Negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Sociedade, educação e cultura(s): colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

FREIRE, P. **Cartas a Guiné Bissau**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MIGNOLO, Walter. **Histórias globais, projetos locais: questões e propostas**. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **História da África e dos africanos na escola: desafios políticos, epistemológicos e identitários para a formação dos professores de História**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2012.

EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA NA PERSPECTIVA DA DESCOLONIZAÇÃO DO SABER

Ementa: Estudo crítico dos fundamentos da educação como prática social. Educação como meio de preservação e controle social. Dimensão política, cultural e socioespacial da educação. Colonialismo, colonialidade e educação como modo de aculturação. Educação e movimentos sociais: perspectivas de descolonização do saber. Discursos, perspectivas e práticas descolonizadoras. Pluriversalidade, diferença e educação antirracismo: desafios curriculares na perspectiva africana e afro-brasileira.

Bibliografia básica:

APPLE, Michael W. **Políticas culturais e educação**. Porto: Porto Editora, 1999.
CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Sociedade, educação e cultura(s):** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
DURKHEIM, Emile. **Educação e Sociologia**, São Paulo: Editora Hedra, 2010.
GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. O jogo das diferenças - **O Multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.
MAZRUI, Ali A. O Horizonte 2000 - A educação colonial: a libertação sem o desenvolvimento. In: **História Geral da África VIII**. África desde 1935. Editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji Brasília: UNESCO, 2010.

Bibliografia complementar:

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Minas Gerais: Ed. da UFMG, 2001.
DAYRELL, Juarez (Org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. **A África ensinando a gente**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Adelaine La Guardia Resende et al. (trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**. São Paulo: Cortez, 2006.
SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. Petrópolis: Vozes, 2012.
MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ESTÉTICA E FILOSOFIA DA ARTE

Ementa: Conceitos básicos da estética: mimese, imagem, juízo estético, belo, sublime, criação, arte, experiência estética. Estética e seus vínculos com a ética e com a política. Estética e cultura, arte e experiência estética brasileira e nas diásporas.

Bibliografia básica:

ARISTÓTELES. Poética. São Paulo: Edipro, 2014. 96 p.
HALL, Stuart. Da diáspora, identidades e mediações. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
KANT, Immanuel. Crítica da faculdade do juízo. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Autores Associados, 2012. xviii, 410 p.
PLATÃO. A República: [ou sobre a justiça, diálogo político]. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. Estética e política: a partilha do sensível. Porto, Portugal: Dafne, 2010. 98 p. (Imago).

Bibliografia complementar:

CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: entrada e saída na modernidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

CABRERA, Julio. Diário de um filósofo no Brasil. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. 277 p.

CORTÊS, Gustavo; SANTOS, Inacyra Falcão dos; ANDRAUS, Mariana Baruco Machado (Orgs.). Rituais e linguagens da cena: trajetórias e pesquisas sobre Corpo e Ancestralidade. Curitiba: CRV, 2012. 255 p.

CUNHA, Mariano Carneiro, "Arte afro-brasileira" In: História Geral da Arte no Brasil (Org.) Walter Zanini, módulo 13, vol II, - São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 198.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. O destino das imagens. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2013. 151 p. (Coleção ArteFíssil).

EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Ementa: Definir e situar a importância da epistemologia para a prática das ciências sociais. Heranças e rupturas frente aos paradigmas clássicos de epistemologia. Entender as particularidades da produção do conhecimento nas ciências sociais. Compreender o panorama do debate contemporâneo acerca das epistemologias: africana, feminista e do Sul.

Bibliografia básica:

BACHELARD, G. A noção de obstáculo epistemológico. In: BACHELARD, G. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1996.

GRECO, John. O que é epistemologia, in Compêndio de Epistemologia (John Greco e Ernesto Sosa, orgs.), p.15-61. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

SIMMEL, Georg. O âmbito da Sociologia, in Questões Fundamentais da Sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O conceito de sociedade em antropologia. In: a Inconstância da Alma Selvagem, p.295-344, São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

Bibliografia complementar:

LONGINO, Helen E. Epistemologia feminista, in: Compêndio de Epistemologia (John Greco e Ernesto Sosa, orgs), p.505-545. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

KAPHAGAWANI, Didier N; MALHERBE, Jeanette G. African epistemology. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 219-229. Tradução para uso didático por Marcos Rodrigues. Disponível em:

http://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/didier_n._kaphagawani____jeanette_g._malherbe_-_epistemologiaafricana.pdf. Acesso em 20 ago. 2016.

SOUSA SANTOS, Boaventura. Parte I e Parte II. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

WATZLAWICK: Natureza e formas das relações humanas. In Antropologia filosófica: 2º parte, (p. 72-93). São Paulo: Editora da USP, 1977.

FILOSOFIA AFRICANA

Ementa: A filosofia e o multiculturalismo: o caso da filosofia africana; Tipos de filosofia(s) africana(s): etnofilosofia; filosofia sapiencial ou da sagacidade; filosofias ideológicas nacionalistas e pós-coloniais; filosofia profissional.

Bibliografia básica:

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

P.E.A., Elungu. **Tradição africana e racionalidade moderna**. Luanda: Pedago/Mulemba, 2014.

TOWA, Marcien. **A ideia de uma filosofia negro-africana**. Belo Horizonte: Nandyala; Curitiba: NEAB-UFPR, 2015.

MASOLO, Dismas A. **African philosophy in search of identity**. Indiana University Press, 1994.

Bibliografia complementar:

BELL, Richard H. **Understanding African philosophy: a cross-cultural approach to classical and contemporary issues**. Routledge, 2004.

COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002.

COPANS, Jean. **A longa marcha da modernidade africana**. Saberes, intelectuais, democracia. Luanda: Pedago/Mulemba, 2014.

EZE, Emmanuel Chukwudi (ed.). **African Philosophy**. Oxford: Blackwell, 1998.

EZE, Emmanuel Chukwudi (ed.). **Pensamiento Africano: Ética y Política**. Barcelona: Bellaterra, 2001.

EZE, Emmanuel Chukwudi (ed.). **Pensamiento Africano: Filosofía**. Barcelona: Bellaterra, 2002.

EZE, Emmanuel Chukwudi (ed.). **Pensamiento Africano: Cultura y Sociedad**. Barcelona: Bellaterra, 2005.

HALLEN, Barry. **A Short History of African Philosophy**. Bloomington: Indiana University Press, 2002.

IMBO, Samuel Oluoch. **An introduction to African philosophy**. Rowman & Littlefield, 1998.

P.E.A., Elungu. **O despertar filosófico em África**. Luanda: Pedago/Mulemba, 2014.

WIREDU, Kwasi (Ed.). **A Companion to African Philosophy**. Oxford: Blackwell, 2004.

FILOSOFIA AFRICANA PÓS-COLONIAL

Ementa: A África e a razão científica moderna; Descolonização, tradição e intersubjetividade; Afropolitanismo e razão negra; Cosmopolitismo e ubuntu: democracia, consenso e tradição; Futuro pós-racial.

Bibliografia básica:

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona: Lisboa, 2014.

MBEMBE, Achille. **Sair da Grande Noite**. Ensaio sobre a África descolonizada. Luanda: Pedago/Mulemba, 2014.

HOUNTONDJI, Paulin J. (Org.). **O antigo e o moderno: a produção do saber na África contemporânea**. Mangualde; Luanda: Edições Pedago; Edições Mulemba, 2014.

MAMA, Amina. **Será ético estudar a África?** Considerações preliminares sobre pesquisa acadêmica e liberdade. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, p. 603-637, 2010.

MASOLO, Dimas A. **Filosofia e conhecimento indígena: uma perspectiva africana**. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, p. 507-530, 2009.

RAMOSE, Mogobe B. Globalização e Ubuntu. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

Bibliografia complementar:

MBEMBÉ, J.-A. **On the postcolony**. Univ of California Press, 2001.

CORNELL, Drucilla. **Law and revolution in South Africa: Ubuntu, dignity, and the struggle for constitutional transformation**. Oxford University Press, 2014.

EZE, Emmanuel Chukwudi (ed.). **Postcolonial African philosophy: A critical reader**. Cambridge, Blackwell, 1997.

IRELE, Abiola; JEYIFO, Biodun. **The Oxford Encyclopedia of African Thought: Abol-impe**. Oxford University Press, 2010.

MASOLO, Dismas A. **Self and community in a changing world**. Indiana University Press, 2010.

MAMDANI, Mahmood. **Citizen and subject: Contemporary Africa and the legacy of late colonialism**. Princeton University Press, 1996.

OSHA, Sanya. **Postethnophilosophy**. Rodopi, 2011.

MUDIMBE, Valentin.Y. **A idéia de África**. Luanda: Pedago/Mulemba, 2013.

MUDIMBE, Valentin.Y. **A invenção da África**. Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento. Luanda: Pedago/Mulemba, 2013.

OSHA, Sanya. **African Postcolonial Modernity: Informal Subjectivities and the Democratic Consensus**. Springer, 2014.

OSHA, Sanya. **Kwasi Wiredu and beyond: The text, writing and thought in Africa**. African Books Collective, 2005.

WIREDU, Kwasi (Ed.). **A Companion to African Philosophy**. Oxford: Blackwell, 2004.

FILOSOFIA AFRODIASPÓRICA

Ementa: Raça: segregação, conservação e emancipação; *Back to africa*, dupla consciência e pan-africanismo; Negritude e a dialética do reconhecimento; Afrocentrismo e a afrocentricidade; Pragmatismo profético e filosofia existencial afro-americana;

Bibliografia básica:

CESAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Blumenau: Letras contemporâneas, 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GATES JR, Henry Louis. **Os negros na América Latina**. Editora Companhia das Letras, 2014.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Ed.). **Afrocentricidade**: Uma abordagem epistemológica inovadora-Coleção Sankofa-Volume 4. Selo Negro, 2009.

DU BOIS, W. E. B. **As almas da gente negra**. Rio de Janeiro: Lacerda Ed, 1999.

WEST, Cornel. **Questão de Raça**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Bibliografia complementar:

BERNASCONI, Robert. **The idea of race**. Hackett Publishing, 2000.

DE LIMA REIS, Eliana Lourenço. **Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural**: a literatura de Wole Soyinka. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2011.

EZE, Emmanuel Chukwudi (Ed.). **Race and the enlightenment**: A reader. Wiley-Blackwell, 1997.

GATES JR, Henry Louis; WEST, Cornel. **The future of the race**. Vintage, 2011.

GOLDBERG, David Theo; SOLOMOS, John (Ed.). **A companion to racial and ethnic studies**. Malden, MA: Blackwell, 2002.

GORDON, Lewis R. **An introduction to Africana philosophy**. Cambridge University Press, 2008.

GORDON, Lewis R. et al. **Existencia africana**: Understanding africana existential thought. Routledge, 2013.

IRELE, F. Abiola. **The African imagination**: Literature in Africa and the black diaspora. Oxford University Press, 2001.

IRELE, Abiola; JEYIFO, Biodun. **The Oxford Encyclopedia of African Thought**: Abol-impe. Oxford University Press, 2010.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

LOTT, Tommy L.; PITTMAN, John P. (Ed.). **A companion to African-American philosophy**. John Wiley & Sons, 2008.

WEST, Cornel. **The Cornel West reader**. Basic Books, 1999.

FILOSOFIA DA ANCESTRALIDADE E EDUCAÇÃO

Ementa: Conceitos essenciais à cosmovisão africana: corpo, mito, rito, tempo, ancestralidade. Relação comunitária. Importância do chão. Necessidade da diversidade e da alteridade. Religiosidade tradicional e sacralidade. Exu: para além do bem e do mal. Filosofia na perspectiva da cosmovisão africana. Ética e estética. Desdobramentos pedagógicos teórico-práticos. Laboratório de dispositivos de apreensão da filosofia da ancestralidade na educação.

Bibliografia básica:

BASTIDE, Roger. **As Américas negras**: as civilizações africanas no Novo Mundo. São Paulo: Difusão Européia do livro; EDUSP, 1974.

OLIVEIRA, Eduardo D. **Filosofia da Ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

VERGER, Pierre. **Lendas africanas dos orixás**. Salvador: Corrupio, 1997.

Bibliografia complementar:

LUZ, Marco Aurélio. **Agadá**: dinâmica da civilização africana-brasileira. Salvador: Edufba, 2000.

OLIVEIRA, Eduardo D. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. 3. ed. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

PETIT, Sandra & RODRIGUES, Eleomar dos Santos. Filosofar(-se) junto com o baobá: um encontro festivo com Sobonfu Somé, Mia Couto e Eduardo Oliveira. In: PETIT, S. H.; SILVA, G. C. (Orgs.). **Memórias de Baobá**. Fortaleza: EdUFC, 2012.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis, Vozes 1988.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos**. 2. ed. São Paulo: Odysseus, 2007.

FILOSOFIA EM AFROPERSPECTIVA

Ementa: O ensino de filosofia e as leis 10.639/03 e 11.645/08; Epistemicídio e pluriversidade; Afrocentricidade e disputa pelas origens; Quilombismo e redescritção do pan-africanismo; Perspectivismo Ameríndio; Multinaturalismo; Ancestralidade

Bibliografia básica:

NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org.) **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p.93-110

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. São Paulo: Pallas, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais**. São Paulo: Cosac&Naif, 2015.

Bibliografia complementar:

ANDRADE, O. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 2011

DANTAS, Luis Thiago Freire. **Descolonização curricular. A filosofia africana no ensino médio**. São Paulo: Perse, 2015.

KOPENAWA, Davi; E ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Global editora, 2009.

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombismo: um conceito emergente no processo histórico-cultural da população afro-brasileira**. 2. ed. Brasília; Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares; OR Editora, 2002.

OLIVEIRA, Eduardo de. **Filosofia da Ancestralidade – Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a Morte**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade- ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos**. 2ª Ed. Tradução de Deborah Weinberg. São Paulo: Odysseus Ed, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo de. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. 3ª Ed. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

FILOSOFIA COMO TEORIA E MODO DE VIDA

Ementa: Filosofia antes da filosofia; O surgimento da noção de filosofar; Filosofia e oralidade; A figura de Sócrates e a filosofia como modo de vida; Platão e a acadêmica;

Aristóteles e a vida teórica; Renascimento e a invenção da história da filosofia; A modernidade e o sujeito universal; Filosofia como sintoma: platonismo como metafísica.

Bibliografia básica:

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Atlas, 2009.
BUNNIN, Nicholas; TSUI-JAMES, E. P. (Orgs.) **Compêndio de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2000.
HADOT, Pierre. **O que é filosofia antiga?** São Paulo: Loyola, 1999.
NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de bolso, 2008.

Bibliografia complementar:

ANNAS, Julia. **Platão**. São Paulo: LP&M, 2012.
ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: EDIPRO, 2012.
BAGGINI, Julian; FOSL, Peter S. **As ferramentas dos filósofos: um compêndio sobre conceitos e métodos filosóficos**. São Paulo: Loyola, 2008.
DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Ediora 34, 1992.
HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. São Paulo: É Realizações, 2014.
_____. **Filosofia como modo de vida**. São Paulo: É Realizações, 2016.
NEIMAN, Susan. **O mal no pensamento moderno**. Uma história alternativa da filosofia. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
PLATÃO. **O banquete**. Belém: EDUFPA, 2011.

FUNDAMENTOS DA GESTÃO EDUCACIONAL NOS PAÍSES DA INTEGRAÇÃO

Concepções que fundamentam a Teorias da Organização e da Administração Escolar nos países da integração. Concepções que fundamentam a organização do trabalho administrativo-pedagógico nos países da integração. Relações de poder no cotidiano da escola e suas implicações para o trabalho pedagógico. Trabalho coletivo, como princípio do processo educativo. Projeto Político Pedagógico. Gestão democrática. Laboratório de diagnóstico da atual gestão educacional nos países da integração.

Bibliografia básica:

CORREA, Bianca Cristina; Teise Oliveira Garcia (orgs.). *Políticas Educacionais e organização do Trabalho na escola*. São Paulo: Xamã, 2008.
FERREIRA, Naura C. (org.) *Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios*. São Paulo: Cortez, 2001.
PARO, Vitor Henrique. *Administração Escolar: Introdução Crítica*, Editora Cortez, 2010.

Bibliografia complementar:

ALMEIDA, Adelino Augusto Marques de. *Panorama da educação em Moçambique*, 1973. In: I CONGRESSO DA ACÇÃO NACIONAL POPULAR, 1973, Tomar. Primeira reunião técnica FAO-CCTA, sobre a produção e protecção do cafeeiro. Lisboa: Imprensa Nacional de Moçambique, 1973.

AZEVEDO, Rafael Ávila de. Relance sobre a educação em África: (fundamentos e cultura e missões católicas no Ultramar: legislação publicada na metrópole e sumário das providências legislativas da competência provincial em 1964. Lisboa: Imprensa Nacional, 1965. 221 p.

CÁ, Lourenço Oconi. Perspectiva histórica de organização do sistema educacional da Guiné-Bissau. Campinas: [s.n.], 2005.

GADOTTI, M. Projeto Político-pedagógico da escola cidadã. In: MEC / SEED. *Salto para o futuro: construindo a escola cidadã*. Brasília, 1998.

ROSA, Manuel Ferreira. O ponto e o rumo do ensino ultramarino. Luanda: Lello, 1973.

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E PRÁTICOS DA CAPOEIRA E DO SAMBA

Ementa: Sistema samba e sistema capoeira como objetos da filosofia da ancestralidade. Origens e histórico da Capoeira. Capoeira Regional, Capoeira Angola e outras: filosofia e contexto histórico. A mulher na capoeira ontem e hoje. Expressões da Cosmovisão Africana na Capoeira e no samba. A medula do samba e a protonação banto no país: aspectos históricos, cosmogônicos, ontológicos e suas vertentes no território brasileiro. Desdobramentos pedagógicos para a Educação Escolar nos países da Integração. Laboratório de prática e compreensão da filosofia da capoeira e do samba para a Educação no contexto dos países da Integração.

Bibliografia básica:

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: os fundamentos da malícia**. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador: UFBA, 2009.

RODRIGUES, Ana Maria. **Samba negro, espoliação branca**. São Paulo: Hucitec, 1984.

Bibliografia complementar:

ABREU, Martha. **Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ARAÚJO, Nelson de. **Pequenos mundos: um panorama da cultura popular da Bahia- o Recôncavo**. Salvador: UFB, Fundação Casa de Jorge Amado, 1986.

CABRAL, Sérgio. **Escolas de samba**. O que, quem, como, quando e por quê. Rio de Janeiro: Fontana, 1974.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **Bimba, Pastinha e Besouro Mangangá: três personagens da capoeira baiana**. Tocantins: NEAB Goiânia, Grafset, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba: corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA INTERSECCIONALIDADE

Ementa: Conceito, objeto, fundamentos teórico-metodológicos da análise da articulação das relações sociais de raça, gênero e sexualidade. Sujeitos políticos. Perspectivas feministas descoloniais.

Bibliografia básica:

KENER, Ina. **Tudo é intersectional? Sobre a relação entre racismo e sexismo.** Novos Estudos 93, julho 2012, p.44-59.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Editora WMF/Martins Fontes, 2014.

SPIVAK, Gayatri C. **Crítica de la Razón Poscolonial.** Madrid. Akal, 2010.

OYÈWÚMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. **CODESRIA Gender Series.** Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8

BAIROS, Luiza. **Nossos feminismos revisitados.** Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 458-463, 2. sem. 1995.

Bibliografia complementar:

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PINHO, Osmundo. **A Guerra dos Mundos Homossexuais** - resistência e contra-hegemonias de raça e gênero. In: Luis Felipe Rios; Vagner de Almeida; Richard Parker; Cristina Pimenta; Veriano Terto Jr. (Org.). **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde.** Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids, 2004, v. 1, p. 127-133.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LUGONES, M. (2014). Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, 22(3), p.935-952.

FUNDAMENTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E PSICOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

Ementa: Relação educação, sociedade e cultura. Educação e desigualdade sociais. Dimensão política da Educação. Educação e Socialização. Impacto do racismo na construção da identidade. Educação e Psicologia: controle social, desenvolvimento e aprendizagem. Teorias do desenvolvimento e da Aprendizagem e descolonização do conhecimento. Psicologia na perspectiva das relações étnico-raciais.

Bibliografia básica:

BOURDIEU, P. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs). *Escritos de Educação.* Petrópolis: Vozes, 2007.

SODRÉ, M. *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes.* Petrópolis: Vozes, 2012.

VYGOTSKI, L.S. *Pensamento e linguagem.* São Paulo, Martins Fontes, 1991.

Bibliografia complementar:

ABRAMOWICZ et al. (orgs). *Educação como prática da diferença.* Campinas: Armazém do Ipê, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

TAVARES, F. J. P. Limites Críticos da Educação na “África Lusófona”. In: SEVERINO, A. J.; Almeida, C. R. S.; LORIERI, M. A. *Perspectivas da Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

BENTO, M. A.; CARONE, I. *Psicologia Social do Racismo*: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

LA TAILLE, Y. et al. *Piaget, Vygotsky e Wallon*: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

COLL, C. et al. (org.). *Desenvolvimento psicológico e educação*: Psicologia da Educação. Vol. 2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CASTORINA, J. A., LERNER, E. F. D.; OLIVEIRA, M. K. (Org.). *Piaget e Vygotsky*: novas contribuições para o debate. São Paulo: Ática, 2000.

GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Ementa: Influência do feminismo nas ciências sociais; da noção de papéis sexuais ao gênero; análise das relações de poder a partir dos marcadores sociais da diferença: gênero sexualidade e raça; as sexualidades dissidentes, racismo e epistemicídio; libertação sexual e crise da AIDS.

Bibliografia básica:

BASTOS, Cristiana. A política da produção de conhecimento e os movimentos de resposta à Sida. **Etnografia**, vol. II (1), 15-53, 1998.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

GOMES, Jaqueline de Jesus. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília, 2012.

SCOTT, Joan Wallach; Gênero: **Uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Porto Alegre, vol.20, no 2, jul./dez.1995, PP.71-99.

SANSONE, Livio; PINHO, Osmundo Araújo (orgs.). **Raça**: novas perspectivas antropológicas. Salvador: ABA EDUFBA, 2008.

Bibliografia complementar:

BONETTI, Alinnie; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima (orgs). **Gênero, mulheres e feminismos**. Salvador: EDUFBA, 2011.

CARDOSO, Edson Lopes. **Negro, não - a opinião do jornal Irohin**. Brasília: Brado Negro, 2015.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. **Homofobia, silêncio e naturalização**: por uma narrativa da diversidade sexual. Rev. psicol. polít. vol.8 no.16 São Paulo dez. 2008

PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (orgs). **Masculino, feminino, plural**: gênero na interdisciplinaridade (orgs). Florianópolis: ed. Mulheres, 1998.

SARDENBERG, Cecília Maria Barcellar; MINELLA, Luzinete Simões (orgs). **Gênero e ciências: mulheres e novos campos**. Salvador: EDUFBA, 2016.

GÊNERO, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E DESENVOLVIMENTO AFRICANO

Ementa: Saberes endógenos africanos. O debate sobre o(s) feminismo(s) negro(s) e africano(s). Legislações africanas de promoção de igualdade de gênero. Agendas dos Estados africanos sobre a temática de gênero. Pensar políticas públicas de desenvolvimento com e a partir das mulheres africanas. Diáspora africana e a política de gênero.

Bibliografia básica:

FALOLA, T. **The power of african cultures**. New York: University of Rochester, 2008.
MATA, I.; PADILHA, L. C. **A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente**. Lisboa: Colibri, 2007.
SUDBURY, J. **Outros tipos de sonhos: organizações de mulheres negras e políticas de transformação**. São Paulo: Summus, 2003.
PANTOCHA, S.; BERGAMO, E. A.; SILVA, C. da (Orgs.). **Angola e as angolanas**. Memória, sociedade e cultura. São Paulo: Intermeios, 2016.
OYEWUMI, O. **African Woman & Feminism: reflecting on the politics of sisterhood**. Trento: Eritrea: Africa World Press, 2003.

Bibliografia complementar:

AMADIUME. **Reiventing Africa: matriarchy, religion and culture**. 2. ed. London: New York: Zed Books, 1997.
CARVALHA, M. **A participação da mulher na vida de Cabo Verde**. Porto: Edições Ecopy, 2010.
CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global**. 3. ed. São Paulo: Nversos, 2015.
DIOP, C. A. **A unidade cultural da África negra: esfera do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica**. Luanda: Mulemba, 2013.
NASCIMENTO, E. L. (Org). **Sankofa: matrizes da cultura afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1996.

GEOGRAFIA POLÍTICA E GEOPOLÍTICAS DO SUL GLOBAL

Ementa: O papel da América Latina e de África nas relações internacionais em geral e nas relações sul-sul em particular. Como a América Latina e a África se relacionam com o mundo inteiro e com as outras regiões do sul global, nos contextos econômicos, políticos e geoestratégicos.

Bibliografia básica:

BANDEIRA, L. A. M. **Geopolítica e Política Exterior: Estados Unidos, Brasil e América do Sul**. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2010.
CERVO, A. L. **Relações Internacionais da América Latina**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.
HUGON, P. **Geopolítica da África**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
PENHA, E. **Relações BrasilÁfrica e Geopolítica do Atlântico Sul**. Salvador: EdUFBA, 2011.
SILVA, A. **Relações Internacionais da América Latina**. São Paulo: Vozes, 2010.

VISENTINI, F. **A África na Política Internacional**. O sistema interafricano e a sua inserção internacional. Curitiba: Juruá, 2010.

Bibliografia complementar:

CERVO, A.; RAPPAPORT, M. (org.). **História do Cone Sul**. 2. ed. São Paulo: REVAN, 2015.

MELLO, L. **Quem tem medo da Geopolítica?** São Paulo: Hucitec, 2015.

MONIE, F.; BINSZTOK, J. (org.). **Geografia e Geopolítica do Petróleo**. São Paulo: Mauad, 2012.

HISTÓRIA DA AMÉRICA: COLONIZAÇÃO E RESISTÊNCIA

Ementa: Formações sociais e políticas nas Américas antes do século XV: representações, história e historiografia. Invasões, contatos e conquistas nos séculos XV e XVI: história e historiografia. Formação das sociedades coloniais nas Américas: desigualdades e diferenças. Trabalho e tributo colonial: impactos na ordem social das sociedades autóctones. Embates e formas de negociação e resistência: historiografia. Escravidão e resistências nas sociedades coloniais sob domínio britânico, francês e espanhol. Tráfico atlântico e formação das Afro-Américas. A crise do sistema colonial. O ensino de história e historiografia da América na escola básica.

Bibliografia básica:

BELOTO, Manoel Lelo; CORREA, Ana Maria Martinez. **A América Latina de colonização espanhola**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

BETHELL, Leslie (Org.). **História geral da América Latina**. São Paulo: Edusp, 1998. 7v.

BLACKBURN, Robin. **A construção do escravismo no Novo Mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2003

GENOVESE, Eugene. **Da rebelião à revolução**. São Paulo: Editora Global, 1983.

SCHWARTZ, Stuart B. e LOCKHART, James. **América Latina na época colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: a questão do Outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Bibliografia complementar:

GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros**. São Paulo: Boitempo, 2000.

O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**. São Paulo: Unifesp, 1992.

WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e escravidão**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1972

CARDOSO, Ciro Flamarion. **América pré-colombiana**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FAVRE, Henry. **A civilização inca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

KLEIN, Herbert. **Escravidão africana: América Latina e Caribe**. Editora Brasiliense, 1987.

SOUSTELLE, Jacques. **A vida cotidiana dos astecas às vésperas da conquista espanhola**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1962.

VIANA, Larissa. **O Idioma da mestiçagem:** as irmandades de pardos na América portuguesa. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NOS PAÍSES DA INTEGRAÇÃO

Ementa: A história da educação nos países da integração. Os processos educativos seculares na África, na CPLP e na Diáspora. A história da educação no contexto colonial e pós-colonial. A História e a História da Educação no concerto da CPLP: pan-africanismo, negritude, quilombismo, poder negro, TEN, Frente Negra, Lei 10.639 e a História encruzilhada da África e da Diáspora.

Bibliografia básica:

HILSDORF, Maria Lúcia S, História da Educação Brasileira: Leituras, São Paulo, Pioneira Thomson, 2003.

ROMANELLI, Otaíza de O., História da Educação no Brasil, Petropolis, Ed. Vozes, 1997.

História Geral da África sob dominação colonial, 1880-1935. 2ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.p787-832.7vBrasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *História da Educação do Negro e Outras Histórias*. Brasília: 2005. (Coleção Educação para Todos).

Bibliografia complementar:

CABRAL, Amílcar. *Arma da Teoria*. Lisboa: Seara Nova, 1978.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra. Tradução de: OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FURTADO, Ana Mafalda. Subsídios para a História da Educação em Cabo Verde.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

OCUNI CÂ, Lourenço. *A Construção da Política do Currículo na Guiné-Bissau e o Mundo Globalizado*. Cuiabá: EdUFMT/CAPEs, 2008.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do século XX. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

HISTORIOGRAFIA I

Ementa: A emergência da História como disciplina erudita contemporânea. Ibn Khaldun: metodologia, escopo do objeto e causalidade. Escola metódica e a reação antipositivista no início do século XX: história problema, história total e diálogos interdisciplinares. A nova história francesa e as mudanças no conceito de fonte.

Bibliografia básica:

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1991.

DOSSE, François. *A história*. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.

LACOSTE, Yves. *Ibn Khaldun. Nascimento de História, passando pelo Terceiro Mundo*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LE GOFF, Jacques. *História*. Rio de Janeiro: Francisco Alves: 1976. 3v.
MALERBA, Jurandir (Org.). *Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX*. Rio de Janeiro: FGV; Porto Alegre: EdPUCRS, 2010.

Bibliografia complementar:

BISSIO, Beatriz. *O mundo falava árabe: a civilização árabe-islâmica clássica através da obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
CERTAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annalles à Nova História*. São Paulo: Ensaio; Campinas: Unicamp, 1992.
FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. Lisboa: Presença, 1989.
FONTANA, Josep. *A história dos homens*. São Paulo: Edusc, 2004.

HISTORIOGRAFIA II

Ementa: Marxismo britânico e a história social. A micro-história italiana. Descolonização do conhecimento: Presença Africana, teoria da dependência, estudos subalternos e os impactos sobre a teoria da história.

Bibliografia básica:

BARBOSA, Muryatan. Eurocentrismo, história e história da África. *Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, n. 1, p. 46-63, 2008.
GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
GUHA, Ranajit. *Las voces de la historia y otros estudios subalternos*. Barcelona: Crítica, 2002.
SANTOS, Teotônio dos. *Teoria da dependência: balanço e perspectiva*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
THOMPSON, Edward P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Unicamp, 2001.

Bibliografia complementar:

CHAKRABARTY, Dipesh. História subalterna como pensamento político. In: DIAS, Bruno Peixe; NEVES, José (Coord.). *A política dos muitos: povo, classes e multidão*. Lisboa: Tintada-China, 2010, p. 281-307.
CURTIN, Philip D. Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história geral". In: KI-ZERBO, Joseph (Coord.). *Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. (História geral da África, I).
HOBSBAWM, Eric. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
MALERBA, Jurandir; ROJAS, Carlos Aguirre (Orgs.). *Historiografia Contemporânea em perspectiva crítica*. Bauru: Edusc, 2007.
SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: EdUFMG, 2010.
THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HUMANIDADES DIGITAIS

Ementa: Mudanças sociotécnicas na pesquisa interdisciplinar em Humanidades. Humanidades e ambiência digital. Conceitos a serem ressignificados na pesquisa com o uso de dispositivos digitais móveis e fixos, e sua disseminação.

Bibliografia básica:

ANTONIJEVIC, Smiljana. **Among digital humanists: an ethnographic study of digital knowledge production**. Hampshire, UK; New York, USA: Palgrave Macmillan, 2015.
ASSIS, Emanuel Cesar Pires de; MOURA, Cláudio Augusto Carvalho; SANDOVAL, Isabela Melim Borges (Org). **Humanidades digitais: leitura e tecnologia**. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis : NuPILL/UFSC, 2014
BOOTZ, Philippe & Baldwin, Sandy. **Redards Croisés perspectives on digital literature**, West Virginia University Press, Morgantown, 2010.
GARDINER, E., & Musto, R. G. **The Digital Humanities: A primer for students and scholars**. New York, NY: Cambridge University Press, 2015.
LEMOIS, André. **Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

Bibliografia complementar:

DIJCK, José van. **The Culture of Connectivity: A Critical History of Social Media**. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 2013.
HABERMAS, Jürgen. **Técnica e Ciência como "Ideologia"**. Lisboa: Edições 70, 1987.
SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.
SCHREIBMAN, S; SIEMENS R.; UNSWORTH, J. (Ed.). **A Companion to Digital Humanities**, Massachussets: Blackwell Publishing Ltd, Malden, 2004.
SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R.; UNSWORTH, J. (Eds.). **A New Companion to Digital Humanities**. Oxford: Wiley-Blackwell. 2016. Retrieved from <http://eu.wiley.com/WileyCDA/WileyTitle/productCd-1118680596.html>

IMIGRAÇÃO, RAÇA, ETNICIDADE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Ementa: Políticas imigrantistas comparadas. O papel da raça e da etnicidade na produção social dos imigrantes. Políticas públicas para imigrantes e refugiados. Tendências dos fluxos migratórios: América Latina e África.

Bibliografia básica:

FAUSTO, B. (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: EdUSP, 2000.
SALES, T.; SALLES, M. do R. **Políticas migratórias: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior**. São Carlos: Sumaré: EdUFSCAR, 2002.
POUTIGNAT, P. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: EdUnesp, 1998.
SAYAD, A. **A imigração**. São Paulo: EdUSP, 1998.
LESSER, J. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

Bibliografia complementar:

ANDREWS, G. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru: EdUSC, 1998.
AZEVEDO, C. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites. Brasil, século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
BOUCAULT, C. E.; MALATIAN, T. (Orgs.). **Políticas imigratórias**: fronteiras dos direitos humanos no século XXI. Rio de Janeiro: Renovar, 2003.
MARQUES, V. R. B. M. **A medicalização da raça**: médicos, educadores e discurso eugênico. Campinas: Editora Unicamp, 1994.
MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (Orgs.). **Raça, ciência e sociedade no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

INGLÊS: LÍNGUA E CULTURA I

Ementa: Introdução a situações prático-discursivas da língua e cultura inglesa mediante o uso de estruturas léxico-gramaticais para o desenvolvimento inicial das quatro habilidades comunicativas em nível elementar. Aspectos socioculturais e interculturais de temas do cotidiano acadêmico em língua inglesa. Noções da literatura africana em língua inglesa.

Bibliografia básica:

AFRICAN POETRY PROJECT. **Letters from Africa**: the modern African poetry compilation. Seattle: Createspace, 2015.
GOLDSTEIN, Ben. **Framework**. Elementary Level - Livro 1A. São Paulo: Richmond-Moderna, 2007 (com caderno de exercícios).
MOORE, G.; ED, U. B. (Org.). **The Penguin Book of Modern African Poetry**. Penguin Books: Inglaterra, 1998.
MURPHY, R. **Essential Grammar in Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
OSTROWSKA, S. Unlock. **Reading and Writing Skills 1**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

Bibliografia complementar:

LARSEN-FREEMAN, D. **Grammar Dimensions 1 – Form, meaning and use**. Boston: Cengage Learning, 2008.
RICHARDS, J. **Interchange 1** - 3rd Edition. Cambridge: CUP, 2005.
RICHARDS, J. **Interchange Intro** - 3rd Edition. Cambridge: CUP, 2005.
WISNIEWSKA, I; SAMUDA, V; RIGGENBACH, H. **Grammar Dimensions 2 – Form, meaning and use**. Boston: Cengage Learning, 2006.
THEWLIS, S. **Grammar Dimensions 3 – Form, meaning and use**. Boston: Cengage Learning, 2006.

INGLÊS: LÍNGUA E CULTURA II

Ementa: Introdução a situações prático-discursivas da língua e cultura inglesa mediante o uso de estruturas léxico-gramaticais para o desenvolvimento inicial das quatro habilidades comunicativas em nível básico. Aspectos socioculturais e interculturais de

temas do cotidiano acadêmico em língua inglesa. Noções da literatura africana em língua inglesa.

Bibliografia básica:

AFRICAN POETRY PROJECT. **Letters from Africa:** the modern African poetry compilation. Seattle: Createspace, 2015.

GOLDSTEIN, Ben. **Framework.** Elementary Level - Livro 1B. São Paulo: Richmond-Moderna, 2007 (com caderno de exercícios).

MOORE, G.; ED, U. B. (Org.). **The Penguin Book of Modern African Poetry.** Penguin Books: Inglaterra, 1998.

MURPHY, R. **Essential Grammar in Use.** Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

OSTROWSKA, S. Unlock. **Reading and Writing Skills 1.** Reino Unido: Cambridge, 2014.

Bibliografia complementar:

LARSEN-FREEMAN, D. **Grammar Dimensions 1 – Form, meaning and use.** Boston: Cengage Learning, 2008.

RICHARDS, J. **Interchange 1-** 3rd Edition. Cambridge: CUP, 2005.

RICHARDS, J. **Interchange Intro** - 3rd Edition. Cambridge: CUP, 2005.

THEWLIS, S. **Grammar Dimensions 3 – Form, meaning and use.** Boston: Cengage Learning, 2006.

WISNIEWSKA, I; SAMUDA, V; RIGGENBACH, H. **Grammar Dimensions 2 – Form, meaning and use.** Boston: Cengage Learning, 2006.

INGLÊS: LÍNGUA E CULTURA III

Ementa: Introdução a situações prático-discursivas da língua e cultura inglesa mediante o uso de estruturas léxico-gramaticais para o desenvolvimento inicial das quatro habilidades comunicativas em nível pré-intermediário. Aspectos socioculturais e interculturais de temas do cotidiano acadêmico em língua inglesa. Noções de literatura em língua inglesa; introdução aos princípios de investigação de diferentes gêneros textuais.

Bibliografia básica:

GOLDSTEIN, B. **Framework.** Pre-Intermediate Level - Livro 2A. São Paulo: Richmond-Moderna, 2007.

GOLDSTEIN, B. **Framework.** Pre-Intermediate Level – Livro 2A (Caderno de Exercícios). São Paulo: Richmond-Moderna, 2007.

MURPHY, R. **Essential Grammar in Use.** Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KAY, J.; GELSHENEN, R. **Discovering Fiction.** An Introduction - Student's Book - A. Reader of North American Short Stories. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

WILDE, O. **The Picture of Dorian Gray.** Macmillan Readers – Elementary. São Paulo: Macmillan, 2005.

Bibliografia complementar:

LARSEN-FREEMAN, D. **Grammar Dimensions 1 – Form, meaning and use**. Cengage Learning, 2008.
RICHARDS, J. **Interchange 1** - 3rd Edition. Cambridge: CUP, 2005.
RICHARDS, J. **Interchange 2** - 3rd Edition. Cambridge: CUP, 2005.
THEWLIS, S. **Grammar Dimensions 3 – Form, meaning and use**. Boston: Cengage Learning, 2006.
WISNIEWSKA, I; SAMUDA, V; RIGGENBACH, H. **Grammar Dimensions 2 – Form, meaning and use**. Boston: Cengage Learning, 2006.

INGLÊS: LÍNGUA E CULTURA IV

Ementa: Introdução a situações prático-discursivas da língua e cultura inglesa mediante o uso de estruturas léxico-gramaticais para o desenvolvimento inicial das quatro habilidades comunicativas em nível intermediário. Aspectos socioculturais e interculturais de temas do cotidiano acadêmico em língua inglesa. Noções de literatura em língua inglesa; introdução aos princípios de investigação de diferentes gêneros textuais.

Bibliografia básica:

FITZGERALD, F. **The Great Gatsby**. Macmillan Readers –Intermediate, 2005.
GOLDSTEIN, Ben. **Framework. Pre-Intermediate Level - Livro 2B**. São Paulo: Richmond-Moderna, 2007.
GOLDSTEIN, Ben. **Framework. Pre-Intermediate Level - Livro 2B (Caderno de Exercícios)**. São Paulo: Richmond-Moderna, 2007.
KAY, JUDITH; GELSHENEN, R. **Discovering Fiction**. An Introduction - Student's Book. A Reader of North American Short Stories. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
MURPHY, R. **Essential Grammar in Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

Bibliografia complementar:

LARSEN-FREEMAN, D. **Grammar Dimensions 1 – Form, meaning and use**. Boston: Cengage Learning, 2008.
RICHARDS, J. **Interchange 2**. 3rd Edition. Cambridge: CUP, 2005.
RICHARDS, J. **Interchange 3**. 3rd Edition. Cambridge: CUP, 2005.
THEWLIS, S. **Grammar Dimensions 3 – Form, meaning and use**. Boston: Cengage Learning, 2006.
WISNIEWSKA, I; SAMUDA, V; RIGGENBACH, H. **Grammar Dimensions 2 – Form, meaning and use**. Boston: Cengage Learning, 2006.

INICIAÇÃO AO PENSAMENTO CIENTÍFICO: PROBLEMATIZAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

Ementa: A especificidade do conhecimento científico. Introdução ao pensamento histórico-filosófico relacionado à ciência. Origens do conhecimento, epistemologia e paradigmas científicos. A barreira científica e a representação do outro. O silenciamento

da história e do protagonismo do Outro: bárbaros, asiáticos, africanos, americanos. *Subaltern Studies*. Novas *episteme* da ciência: visibilidade, problematização e conceitualização em pesquisas interdisciplinares. Do lusotropicalismo à lusofonia.

Bibliografia básica:

SAID, Edward. A geografia imaginativa e suas representações: Orientalizando o oriental. In: **Orientalismo**. O oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 85-113.

CHALMERS, Alan Francis. **Que coisa é essa chamada ciência, afinal?**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

FRENCH, Steven. **Ciência: conceitos-chave em filosofia**. São Paulo: Artmed, 2009.

LAKATOS, Imre. **História da ciência e suas reconstruções racionais**. Lisboa: Edições 70, 1998.

ROSENBERG, Alex. **Introdução à filosofia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

Bibliografia complementar:

SANTOS, Boaventura. Entre Próspero e Caliban. In: **A gramática do tempo para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 227-249

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento. Fragmentos Filosóficos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2008.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PANIKKAR, K. M. **A dominação ocidental na Ásia: do século XV a nossos dias**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO SOCIAL: ÁFRICA E DIÁSPORAS

Ementa: Problematizar as falsas ideias inventadas pelo eurocentrismo racista sobre a África, os africanos e negros. Apresentar a genealogia do pensamento social africano e afro-diaspórico, cuidando de suas conexões históricas, afinidades teóricas, posturas militantes no combate ao colonialismo, racismo, machismo e outras formas de dominação sobre a população negra. Destacar de que forma homens e mulheres negro-africanos/as e negro-africano-diaspóricos/as, lideranças intelectuais, políticas, artistas, ativistas sociais e panafricanistas, têm [re]inventado afirmativamente a África e a Diáspora como território simbólico que alimentam suas vidas, identidades e lutas cotidianas.

Bibliografia básica:

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre a Negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Seguido de El Gobierno Privado Indirecto. Barcelona: Melusina, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1988.

NASCIMENTO, Abdias. **O Brasil na mira do pan-africanismo**. Salvador: EDUFBA: CEAO, 2002.

OBENGA, Théophile. **O Sentido da Luta Contra o Africanismo Eurocentrista**. Luanda: Pedago/Mulemba, 2016.

Bibliografia complementar:

HEYWOOD, Linda (Org.). **Diáspora negra no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 81-100.

HALL, Stuart. Da diáspora: **Identidade e Mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MUNDIMBE, V. Y. **A invenção de África: Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento**. Lisboa/Luanda: Edições Pedago/Mulemba, 2013.

GILROY, Paul. **O atlântico negro: Modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Editora 34: 2001.

INSERÇÃO À VIDA UNIVERSITÁRIA

Ementa: A UNILAB: criação, diretrizes, estrutura e funcionamento. O regime letivo e o regramento sobre avaliação e controle de frequência. Direitos e deveres do estudante de graduação. Elementos fundamentais do Projeto pedagógico de curso do curso e seu fluxograma.

Bibliografia básica:

UNILAB. **Resolução 27/2014:** normas gerais para regulamentar a avaliação da aprendizagem nos cursos de graduação presencial da UNILAB.

UNILAB. **Guia do Estudante de Graduação da UNILAB**. Disponível em <<http://www.UNILAB.edu.br/wp-content/uploads/2016/06/GUIA-DO-ESTUDANTE-UNILAB.pdf>>. Consultado em 01 março de 2017.

UNILAB. **Diretrizes Gerais**, junho de 2010

UNILAB. **Projeto Pedagógico de Curso:** Bacharelado interdisciplinar em humanidades. São Francisco do Conde, 2017.

Bibliografia complementar:

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**.

BRASIL. **Lei de Criação da UNILAB**, nº 12.289, de 20 de julho de 2010.

UNILAB. **Estatuto**.

UNILAB. **Regimento Geral**.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. Bauru: Unesp, 2001.

GUIMARÃES, Sérgio; FREIRE, Paulo. **A África ensinando a gente**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

INTRODUÇÃO ÀS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Ementa: Introdução aos principais debates na área de relações internacionais. Crise global e a dinâmica do capitalismo financeiro. Ordem e desordem mundial. Conflito e segurança. Divisão Norte-Sul e reconfiguração da geopolítica mundial. Relações Sul-Sul. A globalização e a governança global.

Bibliografia básica:

ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim: **Origens e Fundamentos do Século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2008.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às relações internacionais**: temas, atores e visões. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JACKSON, ROBERT; SORENSEN, GEORG. **Introdução às relações internacionais**: teoria e abordagens. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

RODRIGUES, Gilberto Marcos Antônio. **O que são relações internacionais**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

WALTZ, Kenneth N. **Teoria das Relações Internacionais**. Lisboa: Gradiva, 2002.

Bibliografia complementar:

BULL, Hedley. **A Sociedade Anárquica**: um estudo da ordem na política mundial. São Paulo; Brasília: Imprensa Oficial do Estado; Ed. UNB, 2002.

FIORI, Luís José. **O Poder Global**. São Paulo: Editora Boitempo, 2007.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teorias das Relações Internacionais**: correntes e debates. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

OLIVEIRA, Henrique Altemani; LESSA, Antônio Carlos. **Política Internacional Contemporânea**: mundo em transformação. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

OLIVEIRA, Odete Maria de. **Relações internacionais: estudos de introdução**. 2.ed. Curitiba: 2004.

LABORATÓRIO DE ENSINO, FONTES E MÉTODOS I

Ementa: Arquivos como fontes de conhecimento: estrutura e organização de acervos. O uso de fontes e documentos textuais na pesquisa histórica e antropológica. A natureza dos registros documentais: registros estatais e eclesiásticos, correspondências e imprensa. Os livros didáticos como fonte histórica. O historiador frente a abordagens específicas, métodos e técnicas variadas para o ensino de História. O uso de fontes históricas nos livros didáticos do Ensino Fundamental e Médio.

Bibliografia básica:

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. *História da Educação*, Pelotas, n. 11, p. 5-24, 2002.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História*: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

NEVES, Lúcia Maria. B. P. das; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia M. Bessone da C. (Orgs.) *História e imprensa*: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). *A escrita da história escolar*: memória e historiografia. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

Bibliografia complementar:

CASTRO, Celso. A trajetória de um arquivo histórico: reflexões a partir da documentação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 36, p. 33- 42, 2005.

DOSSE, François. *A história em migalhas*: dos Annales à Nova História. Campinas: Unicamp; São Paulo: Ensaio, 1992.

FREHSE, Fraya. Os informantes que jornais e fotografias revelam: para uma etnografia da civilidade nas ruas do passado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 36, p. 131-156, 2005.

HEYNEMANN, Cláudia Beatriz; RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. Uma história das imagens: o acervo iconográfico do Arquivo Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 38, p. 105-115, 2006.

JARDIM, José Maria. As novas tecnologias da informação e o futuro dos arquivos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 251-260, 1992.

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO I

Ementa: Reflexões sobre as noções de língua, variação linguística e preconceito linguístico. A universidade como esfera da atividade humana. Leitura na esfera acadêmica: estratégias de leitura. Gêneros acadêmicos (leitura e escrita na perspectiva da metodologia científica e da análise de gêneros): esquema, fichamento, resenha, resumo (síntese por extenso), memorial e seminário. Normas da ABNT.

Bibliografia básica:

ANTUNES, I. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. 5. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

DISCINI, N. **Comunicação nos textos**: leitura, produção e exercícios. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto**: leitura e redação. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FONTANA, N. M.; PAVIANI, N. M. S.; PRESSANTO, I. M. P. **Práticas de linguagem**: gêneros discursivos e interação. Caxias do Sul, R.S: Educs, 2009.

Bibliografia complementar:

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: contexto, 2006.

KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; MARINELLO, A. F. **Leitura e produção textual**. Petrópolis: Vozes, 2010.

KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; PAVANI, C. F. **Prática textual**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MACHADO, A. R. (Org.). **Resumo**. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Resenha**. São Paulo: Parábola, 2004

_____. **Trabalhos de pesquisa**: diários de leitura para a revisão bibliográfica. São Paulo: Parábola, 2007.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS II

Ementa: Reflexões sobre as noções de texto e discurso e a produção de sentido na esfera científica. A pesquisa científica: ética e metodologia. Leitura na esfera acadêmica: estratégias de leitura. Gêneros acadêmicos (leitura e escrita na perspectiva da metodologia científica e da análise de gêneros): projeto de pesquisa, resumo (*abstract*), monografia, artigo, livro ou capítulo de livro, outras modalidades de produções científicas, artísticas e didáticas (ensaio, relatório, relato de experiência, produção audiovisual etc.)

Bibliografia básica:

FRANÇA, J. L. et al. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 7ª ed. B.H: Ed. UFMG, 2004.
GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010
KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006.

Bibliografia complementar:

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: contexto, 2006.
KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; MARINELLO, A. F. **Leitura e produção textual**. Petrópolis: Vozes, 2010.
KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; PAVANI, C. F. **Prática textual**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. SP: Cortez, 2001.
MANDRIK, D.; FARACO, C. A. **Língua portuguesa: prática de redação para estudantes universitários**. 10ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
MEDEIROS, J. B. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

LIBRAS

Ementa: A LIBRAS e sua história. A cultura da LIBRAS e a educação dos surdos. Parâmetros e traços linguísticos da LIBRAS. Os sujeitos surdos, sua história, sua identidade e sua cultura. O Alfabeto datilológico. Expressões não-manuais. Classificadores. Vocabulário da Libras em contextos diversos. Laboratório em língua de sinais.

Bibliografia básica:

CAPOVILLA, F. et al. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira, baseado em linguística e neurociências cognitivas**: Novo Deit-Libras. 3. ed., rev. ampl. São Paulo: EDUSP, 2015.
SOUZA, T. A. F. **Libras em Contexto**: curso básico. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

Bibliografia complementar:

DALLAN, S. S. **Signwriting**: sistema escrito para língua de sinais. 2008

DUBOC, M. J. **Formação do professor, inclusão educativa**: uma reflexão centrada no aluno surdo. *Sitientibus*, Feira de Santana, n° 31, p119-130, jul/dez, 2004.

KLEIMAN, Â. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 2012

SACKS, O. **Vendo Vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Ementa: Os afrodescendentes e os contextos ideológicos do final do século XIX à contemporaneidade. A literatura afro-brasileira. Os Cadernos Negros.

Bibliografia básica:

BERND, Z. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto alegre: Mercado Aberto, 1987.

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2013.

DUARTE, E. (Org). **Literatura e Afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2011. v. 1-3.

Bibliografia complementar:

CHALHOUB, S; PINTO, A. F. M. **Pensadores Negros-Pensadores Negras**. Brasil séculos XIX e XX. vol 11. Belo Horizonte: Fino Traço, UFRB, 2016.

DAMASCENO, B. G. **Poesia negra no Modernismo brasileiro**. Campinas: Pontes, 1988.

DUARTE, E. (Org). **Literatura e Afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2011. v. 4.

DUARTE, C.; DUARTE, E. A. **Falas do Outro**: literatura, gênero, etnicidade. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SCHARCZ, L.; STARLING, H. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LITERATURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA: DIÁLOGOS NA FICÇÃO E NA POESIA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Ementa: O Neorrealismo em Portugal; o romance da segunda geração modernista brasileira. Baianidade e africanidade. A influência da literatura brasileira na poesia e na ficção africana de língua portuguesa. Literatura anticolonialista na África.

Bibliografia básica:

AUGEL, M. P. **O desafio do escombro**: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BUENO, L. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp, 2016.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004.
LUKÁCS, G. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.
MACEDO, T. e CHAVES, R. (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

Bibliografia complementar:

BERGAMO, E. **Ficção e convicção**: Jorge Amado e o neo-realismo literário português. São Paulo: Unesp, 2008.
BONNICI, T. & ZOLIN L. O. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá. EDUEM, 2009.
LEITE, A. M. **Literaturas Africanas e formulações pós-coloniais**. 2.ed. Lisboa: Colibri: 2003.
MAZRUI, A. et al. O desenvolvimento da literatura moderna. In: **História Geral da África**, vol. VIII. África desde 1935. Brasília: Unesco, 2010.
PANTOJA, S.; THOMPSON E. As culturas africanas na encruzilhada dos mundos. In: PANTOJA, S; BERGAMO, E. (Org.). **África contemporânea em cena – perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Intermeios, 2015.

LITERATURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA: NACIONALISMO LITERÁRIO E RESISTÊNCIA

Ementa: A produção literária da primeira metade do século XIX nos países de língua portuguesa. Figurações literárias do índio e construções do imaginário nacional; abolicionismo e resistência.

Bibliografia básica

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1972.
BOSI, A. **Dialética da colonização**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
MERQUIOR, J. G. **De Anchieta a Euclides**: breve história da literatura brasileira. 3a. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
MOISÉS, M. **História da literatura brasileira**. vols. II ao V. São Paulo: Cultrix:, 1997.
HOLANDA, S. B. **Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

Bibliografia complementar

BONNICI, T. & ZOLIN L. O. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá. EDUEM, 2009.
CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
FRANCHETTI, P. **Estudos de literatura brasileira e portuguesa**. Cotia, São Paulo: Ateliê, 2007.
MORAES, V.L.A. **Entre Narciso e Eros**: a construção do discurso amoroso em José de Alencar. Fortaleza: EDUFC, 2005
SILVA, L. D. “Viajantes: a paisagem vista por outros olhos”. **Ciência & Trópico**. Recife, v.28, n.2, p.249-260, jul./dez. 2000.

LITERATURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA: O MODERNISMO

Ementa: A literatura modernista em língua portuguesa: Orfismo e Presencismo. A Semana de Arte Moderna. A poesia da segunda geração do modernismo brasileiro.

Bibliografia básica:

BOSI, A. História Concisa da Literatura Brasileira. 47.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
FRANCHETTI, P. Estudos de literatura brasileira e portuguesa. Cotia, São Paulo: Ateliê, 2007
LUCAS, F. Fontes literárias portuguesas. Campinas/São Paulo: Pontes/Secretaria de Estado da Cultura, 1991.
SARAIVA, A. J. Iniciação à literatura portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
TELLES, G. de M. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

Bibliografia complementar:

BOPP, R. Movimentos modernistas no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
CAMPOS, A. Poesia, antipoesia, antropofagia e cia. São Paulo: Companhia das letras: 2015.
CANDIDO, A. A educação pela noite. 6.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
SANTIAGO, S. Nas malhas da letra. Rio de Janeiro: Rocco: 2002.
SILVA, A. P. Mário e Oswald – uma história privada do Modernismo. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

LITERATURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA: REALISMO LITERÁRIO E PRODUÇÃO FINISSECLAR

Ementa: O Realismo literário. A produção literária das últimas décadas do século XIX nos países de língua portuguesa.

Bibliografia básica

CANDIDO, A. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004.
GALVÃO, Walnice Nogueira. **Euclidiana**: ensaios sobre Euclides da Cunha. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
MATE, Alexandre & SCHWARCZ, Pedro Moritz. (org.) **Antologia do teatro brasileiro**. Século XIX – comédia [Arthur Azevedo, Qorpo Santo]. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.
MURICY, Andrade. **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
SCHWARZ, R. **Um mestre na periferia do capitalismo**. Machado de Assis. São Paulo, Ed. 34, 2000.

Bibliografia complementar

DUARTE, Eduardo Assis. **Machado de Assis Afrodescendente**. Belo Horizonte: PALLAS, 2007.

FISCHER, Luís Augusto. **Parnasianismo brasileiro**: entre ressonância e dissonância. Porto Alegre: EduPUcRs, 2003.

MENDES, Algemira de Macedo. **A escrita de Maria Firmina dos Reis na literatura afrodescendente brasileira**: revisitando o cânone. São Paulo: Chiado Brasil, 2016.

SCHWARZ, R. **Ao vencedor, as batatas**. São Paulo, Ed. 34, 2000.

METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES I

Ementa: Ciência e Ciências humanas: da emergência do método às críticas do final do século XX. Interdisciplinaridade e suas questões. Do tema ao objeto: problematização e delimitação. Conexões entre teoria e metodologia. Métodos e instrumentos: a construção dos dados e das fontes. A interdisciplinaridade no desenho metodológico da pesquisa. Introdução ao projeto de pesquisa: levantamento bibliográfico e pesquisa exploratória.

Bibliografia básica:

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

DARNTON, Robert. Os filósofos podam a árvore do conhecimento. In: **O grande massacre de gatos**: e outros episódios da história cultural francesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 25. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MORIN, Edgar. Interpolitransdisciplinaridade. In: **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 105-116.

POMBO, Olga. Epistemologia da interdisciplinaridade. **Ideação**, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 9-40, 2008.

Bibliografia complementar:

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Unesp, 2007.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MIGNOLO, Walter. Herencias coloniales y teorías poscoloniales. In: GONZÁLES STEPHAN, Beatriz (Comp.). **Cultura y Tercer Mundo**. Caracas: Nueva Sociedad, 1996. p. 99-136.

POMBO, Olga. Práticas interdisciplinares. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 208-249, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, v. 2, n. 2, p. 46-71, 1988.

METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES II

Ementa: Objetivos, potencialidades e limites dos métodos qualitativos e quantitativos. A construção dos instrumentos da pesquisa (observação, entrevistas estruturadas, semiestruturadas e abertas). Definição do universo e amostra. Definição observação participante, etnografia, história oral e pesquisa documental. Práticas de pesquisa experienciada. A situação da pesquisa: como chegar, como estar, como sair. Sistematização e análise dos dados.

Bibliografia básica:

BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. Fundamentos de metodologia científica. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2014. xvi, 158 p
CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais. [6. ed.]. Petrópolis: Vozes, 2016. 144 p
FEITOSA, Débora Alves; DORNELES, Malvina do Amaral; BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Orgs.). O sensível e a sensibilidade na pesquisa em Educação. Cruz das Almas, BA: Ed. UFRB, 2016
LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG; Porto Alegre: Artmed, 2007.
MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. [33. ed.]. Petrópolis: Vozes, 2013. 108 p.

Bibliografia complementar:

CRESWELL, John W.; PLANO CLARK, Vicki L. Pesquisa de métodos mistos. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017. xiv, 239 p.
FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: 2015. 239 p.
CARDOSO, Ciro Flamarion S; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2011. 387p
BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. [13. ed.]. Petrópolis: Vozes, 2015. 516 p.

METODOLOGIA DOS ESTUDOS AFRICANOS

Ementa: A emergência dos Estudos Africanos entre o colonialismo e sua superação. Categorias básicas de análise das realidades africanas e suas implicações teóricas e políticas. Metodologia e diálogos interdisciplinares. O passado africano: hipótese hamítica, hipótese comunitária e novas perspectivas analíticas (interfaces entre história, antropologia, arqueologia, linguística e genética). A África contemporânea: modernização, tradição e o problema do protagonismo (interfaces entre sociologia, ciência política, crítica literária, antropologia e história).

Bibliografia básica:

BARRY, Boubacar. **Senegâmbia: o desafio da história regional**. Amsterdam: SEPHIS; Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2000.

MILLER, Joseph. Introdução. In: **Poder político e parentesco: os antigos Estados mbundu em Angola**. Luanda: Arquivo Histórico Nacional, 1995.

MBEMBE, Achile. **Formas africanas de autoinscrição**. Estudos Afro-Asiáticos, v. 23, n. 1, 2001, p. 171-209.

SOUMONNI, Elisée. **Daomé e o mundo atlântico**. Amsterdam: SEPHIS; Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

FARIAS, Paulo Fernando de Moraes. Afrocentrismo: entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural. **Afro-Ásia**, v. 29-30, p. 317-343, 2003.

Bibliografia complementar:

BORGES, Antonádia et al. Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa. **Sociedade e Estado**, v. 30, n. 2, 2015.

DEPELCHIN, Jacques. **Silences in African history: between the syndromes of discovery and abolition**. Dar es Salam: Mbuki Na Nyoto, 2005.

FALOLA, Toyin. Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades na África. **Afro-Ásia**, n. 36, 2007.

MKANDAWIRE, Thandika (Org.). **African intellectuals: Rethinking politics, language, gender and development**. Dakar: Codesria, 2005.

REIS, Maria do Céu. Poderes e saberes: Estado, financiadores e investigação científica: a África ao sul do Saara e algumas questões. **Estudos Moçambicanos**, n. 14, p. 87-110, 1996.

METODOLOGIA DOS ESTUDOS DA DIÁSPORA

Ementa: Diáspora e migrações como campo de investigação. Multi e interdisciplinaridade nos Estudos da Diáspora Negra. Interseccionalidades: raça, gênero, nacionalidade, geração, classe e migração. Políticas migratórias comparadas. Abordagens qualitativas e quantitativas. Tendências dos fluxos migratórios: América Latina e África.

Bibliografia básica:

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Editora 34: 2001.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: UFBA, 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidade e Mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HEYWOOD, Linda (Org.). **Diáspora negra no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 81-100.

MALOMALO, Bas'illele; FONSECA, José Dagoberto; BADI, Mbuyi Kabunda (Org.). **Diáspora africana e migração na era da globalização: experiências de refúgio, estudo, trabalho**. Curitiba: CRV, 2015.

Bibliografia complementar:

DURAND, Jorge; LUSSI, Carmem. **Metodologia no estudo das migrações**. Jundiaí: Paco, 2015.

FEMINIZAÇÃO das migrações. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, v. 15, n. 29, p. 1-216, 2007. Disponível em: <<http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/issue/view/4>>. Acesso em: 05 jan. 2016.

SALES, T.; SALLES, M. do R. **Políticas migratórias**: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior. São Carlos: Sumaré; Edufscar; Fapesp, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SAYAD, A. **A imigração**. São Paulo: Edusp, 1998.

PENSAMENTO POLÍTICO BRASILEIRO

Ementa: Relação Estado-sociedade e a formação do sistema político no Brasil do Império à República. As fundações do pensamento social e político brasileiro do século XIX à primeira metade do século XX. Formação das instituições políticas brasileiras. Autoritarismo, republicanismo, federalismo, liberalismo, racismo e resistência no Brasil. O negro no pensamento político brasileiro ou o pensamento político negro brasileiro.

Bibliografia básica:

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**. 8. ed. São Paulo: Unesp, 1998.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92-93, p. 69-82, 1988.

MATOS, Ilmar Rohloff de. **Tempo saquarema**: a formação do Estado imperial. São Paulo: Hucitec, 1987

PEREIRA, Amauri. Vale (também) o que está escrito: o Pensamento Negro Contemporâneo como parte do Pensamento Social no Brasil. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 120, 2011.

WEFFORT, Francisco. **Formação do pensamento político brasileiro**. São Paulo: Ática, p. 163-187, 2006.

Bibliografia complementar:

BARRETO, Raquel. **Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça**: narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzáles. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) - Centro de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

FERREIRA, Gabriela Nunes. **Centralização e descentralização no Império**: o debate entre Tavares Bastos e o Visconde de Uruguai. São Paulo: 34, 1999.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Alegre, 1988.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870- 1930). São Paulo: Cia das Letras, 2012.

PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO

Ementa: Conhecer as obras clássicas e contemporâneas que tratam da chamada “formação social brasileira”. Abordar, a partir de um recorte temporal amplo, inúmeras narrativas, modalidades discursivas e quadros de referência epistemológica como a experiência brasileira tem sido codificada e construída.

Bibliografia básica:

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. Raízes do Brasil. São Paulo: Cia. da Lestra. 2016.
CUNHA, Euclides. Os sertões. São Paulo, Ubu Editora, 2016.
FAORO, Raymundo. Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro. São Paulo: Editora Globo. 2001
FERNANDES, Florestan A integração do negro na sociedade de classes. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008.
FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. Rio de Janeiro: Record. 2000.
FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 2007
ROMERO, Silvio. Compêndio de história da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora. 2001

Bibliografia complementar:

BONFIM, Manoel. A América Latina: males de origem. Rio de Janeiro: Topbooks. 2005.
BASTOS, Elide Rugai. “A construção do debate sociológico no Brasil”. Ideias – Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, vol. 1, 2013: 287-300.
LIDKE FILHO, Enno. “A sociologia no Brasil: história, teorias e desafio”. Sociologias, n. 14, 2005.
MICELI, Sérgio. Intelectuais à Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
TAVOLARO, Sergio. “A tese da singularidade brasileira revisitada: desafios teóricos contemporâneos”. Dados [online]. 2014, vol.57, n.3, pp. 633-673.

POLÍTICAS DAS MINORIAS NO CONTEXTO PÓS-COLONIAL

Ementa: Noção de minoria e interseccionalidade das relações de poder; gênero e história dos movimentos feministas, diversidade sexual e movimentos LGBT; Políticas Queer e contestação da homonormatividade eurocentrada.

Bibliografia básica:

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.
BUTLER, Judith. **Quadros de guerra:** quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015
FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.
FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade.** Rio de Janeiro: Graal, 1985. v. I: A vontade de saber.

Bibliografia complementar:

DORLIN, Elsa (Org.). **Sexe, race, classe**. Pour une épistémologie de la domination. Paris: Presses Universitaires de France, 2009.

JOHNSON, Patrick; HENDERSON, Mae (Eds.). **Black queer studies: a critical anthology**. North Caroline: Duke University Press, 2005.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa (Orgs.). **Discursos fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos**. São Paulo: Annablume, 2012.

MISKOLCI. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autentica, 2012.

PELÚCIO, Larissa. Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova. **Ciência e Saúde coletiva**, v. 17, n. 10, 2012.

POLÍTICAS DE GÊNERO, RAÇA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Ementa: Principais correntes conceituais da problemática do gênero e raça em sua dimensão internacional; Ordem internacional, racismo e poder político; Gênero e violência no contexto internacional.

Bibliografia básica:

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CHARLESWORTH, H. **Direitos Humanos da mulher: perspectivas nacionais e internacionais**. Buenos Aires: Profamili, 2006.

COSTA, E. **O gênero no direito internacional: discriminação, violência e proteção**. Belém: PakaTatu, 2014.

SARMENTO, D.; IKAWA, D.; PIOVESAN, F. (coords.). **Igualdade, Diferença e Direitos Humanos**. 2. ed. São Paulo: Lumen Juris, 2008.

VARGAS, J. **Never Meant to Survive: Genocide and Utopias in Black Diaspora Communities**. New York: Rowman & Littlefield Publishers, 2008.

Bibliografia complementar:

FLAUZINA, A. L. P. As fronteiras raciais do genocídio. **Revista de Direito da Universidade de Brasília**, v. 1, n.1, janjun. 2014.

MOURA, T.; GARRAIO, J.; ROQUE, S. Mulheres e guerras: representações e estratégias. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 96, 2012.

NASSER, R. M. (org.). **Os conflitos internacionais em múltiplas dimensões**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

PATEMAN, C. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

STEVENS, C. (org.). **Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares**. Florianópolis: Editora Mulheres/ Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

POLÍTICA EDUCACIONAL E ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NOS PAÍSES DA INTEGRAÇÃO

Estudos na perspectiva dos países da integração: estado, educação escolar e sociedade. Diretrizes Curriculares Educacionais. Projetos de educação e projetos

pedagógicos: política, planejamento e legislação. Direito à educação. Defesa, controle e participação social. Políticas de financiamento. Políticas de formação e valorização do trabalho docente. Sistemas de Ensino. Organização da Educação Básica nos países da Integração. Organização Curricular nos países da Integração. Sistematização de conhecimento e organização de unidades escolares e redes de ensino. Sistema de Organização da Educação em contexto de globalização. Laboratório de diagnóstico das atuais políticas educacionais nos países da integração.

Bibliografia básica:

FREIRE, PAULO. *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GENTILLI, P. A. A.; SILVA, T. T. da (orgs.). *Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas*. 13. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de.; TOSCHI, M. S. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Bibliografia complementar:

CÂ, LOURENÇO OCUNI. *Estado: políticas públicas e gestão educacional*. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

_____. *A constituição da política do currículo na Guiné-Bissau e o mundo globalizado*. Cuiabá: EdUFMT/CAPES, 2008.

GOMES, NILMA, LINO. *Desigualdades e Diversidade na Educação*. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, jul.-set. 2012.

GÓMEZ, M. B. *Educação moçambicana: história de um processo, 1962-1984*. Maputo: Livraria universitária, 1999.

MCLAREN, PETER. *A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1997.

POLÍTICA EXTERNA AFRICANA CONTEMPORÂNEA

Ementa: Formação históricas dos Estados africanos contemporâneos no século XX. Análise da formação do sistema interafricano, sua inserção mundial e sua atuação no continente. Estratégias da política externa de África subsaariana a partir de seus Estados articulados em organismos continental e regionais, a OUAUA, CEDEAO, SADEC, COMESA, CEMAC, CEA, PALOP. Debater de que forma as resoluções da OUAUA tem impactos na formulação das políticas externas de respectivos países africanos. Estudos de caso de políticas externas de Estados africanos subsaarianos com a EU, UE, China, Índia, Rússia, Turquia, Brasil, Cuba, e outros parceiros tradicionais ou emergentes. O lugar da África no século XXI, desafios e oportunidades.

Bibliografia básica:

JÚNIOR, W. M. **Política Externa e Cooperação Técnica:** As Relações do Brasil com a África durante os Anos FHC e Lula da Silva. Belo Horizonte: D'Plácido, 2013.

KABUNDA, M.; SANTAMARÍA, A. **Mitos y realidades de África Subsahariana**. Madrid: CatarataCasa África, 2009.

MENEZES, G. R. de. **As Novas Relações SinoAfricanas:** Desenvolvimento e implicações para o Brasil. Brasília: FUNAG, 2013.

PENHA, E. A. **Relações BrasilÁfrica e Geopolítica do Atlântico Sul**. Salvador: EdUFBA, 2011.

VISENTINI, P. G. F. **A África na política internacional: o sistema interafricano e sua inserção mundial**. Curitiba: Juruá, 2010.

VISENTINI, P. G. F. **A Relação BrasilÁfrica: Prestígio, Cooperação ou Negócios?** São Paulo: Alta Books, 2016.

Bibliografia complementar:

KIZERBO, J. **Para quando a África: Entrevista com René Holenstein**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

LOPES, C. (org.). **Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SARAIVA, J. F. **África parceira do Brasil atlântico: relações internacionais do Brasil e da África no início do século XXI**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

VILLARES, F. (org.). **Índia, Brasil e África do Sul: perspectivas e alianças**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

VISENTINI, P. G. F. **A Relação BrasilÁfrica: Prestígio, Cooperação ou Negócios?** São Paulo: Alta Books, 2016.

POLÍTICAS E PLANEJAMENTO LINGÜÍSTICOS

Ementa: Política de Línguas. As línguas: estatuto e demografia. Espaços de Circulação das Línguas. Espaço Discursivo das Línguas. Relações entre Línguas.

Bibliografia Básica:

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CALVET, Louis-Jean 2007. **As Políticas Lingüísticas**. Florianópolis e São Paulo: Ipol/Parábola. LOPES DA SILVA, Fábio e RAJAGOPALAN, Kanavillil (orgs.) **A Lingüística que Nos Faz Falhar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MARIANI, Bethânia. (2004) **Colonização Lingüística**. Campinas-SP: Pontes. OLIVEIRA, Gilvan Müller de. "Brasileiro fala português ou Monolinguismo e preconceito lingüístico".

In SILVA, Fábio Lopes da e MOURA, Heronides Maurílio de Melo. **O Direito à Fala: a questão do preconceito lingüístico**. Florianópolis, Editora Insular, 2002, 2ª edição.

Bibliografia complementar HAUGEN, Einar. **Dialeto, língua, nação**. In: BAGNO, Marcos. **Norma Lingüística**. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.

Bibliografia Complementar

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismos desde 1780: Programa, mito e realidade**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MONSERRAT, Ruth M. F. "Política e planejamento lingüístico nas sociedades indígenas do Brasil hoje: o espaço e o futuro das línguas indígenas". In: VEIGA, J e SALANOVA, A. (Orgs.) **Questões de Educação Escolar Indígena: da formação do professor ao projeto da escola**. Brasília: FUNAI/DEDOC. Campinas: ALB: 127-159, 2001.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de 2007. A 'virada político-lingüística' e relevância social da lingüística e dos lingüistas. In: CORREA, Djane Antonucci (orga). A Relevância Social da Lingüística: Linguagem, Teoria e Ensino. São Paulo: Parábola Editorial. pp. 79 - 93.
SIGNORINI, Inês. 2004. "Por uma teoria da desregulamentação lingüística". In: BAGNO, Marcos. Lingüística da norma. São Paulo: Ed. Loyola.

POLÍTICAS, PRÁTICAS CURRICULARES E DESCOLONIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS

Teorias curriculares e sociedade. Currículo e relações de poder. Políticas curriculares. Descolonização do currículo e a superação do currículo eurocêntrico nos países da integração. Laboratório de práticas curriculares decoloniais.

Bibliografia básica:

COSTA, Marisa Vorraber (ORG.). *O Currículo nos limiões do contemporâneo*. 3ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
CORAZZA, Sandra Mara. *O que quer um currículo?* Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis, Vozes, 2001.
SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Bibliografia complementar:

AROYO, Miguel. Currículo, território em disputa. Petrópolis Vozes, 2011
CARDOSO, Manuela. Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: educação e infra-estruturas como factores de desenvolvimento. Porto: Edições Afrontamento, 2007.
TAVARES, Fernando J. P. Educação e diversidade em Cabo Verde. In PEREIRA, Amílcar A.; COSTA, Warley (Org.). Educação e Diversidade em Diferentes contextos. Pallas Editora, 2015.
MORGADO, José Carlos; MENDES, Geovana M.L.; MOREIRA, António Flávio; PACHECO, José Augusto (Orgs.). *Currículo, Internacionalização e Cosmopolitismo: desafios contemporâneos em contextos Luso-Afro-Brasileiros*. Volume II. Santo Tirso – Portugal: De Facto Editores, 2015.
ROSA, Manuel Ferreira. O ponto e o rumo do ensino ultramarino. Luanda: Lello, 1973.

PROCESSOS COLONIAIS E A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE

Ementa: Tipologia das situações coloniais modernas e contemporâneas (povoamento e exploração, colônias e protetorados, administração direta e indireta, colonialismo, imperialismo e neocolonialismo). Eurocentrismo, religião e civilização na estruturação das sociedades coloniais e do Estado nas Américas, África e Ásia. Alterização, racialização e etnização. Instituições e métodos da administração colonial. Resistência e adaptação à dominação ocidental. Processos de independência e projetos de nação no século XIX (Américas) e no século XX (Ásia e África). Estado pós-colonial, modernização e disputas em torno da cidadania.

Bibliografia básica:

BELOTO, Manoel Lelo; CORREA, Ana Maria Martinez. **A América Latina de colonização espanhola**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

BOAHEN, A. Adu (Org.). **África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. (História Geral da África, VII).

COOPER, Frederick; SCOTT, Rebecca J.; HOLT, Thomas C. **Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

PANIKKAR, K. M. **A dominação ocidental na Ásia: do século XV a nossos dias**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SCHWARTZ, Stuart B. **Cada um na sua lei: tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico**. São Paulo: Companhia das Letras; Bauru: Edusc, 2009.

Bibliografia complementar:

AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (Coords.). **Pelos meandros da etnia: etnias, tribalismo e Estado em África**. Lisboa: Pedagogo; Luanda: Mulemba, 2014.

CARDOSO, Ciro Flamarion, BRIGNOLI, Héctor Pérez. **História econômica da América Latina**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CHATTERJEE, Partha. **Colonialismo, modernidade e política**. Salvador: Edufba, 2004.

CHESNEAUX, Jean. **A Ásia Oriental nos séculos XIX e XX**. São Paulo: Pioneira, 1976.

MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo**. Tese (Livre-docência em Etnologia), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: <www.ifch.unicamp.br/ihb/estudos/TupiTapuia.pdf>. Acesso em 3 jun. 2016.

PROCESSOS SOCIAIS E CULTURAIS NO RECÔNCAVO DA BAHIA

Ementa: Processos sociais e culturais que configuram a realidade social e territorial do Recôncavo da Bahia, entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX. Fim da escravidão, crise econômica da cana-de-açúcar, plantio e beneficiamento do fumo. Decadência dos sistemas ferroviário e náutico. Descoberta e consolidação da exploração do petróleo. O advento do sistema rodoviário, os fluxos migratórios. A luta e a resistência dos movimentos e comunidades tradicionais negras, indígenas e religiosas.

Bibliografia básica:

BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador: Fundação casa de Jorge Amado, 1998.

CARNEIRO, Edson. **Candomblés da Bahia**. São Paulo: Raízes, 2008.

CARVALHO, Maria Rosário. **Identidade étnica, mobilização política e cidadania**. Salvador: UFBA; Empresa Gráfica da Bahia, 1998.

MARIANO, Agnes. **A invenção da baianidade**. São Paulo: Annablume, 2009.

SERRA, Ordep. O sagrado e o profano nas festas de largo da Bahia'. In: **Rumores de festas: sagrado e profano na Bahia**. Salvador: Edufba, 2001, p. 53-166.

Bibliografia complementar:

ABIB, Pedro. **Mestres e capoeiras famosos da Bahia**. Salvador: Edufba, 2013.
FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da liberdade**: histórias de escravos e libertos na Bahia (1890-1910). Campinas: EdUnicamp, 2006.
MATTOSO, Kátia Maria de Q. **Bahia, século XIX**: uma província no império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
OLIVEIRA, Francisco de. **O elo perdido**: classe e identidade de classe na Bahia. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
REIS, João José (Org.). **Escravidão e a invenção da liberdade**. Estudos sobre o negro no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PROCESSOS EDUCATIVOS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES: RAÇA/ETNIA, CLASSE, GÊNERO E SEXUALIDADE

Ementa: Estudo das representações e práticas educacionais sobre raça/etnia, classe, gênero e sexualidade, construídas, mobilizadas, afirmadas e negadas de forma interseccional nas relações e nos processos educativos. Discursos sobre raça/etnia, gênero e sexualidade na família, na mídia, na escola e nas políticas educacionais. Políticas afirmativas e valorização da diferença nos espaços educativos. Gênero e raça/etnia na formação e no trabalho docente.

Bibliografia básica:

BAIRROS, Luiza. Lembrando Lelia Gonzalez. Em WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa e WHITE, Evelyn C. **O livro da saúde das mulheres negras – nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro, Criola/Pallas, 2000.
BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismos e subversão da identidade. 5ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.
CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdades no Brasil**. Editora Selo Negro, 2011.
LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2013.
MEYER, Dagmar. SOARES, Rosângela. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
SILVA, Gabriela. **Educação e Gênero em Moçambique**. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, Coleção e-books, 2007.

Bibliografia complementar:

APPLE, Michael W. **Magistério “trabalho feminino”**. In: APPLE, Michael W. Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade do saber. 10ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. v.1, cap. 3, p. 53-78.
MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. São Paulo: Autêntica, 2012.
MORENO, Monserrat Marimon. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Ed. Moderna; Campinas: Ed. EDUNICAMP, 1999.

SILVA, Claudilene. **Professoras Negras**: identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013 (Coleção Etnico-racial).

PSICOLOGIA AFRICANA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO

Psicologia africana na perspectiva da educação: um campo em construção. Teorias do desenvolvimento e da aprendizagem e descolonização do conhecimento. Marcos histórico da Psicologia na perspectiva das relações étnico-raciais. Impacto do racismo na construção da identidade. Identidade e Educação. Subjetividade como construção social. Laboratório de prática e compreensão da psicologia no campo da educação como possibilidade de combate ao racismo.

Bibliografia básica:

BENTO, M. A.; CARONE, I. Psicologia Social do Racismo - Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

COUTINHO, Maria Tereza da Cunha & MOREIRA, Mércia. Psicologia da Educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação. Belo Horizonte: Editora Lê, 2000.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

Bibliografia complementar:

AMMAR, I. Efeitos psicossociais do racismo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

FAZZI, R. C. *O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NOBLES, W. SakhuSheti – retomando um foco psicológico afrocentrado. In: E. L. Nascimento: Afrocentricidade: uma abordagem inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 277-298.

PIAGET, J & INHELDER, B. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1994.

VYGOTSKI, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SISTEMA ONU E OS DESAFIOS DO MULTILATERALISMO

Ementa: Organizações Internacionais e multilateralismo. Trajetória da ONU. Impacto da descolonização. Estrutura e funcionamento: Conselho de Segurança, Assembleia Geral, EcoSoc, agências especializadas. Nova dinâmica multilateralismo no pós-Guerra Fria. Debate sobre reforma da ONU. Intervenções militares. Relações assimétricas, poder e princípios do universalismo. Participação do Brasil. Surgimento fóruns informais (do G7 ao G20).

Bibliografia básica:

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO (Org.). **O Brasil e a ONU**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

HERZ, M.; HOFFMANN, A. R. **Organizações internacionais**: história e prática. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

TAYLOR, P.; GROM, A. J. R. **The United Nations at the Millennium**. London: New York: Continuum, 2003.

Bibliografia complementar:

KRASNO, J. **The United Nations**: confronting the challenges of a Global Society. Boulder: Lynne Rienner, 2004.

SEITENFUS, R. A. S. **Manual das organizações internacionais**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2005.

WEISS, T. G.; THAKUR, R. **Global governance and the UN**: an unfinished journey. Bloomington: Indiana University Press, 2010.

TAVARES, R. N. **As organizações não-governamentais nas Nações Unidas**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1999.

UNITED NATIONS. **In larger freedom**: towards development, security and human rights for all. Report of the Secretary-General. New York: United Nations, 2005.

SOCIEDADES, DIFERENÇAS E DIREITOS HUMANOS NOS ESPAÇOS LUSÓFONOS

Ementa: Temporalidades do processo colonial nos países de língua portuguesa (práticas, trocas e conflitos culturais – ocupações e resistências). Movimento Pan-africanista, Negritude; Relações étnico-raciais e racismo; Movimento Negro e Indígena no Brasil e as políticas de ação afirmativa. Gênero, sexualidade. Movimentos Feministas e LGBTT. Tolerância religiosa. Direitos Humanos. Diferenças e desigualdades. Cultura Afro-brasileira.

Bibliografia básica:

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

KODJO, Edem e CHANAIWA, David. Pan-Africanismo e Libertação. In: **História Geral da África**. Vol. VIII: África desde 1935 / editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. Brasília: UNESCO/MEC, 2010, p. 897-924.

KI-ZERBO, Joseph. et al. Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. Construção da nação e evolução dos valores políticos. In: **História geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 16.

COMPARATO, Fábio Konder. **A afirmação histórica dos direitos humanos**. 10ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido de Brasil. 5ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Bibliografia complementar:

CABRAL, Amílcar. O papel da cultura na luta pela independência. **A Arma da Teoria. Unidade e Luta I**. Lisboa: Seara Nova, 1978.

DAMATTA, Roberto. Digressão a Fabula das três raças, ou problema do racismo à brasileira. In: **Relativizando. Uma introdução à Antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p.58-85.

MARCONDES, Mariana (Org.). **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SUÁREZ, Mireya. **Desconstrução das categorias “mulher” e “negro”**. Brasília, Série Antropologia, nº 133, 1992.

SOCIOLOGIA AFRICANA, AGENDA DE PESQUISA E PERSPECTIVAS

Ementa: Breve história da constituição da sociologia africana e a sua relação com o campo das humanidades e dos estudos africanos. Perspectivas teóricas e agenda temática da sociologia africana contemporânea. Sociologia africana no contexto da globalização, modernidade e das relações Sul-Sul. Sociologia africana como instrumento de intervenção social.

Bibliografia básica:

ADESINA, Jimi. Prática da sociologia africana: Lições de endogeneidade e gênero na academia. In: CRUZ e SILVA, Teresa, COELHO, João Borges; SOUTO, Amélia Neves. **Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África:** Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas; (Textos do Colóquio em Homenagem a Aquino de Bragança). Dakar, CODESRIA, 2012. p. 195-210.

BALANDIER, George. **Sociologia da África negra**. Dinâmicas das mudanças sociais na África central. Luanda: Pedago/Mulemba, 2014.

KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África** - Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro; Pallas, 2006.

MACAMO, Elísio. **A constituição de uma sociologia das sociedades africanas**. Estudos moçambicanos, 19 (2002), p. 5-26. Disponível em: <http://www.casadasafricanas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/A-constituicao-duma-sociologia-das-sociedades-africanas.pdf>. Acessado em 16 fev. 2016.

VENÂNCIO, José Carlos. **O fato africano: elementos para uma sociologia da África**. Recife: Massangana, 2009.

Bibliografia complementar:

AWOSAN, Josua Adekunle. **Current of thought in african sociology and global community:** how to understand research findings in the context of sociological perspective. Florida: Universal Publisheher, 2009.

ELA, Jean-Marc. **Restituir a História às Sociedades Africanas: promover as ciências sociais na África Negra**. Lisboa: edições Pedago, 2013.

COPANS, Jean. **A longa marcha da modernidade africana. Saberes, intelectuais, democracia**. Luanda: Pedago/Mulemba, 2014.

HOUNTONDJI, Paulin. **O antigo e o moderno. A produção do saber na África Contemporânea**. Luanda: Pedago/Mulemba, 2012.

DJALÓ, Tchernó. **O mestiço e o poder: Identidades, dominações e resistências na Guiné**. Lisboa: Nova Veja, 2012.

SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO NOS PAÍSES DA INTEGRAÇÃO

Ementa: A sociologia da educação e a perspectiva de descolonização do saber nos países da integração. Ciência, mito e religião. Manifestações de violência na sociedade contemporânea com ênfase no racismo e seus desdobramentos. Instituições e agentes pedagógicos: formação, poder e autonomia. Laboratório de práticas em sociologia da educação na perspectiva descolonizadora do saber.

Bibliografia básica:

BENISTE, José. *Mitos yorubás: O outro lado do conhecimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. *Descolonização e educação: diálogos e proposições metodológicas*. Curitiba: Editora CRV, 2013

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

Bibliografia complementar:

CARDOSO, Manuela. *Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: educação e infra-estruturas como factores de desenvolvimento*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

FREIRE, Paulo. *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MACHADO, Vanda. *Ilêlfé, o sonho do iaô Afonjá: mitos afro-brasileiros*. Salvador: Edufba, 2002.

MAZULA, B. *Educação, Cultura e Ideologia em Moçambique: 1975-1985*. Porto: Afrontamento e Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa, 1995.

VIEIRA, Laurindo. *Angola a dimensão ideológica da educação 1975-1992*. Luanda: Editora Nzila, 2004.

SOCIOLOGIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE INTERVENÇÃO SOCIAL

Ementa: Breve história da constituição da sociologia ocidental/clássica e a sua relação com o campo das humanidades. Perspectivas teóricas e metodológicas da sociologia clássica e contemporânea. Sociologia, conscientização e cidadania. Aplicação da sociologia na resolução dos problemas nas áreas sociais, culturais, artísticas, educacionais, econômicas, políticas. Sociologia das desigualdades raciais e sociais. Juventude e participação política.

Bibliografia básica:

BERGER, Peter L. **A construção Social da realidade**. Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985. BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRYM, Robert et al. **Sociologia: Sua bússola para um novo mundo**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

ELA, Jean-Marc. **Investigação científica e crise da racionalidade - Livro I**. Lisboa: edições Pedagogo, 2016.

GIDDENS, Antony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Bibliografia complementar:

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.
ELA, Jean-Marc. **A Investigação Africana Face ao Desafio da Excelência Científica**. Livro II. Lisboa: edições Pedagogo, 2016.
IANNI, Octavio. **Sociologia da sociologia**: o pensamento sociológico brasileiro. 3 ed. São Paulo: Ática, 1989.
PAIXÃO, Marcelo. **Desenvolvimento humano e relações raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

SOCIOLOGIA I

Ementa: Perspectiva histórica crítica do desenvolvimento da sociologia como ciência. Introdução ao debate e dilemas teóricos centrais da Sociologia a partir da contribuição das principais matrizes clássicas e seus desdobramentos contemporâneos. Crítica das matrizes epistemológicas hegemônicas. Sujeitos não hegemônicos como produtores do conhecimento sociológico. A imaginação sociológica como experiência crítica da sociedade.

Bibliografia básica:

ADESINA, J. **Prática da sociologia africana**: Lições de endogeneidade e gênero na academia. In: CRUZ e SILVA, Teresa, COELHO, João Borges; SOUTO, Amélia Neves. CRUZ E SILVA, Teresa; coelho, João Paulo Borges; SOTO, Amélia Neves de. **Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas**. Dakar, Senegal: Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África. (CODESRIA), 2012.
ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. SP Martins Fontes, 5ª Ed. 1999.
CHARBAUD-RYCHTER et. al. **O gênero nas Ciências Sociais**: Releitura crítica de Max Weber a Bruno Latour. UNB/UNESP: Brasília/São Paulo, 2014.
FERNANDES, Florestan. **O que é a sociologia?**. In: Elementos de sociologia teórica. São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/Companhia Editora Nacional, 1970.
QUINTANEIRO, Tânia. **Um Toque dos Clássicos**. Belo Horizonte: Ed. Minas Gerais, 2003.

Bibliografia complementar:

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: Notas sobre uma posição disciplinar. In: Sankofa 4 Afrocentricidade Uma abordagem epistemológica inovadora. Ed. Selo Negro, 2009.
DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, 2003.
GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Trad. S. R. Netz. 4ªed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SOCIOLOGIA II

Ementa: Pensamento Social Clássico: a sociologia de Emile Durkheim e o funcionalismo; Karl Marx o materialismo histórico e dialético; A sociologia de Max Weber. Apresentar criticamente a contribuição destes autores em diálogo com a sociologia africana, as questões gênero e as relações raciais.

Bibliografia básica:

DURKHEIM, E. **As Regras do Método Sociológico**. Martins Fontes, 2007.

MARX, K. O Capital [Livro I]: **Crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. [s.l.] Boitempo Editorial, 2015.

WEBER, Max; PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

_____. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora da UNB, 2009. Capítulo 1. Conceitos sociológicos fundamentais.

Bibliografia complementar:

AMADIUME, I. **Re-Inventing Africa: Matriarchy, Religion and Culture**. [s.l.] Zed Books, 1997.

CHARBAUD-RYCHTER et. al. **O gênero nas Ciências sociais: Releitura críticas de Max Weber a Bruno Latour**. UNB/UNESP: Brasília/São Paulo.

FERNANDES, Florestan. **Elementos de sociologia teórica**. São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/Companhia Editora Nacional, 1970.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1995.

MOORE, Carlos. **O marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão**. Belo Horizonte: Cenafro / Mandyala, 2010.

TEORIAS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS I

Ementa: Análise da origem e desenvolvimento das teorias clássicas das Relações Internacionais: Realismo, Liberalismo e Escola Inglesa. A Revolução Behaviorista e seus efeitos no campo das Relações Internacionais. Estudo do primeiro (Realistas e Liberais) e do segundo (Tradicionalistas e Cientificistas) debate das Relações Internacionais.

Bibliografia básica:

ROCHA, A. **Relações internacionais: Teorias e Agenda**. Brasília: FUNAG/IBRI, 2002.

MEDEIROS, M.; LIMA, M.; REIS, R.; VILLA, R. (orgs.), **Clássicos das Relações Internacionais**. São Paulo: Hucitec, 2010.

NOGUEIRA, J. P.; MESSARI, N. **Teoria das Relações Internacionais: Correntes e Debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

SEITENFUS, R. **Relações Internacionais**. São Paulo: Manole, 2004.

Bibliografia complementar:

BATISTA, P. **O Consenso de Washington: a visão neoliberal dos problemas latinoamericanos**. São Paulo: Pedex, 1994.

CARVALHO, M.; SANTOS, M. H. (orgs.). **O Século 21 no Brasil e no Mundo**. Bauru: Editora EdUSC, 2006.

FIORI, L. J. **O Poder Global**. São Paulo: Boitempo, 2007.

OLIVEIRA, H.; LESSA, A. **Política Internacional Contemporânea: mundo em transformação**. São Paulo: Saraiva, 2006.

PECEQUILO, C. **Introdução às relações internacionais: temas, atores e visões**. Petrópolis: Vozes, 2004.

TEORIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIA DA DOMINAÇÃO

Ementa: Teorias feministas da Segunda Onda; feminismo materialista e teoria de gênero/patriarcado; feminismo da diferença; teorias feministas da terceira onda; correntes feministas pós-coloniais e descoloniais; epistemologias da dominação e interseccionalidade, feminismo quer e crítica da identidade.

Bibliografia básica:

ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José. **Diferenças e igualdade**. São Paulo: Berlendis, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Volume único. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Org.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.

BAHRI, Deepika. **Feminismo e/no pós-colonialismo**. Revista Estudos Feministas, vol. 21, n. 2/2013.

BIROLI, Fabia; MIGUEL, Luis Felipe. **Teoria política e feminismo: abordagens brasileiras**. Vinhedo: Horizonte, 2012.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martin Fontes, 2013.

LOBO, Elisabeth S. **A classe operária tem dois sexos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

Bibliografia complementar:

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DORLIN, Elsa (org.). **Black Feminism. Anthologie du féminisme africain-américain (1975-2000)**. Paris: L'Harmattan, 2008.

GUILLAUMIN, Colette. **Enquanto tivéramos mulheres para nos darem filhos**. Revista Estudos Feministas, ano 2, 1994.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

TÓPICOS ESPECIAIS EM LITERATURA AFRICANA

Ementa: Estudo de obras de autores das literaturas africanas.

Bibliografia básica:

AUGEL, M. P. **O desafio do escombros**: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

MACEDO, T. e CHAVES, R. (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

M'BOKOLO, E. **África Negra**: história e civilizações. Tomo I. Salvador: Edufba/ Casa das Áfricas, 2008-2011. 2v.

Bibliografia complementar:

LEITE, A. M. **Literaturas Africanas e formulações pós-coloniais**. 2.ed. Lisboa: Colibri: 2003.

MAZRUI, A. et al. O desenvolvimento da literatura moderna. In: **História Geral da África**, vol. VIII. África desde 1935. Brasília: Unesco, 2010.

PADILHA, L. C. **Novos pactos, outras ficções**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PANTOJA, S; BERGAMO, E., SILVA, A. (Org.). **África contemporânea em cena – perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Intermeios, 2015.

PANTOJA, S; BERGAMO, E., SILVA, A. (Org.). **Angola e as angolanas**. São Paulo: Intermeios, 2016.

TÓPICOS AVANÇADOS DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA NA ÁFRICA

Ementa: A política externa brasileira desde a Independência até o fim da Guerra Fria. Relação entre política externa, contexto interno e estratégias de desenvolvimento. Autonomia e dependência. Inserção na região e na economia mundial. As relações com os Estados Unidos. Articulação entre a política externa brasileira, a busca do desenvolvimento e a construção do Estado nacional. Inserção brasileira em África no século XXI.

Bibliografia básica:

BUENO, C.; CERVO, A. L. **História da política exterior do Brasil**. Brasília: Editora UnB, 2002.

CERVO, A. L. **Inserção Internacional**: formação dos conceitos brasileiros. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

OLIVEIRA, H. A. de. **Política Externa Brasileira**. São Paulo: Saraiva, 2005.

PINHEIRO, L. **Política Externa Brasileira**: 1889-2002. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

VISENTINI, P. F. **Relações Exteriores do Brasil (1945-1964)**: O nacionalismo e a política externa independente. Petrópolis: Vozes, 2005.

Bibliografia complementar:

BANDEIRA, M. L. A. **O Expansionismo Brasileiro**: a Formação dos Estados na Bacia do Prata – Argentina, Uruguai e Paraguai - Da Colonização ao Império. 3. ed. Brasília: Editora UnB, 1998.

CORSI, F. L. **Estado Novo**: Política Externa e Projeto Nacional. São Paulo: Editora

Unesp, 2000.

DORATIOTO, F. **Maldita Guerra**: Nova História da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MOURA, G. **Relações Exteriores do Brasil 1939-1950**. Brasília: FUNAG, 2012.

RAFFAELLI, M. **A Monarquia e a República**. Aspectos das relações entre o Brasil e os Estados Unidos durante o Império. Brasília: Funag, 2006.

16 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior, *Resolução nº 2, de 18 de junho de 2007*.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Parecer nº 492, de 3 de abril de 2001a*.

BRASIL Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Parecer nº 9, de 8 de maio de 2001b*.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Superior. *Portaria nº 383, de 12 de abril de 2010*.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Parecer nº 329, de 11 de novembro de 2004*.

CENSO, I. B. G. E. Disponível em: < <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. **Acesso em**, v. 23, 2010.

FRAGA FILHO, Walter. **Migrações, itinerários e esperanças de mobilidade social no recôncavo bahiano após a Abolição**. Cadernos AEL, v.14, n.26, 2009.

SANTOS, Milton. A rede urbana do Recôncavo. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia – sociedade e economia em transição**. Salvador: Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.

SEABRA, Odette; CARVALHO, Mônica de; LEITE, José Corrêa. **Território e sociedade**: entrevista com Milton Santos. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

SOUZA, Cristiane. **Trajetória de migrantes e seus descendentes**: transformações urbanas, memória e inserção na metrópole baiana. 2013. Tese

(doutorado em Antropologia Social). Programa de pós-graduação em Antropologia Social da UNICAMP, 2013.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA. **Diretrizes Gerais**, 2010. Disponível em: http://pdi.UNILAB.edu.br/wpcontent/uploads/2013/08/Diretrizes_Gerais_UNILAB.pdf Acesso em: 27 fev. 2015.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA. *UNILAB. Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul*. Redenção: UNILAB, 2013

CONTROLE DE REVISÕES

Nº da revisão	LOCALIZAÇÃO ³	TEXTO MODIFICADO	DATA
1.	p. 36	Inclusão da referência nominal ao PSEE (Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros) atualmente vinculado à Pró-Reitoria de Relações Institucionais (Proinst)	15/10/2019
2.	p. 38-39	Revisão do item “7. Metodologia”, com indicação da valorização de metodologias inovadoras; da utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) e da inclusão de conceitos direcionados para a interiorização e internacionalização, com ênfase na abordagem da realidade de países lusófonos	15/10/2019
3.	p. 48	Inclusão, no título do tópico 10, da expressão “Integralização Curricular”, passando a ficar “Estrutura e Integralização Curricular”	15/10/2019
4.	p. 48	No tópico “10. Estrutura e Integralização Curricular”, referência à oferta da disciplina de LIBRAS, em atendimento ao Decreto Federal n.º 5.626 de 22/12/2005	15/10/2019
5.	p. 48	No tópico “10. Estrutura e Integralização Curricular”, destaque à oferta de disciplinas que abordam temáticas relacionadas à história e à cultura afro-brasileira, em conformidade à Resolução CNE/CP n.º 01, de 17 de junho de 2004	15/10/2019
6.	p. 49	No tópico “10. Estrutura e Integralização Curricular”, ênfase à oferta de componente curricular que aborda conteúdos que debatem os direitos humanos, conforme Resolução CNE/CP n.º 01, de 30 de maio de 2012	15/10/2019
7.	p. 48	No tópico “10. Estrutura e Integralização Curricular”, destaque à oferta de componente curricular que aborda conteúdos que contemplam aspectos ambientais, consoante Resolução CNE/CP nº 02, de 15 de junho de 2012	15/10/2019
8.	p. 48	No tópico “10. Estrutura e Integralização Curricular”, indicação da oferta de disciplinas na modalidade à distância, respeitando-se os limites estipulados pela legislação vigente, com destaque à Portaria MEC n.º 1.428/2018	15/10/2019
9.	p. 131	Inclusão das ementas dos componentes do Núcleo Optativo – Eixo Geral “Literaturas em Língua Portuguesa: o modernismo” e “Políticas Linguísticas”	15/10/2019
10.	p. 108	Inclusão da ementa do componente curricular “Epistemologia das Ciências Sociais”, da área de Concentração Ciências Sociais	15/10/2019
11.	p. 58	No tópico “10.3 Trabalho de Conclusão de Curso”,	15/10/2019

³ Nesta coluna constam as páginas referentes ao volume III, sempre que possível, na coluna “TEXTO MODIFICADO” indicam-se em quais páginas a alteração se encontra no volume IV.

		atualização da referência normativa para Resolução CONSUNI/UNILAB n.º 11/2017, em substituição à Resolução CONSUNI/UNILAB n.º 14/2016	
12.	p. 66	No tópico “10.4.1 Atividades Complementares”, indicação da forma e do período letivo em que ocorrerá a comprovação das Atividades Complementares.	15/10/2019
13.	p. 74	No tópico “11. Avaliação”, atualização da referência normativa para Resolução CONSUNI/UNILAB n.º 27/2014, em substituição à Resolução CONSUNI/UNILAB n.º 27/2013 e inclusão de item sobre avaliação do curso, caracterizando as atividades da Comissão Própria de Avaliação (CPA).	15/10/2019
14.	p. 84	No subitem “13.1 Funcionamento do Colegiado do Curso”, indicação da periodicidade das reuniões do colegiado	15/10/2019
15.	p. 86	No subitem “13.2 Atuação do Núcleo Docente Estruturante”, indicação da periodicidade das reuniões do NDE	15/10/2019
16.	p. 90	No subitem “14.2 Acessibilidade”, inclusão da referência à Decreto nº 5.296/2004	15/10/2019
17.	p. 90	Inclusão do subitem “14.2 Comitê de Ética em Pesquisa”, em que consta a indicação dos procedimentos para submissão de projetos ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) para as pesquisas envolvendo seres humanos realizadas no curso	15/10/2019
18.		Exclusão da ementa do componente curricular “Fundamentos Filosóficos e Práticos da Capoeira e do Samba” que se encontra repetida	15/10/2019
19.		Exclusão da ementa do componente curricular “Sociologia Digital”, que não estava presente em nenhum dos núcleos que compõem o “Quadro 7 – Componentes Curriculares por Núcleos”	15/10/2019
20.	p. 56	Inclusão do componente curricular “Humanidades Digitais” no Núcleo Optativo do Eixo Geral	15/10/2019